



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA

ARMANDO AUGUSTO SIQUEIRA

GUERRA, CENSURA E AMERICANIZAÇÃO PELAS ONDAS DO RÁDIO:
UM ESTUDO SOBRE A RÁDIO CLUBE NA ÉPOCA DA SEGUNDA
GUERRA MUNDIAL (1941-1944)

RECIFE
2017

ARMANDO AUGUSTO SIQUEIRA

GUERRA, CENSURA E AMERICANIZAÇÃO PELAS ONDAS DO RÁDIO: UM
ESTUDO SOBRE A RÁDIO CLUBE NA ÉPOCA DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL
(1941-1944)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da UFPE, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Professor Dr. José Bento Rosa da Silva.

RECIFE
2017

Catálogo na fonte
Bibliotecária: Maria Janeide Pereira da Silva, CRB4-1262

- S618g Siqueira, Armando Augusto.
Guerra, censura e americanização pelas ondas do rádio : um estudo sobre a Rádio Clube na época da Segunda Guerra Mundial (1941-1944) / Armando Augusto Siqueira. – 2016.
137 f. : il. ; 30 cm.
- Orientador : Prof. Dr. José Bento Rosa da Silva.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
Programa de Pós-Graduação em História, Recife, 2016.
Inclui referências e apêndices.
1. História. 2. Guerra Mundial, 1939-1945. 3. Rádio. 4. Aculturação. 5. Americanização. 6. Censura. 7. Segunda Guerra Mundial. I. Silva, José Bento Rosa da (Orientador). II. Título.

ARMANDO AUGUSTO SIQUEIRA

**GUERRA, CENSURA E AMERICANIZAÇÃO PELAS ONDAS DO RÁDIO: UM
ESTUDO SOBRE A RÁDIO CLUBE NA ÉPOCA DA SEGUNDA GUERRA
MUNDIAL (1941-1944)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Aprovada em: 26/08/2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof^o. Dr. José Bento Rosa da Silva (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^o. Dr. Flávio Weinstein Teixeira (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^o. Dr. Dilton Cândido Santos Maynard (Examinador Externo)
Universidade Federal de Sergipe

Prof^a Dr. Giselda Brito Silva (Examinador Externo)
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Dedico este trabalho a todos os radialistas de Pernambuco e à minha mãe, Rita de Cássia Siqueira, que sempre esteve ao meu lado em todos os momentos.

AGRADECIMENTOS

Ao término desta etapa de minha formação acadêmica, gostaria de agradecer primeiramente ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco pelo apoio e suporte à minha pesquisa, assim como pela oportunidade de desenvolver e de realizar este trabalho.

Agradeço especialmente ao meu orientador e mestre, o professor José Bento Rosa da Silva, pelos conselhos, pelas lições, pela confiança prestada e pelas orientações dadas no decorrer da pesquisa, principalmente pelo estímulo que me foi dado ao trazer a temática de minha pesquisa para desenvolvê-la na linha de Mundo Atlântico no Programa de Pós-Graduação em História da UFPE, principalmente aos professores e professoras da linha Mundo Atlântico, pelas aulas ministradas com qualidade e comprometimento, pelo aprendizado, o convívio e a troca de ideias.

Não poderia deixar de mencionar a equipe da secretaria deste programa de Pós Graduação, em especial a Sandra Regina, que muito me orientou nos procedimentos burocráticos e na resolução de questões no âmbito acadêmico. Sem sua colaboração, nós alunos ficaríamos desorientados.

Ademais, agradeço de muito bom grado a minha querida mãe Rita de Cássia Siqueira pelo apoio incondicional, pela paciência e pelo incentivo, principalmente nos momentos difíceis que enfrentei no desenrolar da pesquisa. Aos amigos de curso e de pesquisa Manoel Felipe, Julie Leite, Amanda Barlavento, Rafaela Valença, Elton Flor, Marlíbia Raquel e Deise Albuquerque pela convivência, troca de experiências e pelo clima de ajuda mútua e cooperação entre nós. Agradeço a todos vocês pelas referências e indicações bibliográficas e pela colaboração e descontração durante as pesquisas realizadas nos arquivos, tornando estes momentos menos maçantes e mais agradáveis. Aproveitando o ensejo, agradeço também a toda a equipe do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (APEJE) e da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ), os principais arquivos que consultei durante a minha pesquisa.

Jamais poderia deixar de agradecer pela colaboração de dois grandes profissionais do rádio pernambucano: Luís Maranhão Filho e Renato Phaelante. Sem suas orientações, referências e depoimentos, esta pesquisa seria incompleta.

Peço desculpas por alguma omissão que porventura tenha ocorrido. Agradeço a todos que, de alguma forma, contribuíram para minha pesquisa. Obrigado a todos.

“O rádio permitia uma encenação de caráter simbólico e envolvente, estratégias de ilusão participativa e de criação de um imaginário homogêneo de comunidade nacional. O importante do rádio não era o que era passado e sim como era passado, permitindo a exploração de sensações e emoções propícias para o envolvimento político dos ouvintes”.

Alcir Lenharo

RESUMO

Analisaremos as representações do Eixo e dos Aliados na programação da Rádio Clube de Pernambuco durante a II Guerra Mundial, entre 1941-1944, identificando os mecanismos de censura e os elementos de americanização que se fizeram presentes na programação da emissora a partir da entrada do Brasil no conflito mundial. Nesse contexto, o Brasil torna-se um importante aliado para os Estados Unidos da América na defesa do Atlântico Sul e o Nordeste brasileiro ganha importância na defesa continental contra o Eixo. Mas a defesa territorial por si só não bastava. Era necessário criar uma imagem negativa do Eixo e consolidar o *American Way of Life* como paradigma a ser seguido. Para tanto, foi criado o *Office of Coordinator of Inter-American Affairs* (OCIAA), órgão que coordenaria os esforços econômicos e culturais para propagar os valores do americanismo para os latino-americanos. Neste órgão, destaca-se a Divisão de Rádio, que enviou programas radiofônicos produzidos em português para serem irradiados nas rádios brasileiras, inclusive na Rádio Clube de Pernambuco (PRA8), que nesse período foi alvo da censura exercida pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) no Estado Novo. Todavia, esta censura estava atrelada ao contexto mais amplo do alinhamento do Brasil ao bloco dos Aliados durante a Segunda Guerra, abandonando sua posição de neutralidade diante do conflito mundial.

Palavras-Chave: Segunda Guerra Mundial. Rádio Clube de Pernambuco. Representações. Americanização. Censura.

ABSTRACT

We seek to analyze the representations of the Axis and the Allies in the programming of Radio Club of Pernambuco during World War II, between 1941-1944, identifying the mechanisms of censorship and the Americanization of elements that were present in the station's programming since the entry of Brazil in the global conflict. In this context, Brazil becomes an important ally to the United States in the defense of the South Atlantic and Northeast Brazil gains importance for the U.S. defense against the Axis. But territorial defense alone was not enough. It was necessary to create a negative image of the Axis and consolidate the American Way of Life as a paradigm to be followed. Therefore, was created the *Office of Coordinator of Inter-American Affairs* (OCIAA), an agency that would coordinate the economic and cultural efforts to propagate Americanism values for the Latin Americans. In this agency, we emphasize the Radio Division, which sent programs produced in Portuguese for Brazilian radios, including PRA8, in which period had to face censorship exercised by the Department of Press and Propaganda (DIP) in the New State. However, this censorship was linked to the broader context of Brazil's alignment to block the Allies during World War II, leaving its position of neutrality in the face of world conflict.

Keywords: Second World War. Radio Club of Pernambuco. Representations. Americanization. Censorship.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APEJE - Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano
DEIP - Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda
DIP - Departamento de Imprensa e Propaganda
DOPS - Delegacia de Ordem Política e Social
EUA - Estados Unidos da América
FUNDAJ - Fundação Joaquim Nabuco
OCIAA - Office of the Coordinator of Inter-American Affairs
PPGH - Programa de Pós-Graduação em História
PRA8 - Prefixo da Rádio Clube de Pernambuco
UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	O DESENVOLVIMENTO E A CONSOLIDAÇÃO DO RÁDIO COMO MEIO DE COMUNICAÇÃO.....	18
2.1	O rádio e a sua trajetória.....	20
2.2	Os pensadores e o rádio.....	28
2.3	Os historiadores brasileiros e o rádio.....	41
3	A PRA8 E A GUERRA NO ÉTER.....	48
3.1	A PRA8 e a sua trajetória.....	51
3.2	De asas cortadas: a PRA8 no governo de Agamenon Magalhães.....	59
3.3	O DIP, o DEIP e a censura sobre as notícias de guerra na PRA8.....	66
3.4	Os súditos do Eixo na programação da PRA8.....	75
4	O OFFICE OF THE COORDINATOR OF INTER-AMERICAN AFFAIRS, A POLÍTICA DE BOA VIZINHANÇA E A PRA8.....	90
4.1	A política da Boa Vizinhança.....	93
4.2	Office of the Coordinator of Inter-American Affairs: a superagência de Nelson Rockefeller.....	97
4.3	O OCIAA e sua Divisão de Rádio.....	107
4.4	O conflito Eixo versus Aliados e o processo de americanização na PRA8.....	114
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	126
	REFERÊNCIAS.....	128
	APÊNDICE.....	137

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho analisaremos as representações do Eixo e dos Aliados na programação da Rádio Clube de Pernambuco durante a Segunda Guerra Mundial, identificando os mecanismos de censura e os elementos de americanização que se fizeram presentes na programação da emissora a partir da entrada do Brasil no conflito mundial.

Procuramos inserir a história local em problemáticas mais amplas como a das relações Brasil-Estados Unidos e o programa de cooperação e solidariedade hemisférica estabelecido pelo *Office* no contexto da Política da Boa Vizinhança, tendo a Rádio Clube de Pernambuco como foco principal desta trama.

Adotaremos como recorte o período entre 1941 a 1944, onde o Brasil adere gradativamente ao bloco dos Aliados no decorrer da Segunda Guerra. Nesse contexto, o Brasil torna-se um importante aliado para os EUA na defesa do Atlântico Sul e o Nordeste brasileiro ganha importância para a defesa americana contra um possível ataque do Eixo devido sua proximidade com a África e sua posição favorável para a vigilância do Atlântico. Mas a defesa territorial por si só não bastava. Era necessário criar uma imagem negativa do Eixo e desconstruir seus respectivos valores, consolidando o *American Way of Life* como paradigma a ser seguido pelos latino-americanos. Fazia-se necessário travar e vencer a guerra também na esfera psicológica, onde as forças do Eixo ameaçavam a influência e a hegemonia norte-americana sobre a América Latina.

Para analisar o processo de construção de representações acerca do Eixo, dos Aliados e do quinta-coluna nos programas irradiados na Rádio Clube, utilizamos o conceito de *representações* de Roger Chartier, concebendo-as como classificações que organizam a apreensão do mundo social como categorias de percepção do real.¹ Para Chartier, mais do que o conceito de *mentalidade*, a ideia de representação possibilita a articulação entre as formas institucionalizadas pelas quais os grupos sociais ou os indivíduos demarcam a sua existência como tal, ocorrendo o processo de classificação e delimitação que produzem múltiplas configurações intelectuais, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diversos segmentos da sociedade, onde cada grupo exibe uma maneira própria de estar no mundo, representando simbolicamente um estatuto e uma posição.²

¹ CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 2002.

² Cf. CHARTIER, op. cit., p. 23.

Com relação à bibliografia, para o estudo da propaganda política e da censura aos meios de comunicação no Estado Novo, *Multidões em cena*, de Maria Helena Capelato, constitui-se como obra fundamental. Esta obra tem como questão norteadora a análise do caráter autoritário na propaganda estado-novista e peronista veiculada nos meios de comunicação, que tinha como objetivo a conquista das massas. Para Capelato, este sistema propagandístico teve como paradigma a propaganda da Alemanha nazista, havendo uma reformulação dos mecanismos de controle social que foram adequados aos regimes de Vargas e Perón. Para Capelato, o controle da imprensa e a supressão de publicações dos opositores, assim como o emprego dos meios de comunicações no sentido moderno são os elementos que mais aproximam o varguismo e o peronismo do nazi-fascismo.³

Já em relação ao processo de americanização (que além do cinema, também era feito através do envio de programas produzidos nos EUA e enviados para serem irradiados pela Rádio Clube em sua programação durante a Segunda Guerra) temos como principal referência para este trabalho a obra de Antônio Pedro Tota, *O Imperialismo sedutor*, onde o autor focaliza o fenômeno da americanização da sociedade brasileira, analisando este processo a partir das diversas ações empreendidas pelo *Office* através da Divisão de Rádio, Imprensa e Cinema no sentido de combater o antiamericanismo e os valores do Eixo, divulgando e promovendo o *American Way of Life* através de filmes, músicas e programas de rádio. O autor concebe o americanismo como uma “ideologia programática, em que o sufixo *-ismo* tinha se transformado num poderoso armamento intencional, com o claro objetivo de suplantar outros *-ismos*, autóctones ou não”.⁴

Este processo de americanização também coincide com o advento do Estado Novo no Brasil, onde a censura foi a principal arma utilizada para anular e neutralizar os discursos contrários ao projeto de nação estado-novista. Tal censura ora foi mais intensa, ora foi mais disfarçada e maquiada, de acordo com as circunstâncias e conveniências. De início, coube a polícia a tarefa de censurar e controlar os jornais e emissoras de rádio, principais meios de comunicação e divulgação de ideias da época. Com o decorrer do tempo, foram adaptadas salas especiais dentro das rádios para que os censores ouvissem e controlassem a programação diária e, se necessário, relatassem alguma irregularidade. Com a Rádio Clube de Pernambuco não foi

³ CAPELATO, Maria Helena. **Multidões em cena**: propaganda política no varguismo e no peronismo. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

⁴ TOTA, Antônio Pedro. **O imperialismo sedutor**: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 19, grifo do autor.

diferente. Pioneira no Brasil (iniciou suas atividades em seis de abril de 1919), a PRA8⁵, como era conhecida, não escapou da rede de controle e censura exercido pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) instalado por Vargas; a nível estadual houve também a atuação do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda de Pernambuco (DEIP-PE) órgão da Interventoria de Agamenon Magalhães em Pernambuco que também atuou no tocante a censura à imprensa pernambucana e também sobre a Rádio Clube.

Contudo, esta censura não estava somente relacionada ao controle e vigilância do Estado Novo, mas sim a um contexto bem mais amplo e complexo, que tinha como pano de fundo a Segunda Guerra Mundial e o alinhamento do Brasil ao bloco dos Aliados no conflito, de modo que, a partir do momento em que o Brasil coloca os portos de Recife e Salvador a disposição da força naval norte-americana que estava em serviço de patrulhamento no Atlântico sul em meados de 1941, podemos inferir que o governo brasileiro se contrapõe aos países do Eixo, abandonando sua posição de neutralidade no cenário de beligerância.⁶ Esta posição viria a consolidar-se com o rompimento das relações econômicas e diplomáticas com o Eixo na III Reunião de Consulta dos Ministros das Relações Exteriores Americanas realizada em janeiro de 1942 na cidade do Rio de Janeiro, culminando com a declaração do estado de beligerância contra os países do Eixo sete meses após o afundamento de navios mercantes brasileiros por submarinos alemães.

Neste contexto, tornava-se necessário a construção de uma imagem negativa dos países do Eixo, criticando seus regimes ditatoriais que tanto atraíam a simpatia de militares e de membros do governo Vargas, como Francisco Campos – autor da Constituição do Estado novo, conhecida como a “Polaca” - e instituir e consolidar o *American Way of Life* como o novo paradigma a ser seguido. Era também necessário travar e vencer a guerra no aspecto ideológico contra as forças do Eixo que estavam propagando-se pelo Brasil neste momento, encontrando-se em estágio de ascensão e ameaçando a influência e a hegemonia norte-americana sobre a América Latina.

Com o objetivo de obter êxito no campo ideológico frente ao Eixo, o governo Roosevelt cria no dia 16 de agosto de 1940 um Birô:

⁵ As emissoras de rádio possuíam prefixos que as identificavam entre as demais a nível estadual, nacional e também internacional. Estes prefixos foram criados pelo então Ministério da Viação no governo Vargas. Em meados da década de 30, o prefixo da Rádio Clube passa a ser o PRA8. CÂMARA, Renato Phaelante. **Fragmentos da história do Rádio Clube de Pernambuco**. Recife: CEPE, 1998, p. 49.

⁶ Cf. FONSECA, Manoel Felipe Batista da. **Base Fox: aspectos do estabelecimento e do desenvolvimento da base naval da U.S. Navy no Recife durante a Campanha do Atlântico Sul (1941-1943)**. 2014. 180 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

Destinado a coordenar os esforços dos Estados Unidos no plano das relações econômicas e culturais com a América Latina. Chefiado pelo jovem Nelson Rockefeller, essa superagência chamou-se a princípio *Office of Coordinator of Commercial and Cultural Relations between the American Republics*. Um ano mais tarde, o nome foi simplificado para *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs*, pelo qual ficou conhecido até o final da guerra.⁷

Dentre as suas principais divisões, havia a Divisão de Imprensa e Publicações que, juntamente com a Divisão de Rádio, tinha como objetivo a difusão de informações positivas sobre os Estados Unidos através de uma rede de comunicação mantida pelo OCIAA e contra-atacar a propaganda do Eixo, além de difundir uma imagem positiva dos outros países latino-americanos nos Estados Unidos.⁸ De acordo com o então diretor da divisão de rádio do *Office*, Dom Francisco, o rádio ajudaria no sentido de criar uma opinião pública dinâmica no Hemisfério Ocidental, apoiando efetivamente o esforço de guerra das Repúblicas americanas.

Para o estudo da radiodifusão brasileira e sua relação com *Office* e a política da Boa Vizinhaça, a obra de Marquilandres Borges de Sousa, *Rádio e propaganda política: Brasil e México sob a mira norte-americana durante a Segunda Guerra* também constituiu-se como obra fundamental para esta pesquisa. Em seu estudo comparativo sobre radiodifusão mexicana e brasileira durante a Segunda Guerra Mundial, o autor aborda o rádio como elemento de propaganda ideológica, servindo para adequar a América Latina aos fins da política externa dos Estados Unidos, mais especificamente em relação aos objetivos da *Good Neighbor Policy* para a América Latina. O autor também discute o impacto da programação produzida pela Divisão de Rádio do *Office* sobre o ânimo das populações brasileira e mexicana, concluindo que há dificuldades para se avaliar com exatidão o peso da ação da política cultural do *Office*. Mas conclui que não se pode afirmar de maneira simplista que tanto o Brasil quanto o México foram submetidos a um processo absoluto de americanização – divergindo de Antônio Pedro Tota – não sendo a América Latina uma “vítima” da dependência cultural proveniente de uma suposta “fraqueza congênita”. Pelo contrário. Demonstra que houve diálogos, reação e resistência por parte dos latino-americanos, onde o Brasil e México não tiveram uma atitude meramente receptiva e passiva diante da política cultural norte-americana executada pelo *Office*.⁹

⁷ MOURA, Gerson. **Tio Sam chega ao Brasil**: a penetração cultural americana. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 20.

⁸ TOTA, op. cit., p. 55.

⁹ SOUSA, Marquilandres Borges de. **Rádio e propaganda política**: Brasil e México sob a mira norte-americana durante a Segunda Guerra. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2004.

* * *

Com relação à literatura referente à temática do rádio brasileiro, quer seja durante Estado Novo ou durante a Segunda Guerra, ao contrário do que acontece com as rádios do Sul e Sudeste, verifica-se a carência de estudos acadêmicos sobre o rádio em Pernambuco, mais especificamente sobre a Rádio Clube de Pernambuco. Nas poucas obras dos pesquisadores e radialistas que se dedicaram ao estudo da PRA8, podemos verificar lacunas tanto analíticas quanto documentais.

O caráter memorialístico prevalece sobre os trabalhos acerca da Rádio Clube de Pernambuco, onde os trabalhos estão calcados na defesa de um pioneirismo da Rádio Clube de Pernambuco em relação à radiodifusão nacional, pois há um esforço constante – principalmente nas obras de Luiz Maranhão Filho – em atestar o surgimento da radiodifusão no Brasil a partir da experiência da PRA8 como a primeira emissora de rádio criada no país.

Dentre esses trabalhos, vale mencionar a obra *Fragmentos de História do Rádio Clube de Pernambuco*, do radialista e pesquisador da FUNDAJ, Renato Phaelante, onde o autor analisa a fundação da emissora utilizando-se de uma série de documentos, como revistas de rádio da época e depoimentos de profissionais que também atuaram na PRA8, abordando os diversos aspectos da programação cultural, esportiva e informativa da Rádio.¹⁰ Outro autor que se escreveu sobre a emissora foi o jornalista e radialista Luiz Maranhão Filho, autor das obras *Raízes do Rádio* e *Memória do Rádio*, obras que analisam a Rádio Clube e sua programação, desde o seu surgimento até o seu desenvolvimento e consolidação como uma das principais emissoras do Brasil. A obra é constituída também de relatos e testemunhos de seu pai Luiz Maranhão, que atuou na emissora como ator de radionovelas e também de radioteatro, assim como de outros profissionais como Ziul Matos, Abílio de Castro entre outros. Neste trabalho, estes relatos serão importantes na medida em que podemos utilizá-los como fontes orais confrontando-os com a documentação escrita e oficial referente a PRA8 encontrada nos demais arquivos.¹¹

No tocante às fontes, para uma análise pormenorizada do processo de americanização e de censura sobre a Rádio Clube de Pernambuco durante o período em questão, o principal arquivo consultado foi o Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (APEJE). Neste arquivo podemos encontrar uma gama de fontes sobre o período que este trabalho estabelece como recorte, contendo fotografias, registros da Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS),

¹⁰ CÂMARA, op. cit.

¹¹ MARANHÃO FILHO, Luiz. **Memória do Rádio**. Recife: Editora Universitária UFPE, 2000.

especialmente a documentação contida nos fundos da Rádio Clube, do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (DEIP) e da Interventoria de Agamenon Magalhães, além dos Prontuários Individuais dos funcionários da emissora que foram investigados pela polícia nesse período. Nesses fundos, podemos encontrar em bom estado uma considerável documentação referente à PRA8, contendo listagem de programas irradiados, documentos com determinações referentes à censura, processos de funcionários da emissora, portarias, ofícios e telegramas do DIP e do DEIP fiscalizando e proibindo a publicação de notícias sobre determinados assuntos como a movimentação de navios e tropas norte-americanas no Recife de então; documentos contendo ordens expressas no sentido de proibir a reprodução de músicas de compositores alemães e italianos e ofícios e portarias do Escritório de Coordenação Americana do *Office* no Recife com listagem de programas americanos em português para serem irradiados na PRA8. Através de sua análise, esta documentação nos permite vislumbrar as intenções dos órgãos governamentais nacionais e norte-americanos encarregados da censura e propaganda para com a radiodifusão brasileira durante a Segunda Guerra.

Ainda com relação ao APEJE, mais especificamente em sua Hemeroteca, encontramos o periódico *Folha da Manhã*, que além de dispor da programação da Rádio Clube, contém matérias e reportagens referentes à emissora, assim como os editoriais de caráter doutrinário escritos por Agamenon Magalhães para serem lidos e irradiados. Outro periódico importante que foi consultado nesta pesquisa foi o *Diário de Pernambuco*, onde podemos encontrar notícias sobre a fundação da emissora e informações sobre seus primeiros integrantes. Este jornal pode ser encontrado em bom estado tanto nos arquivos da FUNDAJ como também no site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, onde pode ser consultado *on-line*.

O trabalho será dividido em três capítulos, onde no primeiro abordaremos os principais pensadores que discutiram acerca do rádio nas décadas de 30 e 40, debatendo sobre as potencialidades, a estética e os diversos usos do rádio. Neste capítulo também abordamos as principais obras dos historiadores brasileiros e seus respectivos trabalhos acerca da temática do rádio, tanto a nível nacional como a nível local.

O segundo capítulo focaliza a Rádio Clube de Pernambuco, onde abordamos o surgimento da emissora no contexto do surgimento das primeiras sociedades e clubes de radioamadores do Brasil. A criação da emissora, o seu desenvolvimento e a sua consolidação também são aspectos importantes abordados neste capítulo, assim como a sua relação com o Estado Novo e com a Interventoria de Agamenon Magalhães em Pernambuco. Nesse sentido, abordamos a Rádio Clube de forma que possamos estabelecer as relações desta emissora com os órgãos encarregados da censura à imprensa e as emissoras no período, que era executada a

nível federal pelo DIP e a nível estadual pelo DEIP-PE. Buscamos analisar os impactos da censura em torno da cobertura da guerra, assim como a programação enviada para a emissora durante o período em questão. As imagens e representações do Eixo e de seus respectivos súditos também são analisadas nesse capítulo, principalmente depois da declaração de guerra do Brasil aos países do Eixo.

Por fim, o terceiro capítulo trata da americanização promovida pelos Estados Unidos para combater as influências do Eixo na América Latina (mais especificamente no Brasil) do período que vai desde a Política da Boa Vizinhança até o desfecho da Segunda Guerra Mundial, analisando a atuação do *Office of Coordinator of Inter-American Affairs* (OCIAA) no que se refere a utilização dos meios de comunicação para divulgar o *American Way of Life*, neste caso, através da atuação da Divisão de Rádio do referido órgão. As ações da política de difusão cultural do *Office* dentro do contexto da Política de Boa Vizinhança do governo Roosevelt que tinham como objetivo combater a propaganda do Eixo; a programação radiofônica produzida nos EUA que foi enviada para as emissoras brasileiras; as modificações na grade de programação da Rádio Clube após a entrada do Brasil na Segunda Guerra ao lado dos Aliados e as representações do Eixo e dos Aliados na programação da PRA8 são os tópicos explorados nesse capítulo.

2 O DESENVOLVIMENTO E A CONSOLIDAÇÃO DO RÁDIO COMO MEIO DE COMUNICAÇÃO

O rádio provocou mudanças significativas na sociedade de massas do século XX. Antes do seu aparecimento, a imprensa era o principal meio de informação no qual as pessoas tinham acesso. Todavia, a partir do surgimento do rádio, não só a maneira de se informar foi modificada, mas também as formas de entretenimento foram efetivamente alteradas. Com o advento do rádio, verifica-se o início do processo de consolidação dos meios de comunicação de massa (*mass media*) como elementos que influenciam fortemente no cotidiano das pessoas. Desde então, vislumbrou-se pela primeira vez uma gama de possibilidades para este novo meio, dentre as quais a transmissão ao vivo de determinados eventos, acompanhando-se de perto os acontecimentos do dia-a-dia; a transmissão de boletins jornalísticos e esportivos, como também de programas de entretenimento foi outra possibilidade explorada pelos radialistas, levando-se a cidade ao campo, assim como o futebol e a música para o recôndito dos lares. Sem dúvida, o rádio criou novos hábitos e tendências, inovou estilos, construiu práticas cotidianas e estimulou novos tipos de sociabilidade.

Não podemos conceber o surgimento do rádio como sendo o fruto de uma invenção genial, atribuindo-se a criação deste meio de comunicação unicamente a um determinado cientista ou inventor que se destacou entre os demais. Conforme Jean Tardieu, não podemos entender o rádio como sendo uma realidade monolítica, uma arte ou uma técnica somente. Devemos concebê-lo como resultado de uma grande soma de operações científicas e culturais, individuais e coletivas; algumas antigas, outras recentes, que podem ser aglomeradas e fundidas em um todo dotado de vida e matéria.¹² Estas operações estabelecem vínculos entre produtores e consumidores numa ampla e complexa rede que envolve boa parte da sociedade. Vários foram os cientistas e pesquisadores de diversas áreas do conhecimento que, de alguma forma, contribuíram para que o rádio surgisse e se efetivasse como um dos principais meios de comunicação de nossa era, tornando-se “a primeira e mais mágica das mídias eletrônicas”¹³. Desde o descobrimento das ondas hertzianas até a invenção do transistor, podemos constatar que houve vários esforços no sentido de aperfeiçoar e popularizar o rádio, a fim de consolidá-lo como um *mass media*.

¹² TARDIEU, Jean. *Grandeurs et faiblesses de la radio: essai sur l'évolution, le rôle et la portée culturelle l'art radiophonique dans la société contemporaine*. Paris, UNESCO, 1969, p. 17. APUD CALABRE, Lia. **O historiador e o rádio: relações em questão**. Trabalho apresentado ao NP 6-Rádio e Mídia Sonora do V encontro dos núcleos e pesquisas do INTERCOM, 5 a 9 de setembro de 2005.

¹³ MEDITISCH, Eduardo. **Teorias do rádio: textos e contextos**. Florianópolis: Insular, Vol. 1, 2005, p.12.

Na revolução verificada na esfera das comunicações – que, ao lado da revolução industrial, pode ser vista como parte de um mesmo processo – o rádio teve papel relevante. Se a televisão precedeu ao computador, da mesma forma que a impressão gráfica antecedeu o motor a vapor, o rádio antecedeu a televisão, assim como os automóveis e aviões foram precedidos pelas ferrovias e os navios a vapor. Todavia, de acordo com Briggs, “a sequência não manteve um ritmo regular, e cada demora precisa ser explicada”. Da mesma forma que o avião necessitou do motor de combustão interna para se efetivar como meio de transporte, a telegrafia sem fio não pode prescindir do rádio. Posteriormente, o advento da telefonia sem fio foi importante no sentido de introduzir uma “era da radiodifusão, primeiro em palavras, depois em imagens”.¹⁴

O rádio também passou a ser objeto de várias reflexões dos principais pensadores durante a primeira metade do século XX, dentre os quais estão Theodor Adorno e Max Horkheimer, pioneiros nos estudos do rádio no âmbito acadêmico. Posteriormente, outros pensadores de renome do século XX também voltaram suas atenções para o rádio, tais como: Walter Benjamim, Bertold Brecht, Pierre Schaeffer, entre outros. O uso político-ideológico do rádio, o seu poder propagandístico, a estética, a linguagem radiofônica e suas demais potencialidades foram os principais pontos abordados por estes teóricos. Estes pensadores abordaram o rádio em seus múltiplos aspectos, influenciando também os estudos contemporâneos de outros autores.

Apesar da importância e do papel social desempenhado pelo rádio em seus mais de 90 anos de história no Brasil, com sua riqueza e variedade de conteúdos veiculados nas diversas emissoras, vale ressaltar que o número de trabalhos acerca do tema produzidos no campo da história e das ciências sociais ainda é mínimo. Por outro lado, apesar das lacunas, o rádio vem se tornando objeto de estudo dos historiadores contemporâneos, mostrando-se uma seara promissora no campo da história; num primeiro momento, o rádio foi abordado entre as décadas de trinta e quarenta na historiografia brasileira. Com o passar do tempo, tanto surgem obras a nível local como também de caráter revisionista, com novas e amplas abordagens, contribuindo cada vez mais para que o rádio se torne um campo profícuo e promissor na historiografia brasileira.

¹⁴ BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia**: de Gutemberg à internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2006, p. 112.

2.1 O rádio e sua trajetória

Atualmente, mesmo com o advento e a consolidação da Internet – a rede mundial de computadores – como grande plataforma de intercâmbio de informações, trazendo mudanças em nosso cotidiano e revolucionando a maneira como nos comunicamos, não podemos duvidar – nem tampouco negar – a importância do rádio em nossas vidas, influenciando nosso comportamento e criando novos hábitos de consumo, atendendo também as demandas simbólicas por entretenimento, informação, lazer e companhia.

Mas para que isto fosse possível, foi necessário que vários desafios fossem vencidos e superados por vários pesquisadores no decorrer do tempo. Ao invés de conceber a invenção do rádio como sendo fruto de uma genialidade acima do comum ou como algo que surge repentinamente, desvinculado do seu tempo e do seu contexto, temos que analisar o surgimento e o desenvolvimento do rádio considerando os caminhos e descaminhos trilhados pelos cientistas, curiosos, pesquisadores e inventores que, ao percorrerem uma longa trajetória de experimentos e descobertas, prepararam o caminho para o surgimento deste importante meio de comunicação.

Para que o Rádio se desenvolvesse e se aperfeiçoasse no decorrer dos anos, consolidando-se como um dos principais meios de comunicação do século XX, foram necessários alguns estudos científicos relacionados às ondas magnéticas, assim como experiências no campo da radiofonia e radiotelegrafia. Estas experiências remontam à segunda metade do século XIX, constituindo-se num período de aproximadamente cinquenta e seis anos de elaborações teóricas e experiências que possibilitaram ao italiano Guglielmo Marconi realizar a sua primeira transmissão radiotelegráfica sem fio¹⁵.

Assim, em 1863, o professor de física experimental da Universidade de Cambridge, James Clerk Maxwell, consegue demonstrar por seus estudos, e deduções matemáticas, a existência das ondas eletromagnéticas. Contudo, seus estudos careciam de experiências práticas e concretas que corroborassem a existências de tais ondas, ficando sua pesquisa reduzida a conjecturas e deduções.

Outro importante cientista, Heinrich Rudolph Hertz, foi mais além. Fascinado pelas conclusões do físico inglês, Hertz dedicou muitos anos de estudos e pesquisas trabalhando para a detecção e produção das ondas eletromagnéticas concebidas pelo cientista britânico James

¹⁵ VAMPRE, Octavio Augusto. **Raízes e evolução do rádio e da televisão**. Porto Alegre: FEPLAM, 1979, p. 15.

Clerk Maxwell, obtendo êxito em seu empreendimento. Hertz comprovou experimentalmente o brilhante trabalho teórico de Maxwell, de uma geração anterior, que formulou em 1864 as equações matemáticas básicas relativas ao campo eletromagnético.¹⁶ A partir de então, seus trabalhos acerca das ondas eletromagnéticas – agora chamadas de ondas hertzianas – foram traduzidos para várias línguas, dando-se um passo importante para o desenvolvimento do rádio e da radiodifusão. Para termos uma ideia aproximada do processo feito por Hertz para comprovar a existência das ondas eletromagnéticas, poderíamos citar um trecho da obra de Octavio Augusto Vampré, *Raízes e Evolução do Rádio e da Televisão*, onde o autor descreve o processo da seguinte forma:

Efetivamente, em 1887, Hertz detectou pela primeira vez, ondas de Rádio. Produziu-as fazendo saltar faíscas através do ar que separava duas bolas de cobre. As faíscas provocaram alterações eletromagnéticas, ou ondas, que se propagavam como as ondas na água e produziam um faíscamento entre as duas bolas de cobre, as quais constituíam os extremos de um anel aberto, colocadas a uma distância de um metro, aproximadamente. Estas ondas propagavam-se como a velocidade da luz, e eram da mesma natureza que as ondas luminosas, exceto que seu comprimento de onda era muito maior, cerca de um metro, comparado com os poucos dez milésimos de milímetro de comprimento da luz visível. Estava assim determinado o princípio da propagação radiofônica e, bem por isso, as ondas de rádio, antigamente identificadas por “quilociclos”, passaram a se denominar “ondas hertzianas” ou “quilohertz”.¹⁷

Apesar de ter feito uma grande contribuição para a evolução do rádio, Hertz morre sem presenciar o sucesso de sua descoberta, que se concretizaria posteriormente com as experiências de outros pesquisadores, como o inglês Oliver Lodge, o francês Ernest Branly e o cientista sérvio Nikola Tesla, que no fim do século XIX já havia feito estudos com as ondas terrestres, detectando estas ondas em suas experiências em 1898, objetivando o aperfeiçoamento de um método de transmissão de energia elétrica por meio natural. De acordo com Sônia Virginia Moreira, Nikola Tesla está entre os pioneiros nas tentativas de transmissão sem fio a distância (*wireless*), uma vez que suas experiências com a captação de ondas terrestres estacionárias levaram-no a conclusão de que através do conhecimento destas, seria possível construir um sistema mundial integrado para distribuir recursos eletrônicos.¹⁸ As experiências com a eletricidade também levaram Tesla (por um caminho diverso de Hertz) à descoberta das ondas de rádio, pois os aparelhos que captavam correntes de alta frequência e da alta voltagem construídos por ele chegavam a produzir milhões de volts. Depois de apresentar um aparelho

¹⁶ BRIGGS; BURKE; op. cit., p. 155.

¹⁷ VAMPRÉ, op. cit., p. 16.

¹⁸ MOREIRA, Sônia Virginia. **Nikola Tesla, o inventor no ambiente de criação da transmissão sem fio.** In: MEDITSCH, op. cit., p. 26.

rudimentar que transmitia sinais e energia elétrica sem fio numa conferência da *National Electric Light Association* em St. Louis, Missouri, no ano de 1893, Nikola Tesla constrói, a pedido do governo norte-americano, um sistema de comunicação sem fio num laboratório em Colorado Springs, nas Montanhas Rochosas, onde montou uma enorme estação de rádio experimental a fim de estudar mais detalhadamente as leis da propagação de correntes através da Terra e da atmosfera¹⁹.

Outro cientista importante no processo da criação do rádio foi o italiano Guglielmo Marconi, que ao tomar conhecimento das ondas hertzianas, constrói um dispositivo denominado *coesor*, que servia para detectar e converter as ondas hertzianas em corrente elétrica. Aos poucos, Marconi vai aperfeiçoando seus receptores e transmissores, tendo seu primeiro êxito em 1895, quando numa de suas primeiras experiências consegue emitir sinais de radiotelegrafia a uma distância superior a cem metros.²⁰

Após este primeiro feito, Marconi vai mais além. Em 1896, o cientista italiano viaja para a Inglaterra para demonstrar o funcionamento de seus aparelhos de emissão e recepção de sinais, conseguindo transmitir primeiramente de uma distância de 400 metros que separavam o departamento de correios inglês em St. Martin's-le-Grand da Vitória Street, em Londres.²¹ Todavia, o cientista italiano ainda superaria o seu próprio feito com outra grande façanha: a primeira transmissão transatlântica de ondas radiotelegráficas, transmitindo os três pontos correspondentes à letra “S” no código Morse, superando-se em seus feitos anteriores, pois:

Finalmente, em 1901, Marconi já dispunha de recursos técnicos e financeiros para a experiência decisiva: uma transmissão transatlântica. A estação transmissora foi construída sob a supervisão pessoal de Marconi, em Podhu (uma pequena área ao sul da Cornualha). A recepção se faria na Terra Nova, numa localidade que passou a chamar-se Signal Hill (Colina do Sinal). Em 12 de setembro do mesmo ano, depois de uma sucessão de esperanças e desapontamentos, chegavam a Signal Hill os três pontos da letra “S”. O sucesso de Marconi deu início a uma revolução mundial no campo das comunicações.²²

Todavia, o que movia cientistas como Marconi não era somente a curiosidade ou avanço da ciência, mas também a necessidade, de modo que, tanto os navios cargueiros e de transporte de passageiros como também os encouraçados necessitavam de modos novos de sinalização, assim como os trens de carga e passageiros necessitaram duas gerações atrás.

¹⁹ MOREIRA, op. cit., In: MEDITSCH, op. cit., pp. 27-28.

²⁰ SIQUEIRA, Ethevaldo. Revolução digital: história e tecnologia no Século 20, APUD PRADO, Magaly. **História do rádio no Brasil**. São Paulo: Boa Prosa, 2012, p. 30.

²¹ VAMPRE, op. cit., p. 16.

²² PRADO, op. cit., p. 32.

Marconi Já vinha estabelecendo contatos tanto com políticos, funcionários civis e cientistas como também com oficiais navais e soldados. Um dos oficiais da marinha britânica, o capitão H.B. Jackson, já havia feito algumas experiências com rádio por conta própria. Posteriormente, os dois realizaram experimentos com a esquadra britânica.²³

Provavelmente, nenhum dos pesquisadores e cientistas acima mencionados teriam ideia do que seria ou se tornaria o rádio *a posteriori*, transformando-se num dos meios de comunicação mais importantes e populares no século XX, influenciando e alterando de forma relevante o cotidiano das pessoas mundo afora. De acordo com o historiador inglês Eric Hobsbawn, “a mais profunda mudança que ele [o rádio] trouxe foi simultaneamente privatizar e estruturar a vida de acordo com um horário rigoroso, que daí em diante, governou não apenas a esfera do trabalho, mas a do lazer”.²⁴

Em princípio, nem todos poderiam adquirir um aparelho de rádio, pois tanto a produção quanto a aquisição dos receptores eram restritas a alguns países europeus e aos Estados Unidos, fazendo-se presente apenas nos lares das classes altas. Para Hobsbawn, o rádio no início do século XX:

Baseava-se sobretudo na propriedade privada do que ainda era um maquinário sofisticado, e assim se restringia, em essência, aos países “desenvolvidos” relativamente prósperos. Na Itália, o número de aparelhos de rádio não ultrapassou o de automóveis até 1931. As grandes concentrações de aparelhos de rádio se encontravam, na véspera da Segunda Guerra Mundial, nos EUA, Escandinávia, Nova Zelândia e Grã-Bretanha, contudo, nesses países ele avançou em ritmo espetacular, e mesmo os pobres podiam comprá-lo. Dos 9 milhões de aparelhos da Grã-Bretanha em 1939, metade foi comprada por pessoas que ganhavam entre 2,5 e quatro libras por semana – uma renda modesta – e outros dois milhões por pessoas que ganhando menos que isso. Talvez não surpreenda o fato de que a audiência de rádio duplicou nos anos da Grande Depressão, quando sua taxa de crescimento foi mais rápida do que antes ou depois.²⁵

De aparelho de difícil aquisição, o rádio se tornaria presente na maioria dos lares ao longo do tempo. O potencial do rádio se tornou evidente quando se fez presente nas residências das pessoas, primeiro nos Estados Unidos e posteriormente na Grã-Bretanha e na Holanda. No entanto, conforme Briggs, antes que as grandes emissoras tivessem sido criadas para oferecer suas respectivas programações aos ouvintes, uma rede amadora de entusiastas do rádio – os radioamadores – havia surgido, formando conexões nacionais e internacionais, onde a maioria

²³ BRIGGS; BURKE, op. cit., p. 155.

²⁴ HOBBSAWN, Eric J. **Era dos Extremos: o breve Século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 194.

²⁵ Ibidem.

se utilizava do código Morse, havendo também alguns outros que utilizavam a telefonia. Nessa época estima-se que havia 122 clubes de transmissão sem fio nos EUA.²⁶

No decorrer do século XX, o que antes era um aparelho de luxo ou sinônimo de *status*, transforma-se num veículo acessível às várias classes sociais em diversos países, alterando também de forma significativa as formas de sensibilidade, entretenimento e informação das populações abastadas, em especial dos analfabetos que não poderiam se informar a partir da leitura de jornais e revistas, assim como dos que não tinham acesso aos discos com as primeiras gravações musicais, concertos e apresentações de ópera. Ainda de acordo com Hobsbawn, até então, nenhum outro meio de comunicação teria contribuído efetivamente para a mudança do modo de vida das pessoas – principalmente das mais desfavorecidas da sociedade – pois:

O rádio transformava a vida dos pobres, e sobretudo das mulheres pobres presas ao lar, como nada fizera antes. Trazia ao mundo à sua sala. Daí em diante, os mais solitários não precisavam mais ficar inteiramente sós. E toda a gama do que podia ser dito, cantado, tocado ou de outro modo expresso em som estava agora ao alcance deles.²⁷

Nos tempos dos aparelhos de galena²⁸, o rádio não conseguiu se popularizar, pois os primeiros ouvintes conheceram as audições radiofônicas por estes receptores rudimentares que, em sua maioria, eram de fabricação caseira. Nessa época, a maioria dos radioamadores utilizavam aparelhos com cristal de baixo custo feitos por conta própria. No fim do século XIX, houve a descoberta de vários tipos de cristais que serviam para detectar ondas, que podiam ser transmitidas sem fio. Antes da Primeira Guerra Mundial, havia um retificador de cristal muito difundido entre os primeiros radioamadores: o Perikon, que era uma ponta de latão pousada numa superfície polida de silício.²⁹ Os aparelhos de rádio a galena só poderiam ser ouvidos através de fones de ouvido, ou seja, de forma individual, impossibilitando a audição coletiva nos lares ou em locais públicos. Poucas pessoas tinham o conhecimento, o recurso e a técnica para a construção destes aparelhos.

A popularização do rádio como meio de comunicação se dá a partir do surgimento dos aparelhos a válvula. Além de serem equipados com alto-falantes, este tipo de aparelho facilitava

²⁶ BRIGGS; BURKE, op. cit., p. 157.

²⁷ Idem, p. 195.

²⁸ Em 1906, o coronel do exército norte-americano, H.H.C. Dunwoody patenteou o detector de cristal de galena, que era um fragmento de sulfeto de chumbo natural que se ligava a uma antena através de um arame fino. Desse modo, o som que era transmitido pelo transmissor era captado pela antena, passando pelo cristal e sendo ouvido através de um par de fones de ouvido. Buscava-se as frequências emitidas através de pequenas variações feitas com agulha no cristal (ou pedra) de galena. VAMPRÉ, op. cit., p. 24.

²⁹ BRIGGS; BURKE, op. cit., p. 159.

aos ouvintes a sintonização das emissoras. Ainda que fossem aparelhos pesados e volumosos que consumiam muita energia, os receptores a válvula começam a contribuir para a vulgarização do rádio como meio de comunicação, pois já “se exibiam nas cozinhas ou nas salas de jantar, irremovíveis sobre um guarda-louças ou uma prateleira. Assim, as pessoas ouviam rádio reunidas, e as notícias chegavam às famílias a mesa”.³⁰

Se antes os aparelhos a galena individualizavam a escuta, com o surgimento dos aparelhos a válvula a relação do ouvinte com o rádio modifica-se significativamente. Mais do que o simples ato de escutar um aparelho radiofônico em busca de informação e entretenimento, o ato de ouvir rádio tornava-se um deleite, onde as pessoas sentiam e experimentavam sensações diferentes das que tinham vivenciado através da literatura, da dança e da música que ouviam nos concertos musicais. Nas primeiras décadas da República, o escritor carioca João do Rio comparava o poder do rádio ao encanto e a magia que emanava da lira de Orfeu, o deus da música na mitologia grega. Com esse poder, o rádio alterou e construiu novas formas de sensibilidade dos seus ouvintes, pois:

Partindo cada um do seu isolamento real, se encontram todos nesse território etéreo, nessa dimensão eletromagnética, nessa voz sem corpo que sussurra suave, vinda de um aparato elétrico no recanto mais íntimo do lar, repousando sobre uma toalhinha de renda caprichosamente bordada e ecoando no fundo da alma dos ouvintes, milhares, milhões, por toda a parte e todos anônimos. O rádio religa o que a tecnologia havia separado. Nesse sentido, ele é o Orfeu moderno ou a “projeção órfica” a que aludia João do Rio, no seu sentido mais amplo e mais pleno. Não por acaso, na linguagem popular ele costumava ser carinhosamente chamado de capelinha, tanto pelo formato dos rádios com caixa em arco quanto pelo simbolismo transcendente que ele, literalmente, irradiava.³¹

Assim, o rádio começa a se fazer presente nos lares das famílias, moldando e modificando o hábito das pessoas e as formas de informação e entretenimento, fazendo companhia para as famílias e os solitários. O rádio passa a ter local reservado nos lares, tornando-se um elemento importante na vida privada das pessoas. Somente na década de cinquenta o rádio começa a perder um pouco de sua importância, quando começa a perder espaço e audiência para outro meio de comunicação que emerge e se efetiva em nossa cultura de massas: a televisão.

Contudo, com o surgimento deste novo meio de comunicação, não significa que o rádio seja abolido dos lares e do cotidiano das pessoas de forma repentina, uma vez que este

³⁰ PROST, Antoine. Fronteiras e espaços do privado. In: PROST, Antoine; VINCENT, Gérard (Orgs.). **História da vida privada**: da Primeira Guerra a nossos dias. São Paulo: Companhia das Letras, Vol. 5, 1992, p. 143.

³¹ SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnicas, ritmos e ritos do Rio. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, Vol. 3, 1998, pp. 585-586.

meio ainda conhecerá uma outra etapa muito importante em seu desenvolvimento e aperfeiçoamento ao longo do século XX: a era do transistor. A partir de então, tornou-se possível fabricar aparelhos mais compactos e robustos, tornando-se também portáteis. Por serem alimentados por pilhas, estes aparelhos passam a consumir pouca energia, pois com a substituição das válvulas pelos transistores, o consumo de energia por parte destes novos modelos de rádio cai consideravelmente, sem haver queda no desempenho do aparelho. Com a revolução do transistor:

O uso social do rádio se transforma: cada qual pode andar com seu aparelho. Para ouvir a vontade uma música que não agrada aos pais, os jovens compram radinhos de pilha: o quarto ou o banheiro logo se enche com o som dos aparelhos. Assim os locais e os momentos da vida privada se abrem largamente aos sons do mundo; o rumor do planeta se faz ouvir no recôndito da intimidade.³²

Com a inovação trazida pelo transistor, as maneiras de ouvir rádio se modificam, pois além de compactar os aparelhos e torná-los mais portáteis, estes novos modelos possibilitaram as pessoas o uso do rádio de uma forma mais íntima e privada. Se os filhos não gostam de ouvir a emissora de notícias que seus pais ouvem, agora eles podem sintonizar outras programações e outras estações de forma mais individualizada, através dos rádios de pilha ou pelo *Walkman*, seja em seu quarto, no ônibus, na caminhada ou em outros locais. Os fones de ouvido plugados nestes novos aparelhos intensificam a individualização da escuta da fase dos aparelhos a galena, permitindo a audição do rádio em lugares onde antes não era permitido nem tampouco conveniente ouvi-lo a uma determinada altura que pudesse incomodar as outras pessoas. A escolha dos programas a serem ouvidos passa a ser algo cada vez mais particular. Dessa forma, o rádio passa cada vez mais a fazer parte da esfera do privado, tornando-se cada vez mais presente e companheiro íntimo de seus ouvintes no dia-a-dia. Contudo, o rádio não imprimiu somente mudanças na vida privada das pessoas, pois:

Curiosamente, esse veículo – e, até o surgimento do vídeo e do videocassete, sua sucessora, a televisão – embora essencialmente centrado no indivíduo e na família, criou sua própria esfera pública. Pela primeira vez na história pessoas desconhecidas que se encontravam provavelmente sabiam o que cada uma tinha ouvido (ou, mais tarde, visto) na noite anterior: o grande jogo, o programa humorístico favorito, o discurso de Winston Churchill, o conteúdo do noticiário.³³

³² PROST, op. cit., pp. 143-144.

³³ HOBBSAWN, op. cit., p. 195.

Dessa forma, através do rádio e de sua oralidade, as pessoas venciam as limitações impostas pela palavra escrita para se informarem, pois já não precisavam acompanhar as notícias dos jornais através da leitura de outrem. Poderiam também se informar com maior rapidez – também de forma simultânea – sobre determinados acontecimentos, como as guerras e conflitos entre os diversos países; poderiam reunir-se também para falar acerca do resultado da partida de futebol de seu clube favorito, das radionovelas e séries radiofônicas que acompanhavam; também poderiam acompanhar de forma simultânea o pronunciamento de autoridades políticas, ouvir música clássica e popular, conhecendo obras e autores que estavam restritos aos amantes e conhecedores da música erudita.

Mesmo com o advento da internet, o rádio não perdeu importância nem espaço na vida das pessoas. Com o desenvolvimento do formato atual de rádio denominado *rádio multimídia*,³⁴ as pessoas agora podem ouvir sua emissora predileta através da *web*, dos celulares e tablets. Todavia, este formato não só facilitou a audição como também proporcionou mais participação das pessoas no processo de produção do rádio:

Hoje, na aurora do século XXI, temos o rádio multimídia produzido por todos que tenham vontade de fazer rádio, profissionais ou não. Um rádio que pode ser transmitido por *streaming* por qualquer um a quem quiser ouvir, devido às facilidades dos aplicativos disponíveis gratuitamente na rede [...] aqui vale ressaltar que os computadores dentro das casas alavancaram as possibilidades de escuta, pois as rádios na internet que retransmitem o mesmo dial, ou outras específicas na rede, passaram a ser ouvidas enquanto se navegava pela web. Muito por que nem é preciso entrar na web para se escutar rádio no computador, basta entrar em programas tocadores de áudio.³⁵

Para satisfazer a curiosidade dos ouvintes e curiosos, as emissoras instalam uma *webcam* no estúdio, para que também seja possível acompanhar a produção da programação em tempo real; os produtores também podem postar fotos, entrevistas, programas e outros materiais que constituem a produção radiofônica em blogs, sites ou redes sociais como o *Twitter* e o *Facebook*, utilizando-se destas para estabelecer vínculos e disponibilizar a programação da rádio para os ouvintes e seguidores. Para criar o elo com o ouvinte, além do *quizz* e das enquetes que fazem com que o público opine sobre determinado assunto, podemos também fazer o uso do *chat* acoplado ao streaming, a fim de medir a interatividade do público ouvinte.

³⁴ A fase atual a que corresponde o conceito de rádio multimídia pode ser identificada através da convergência dos meios de comunicação de massa para o formato multimídia, com a transmissão do rádio ao vivo na internet, a compressão digital que permite a criação de arquivos sonoros online em formatos como o mp3 e os padrões de transmissão terrestre ou via-satélite de áudio digital (serviços de áudio digital). PRADO, op. cit., p. 461.

³⁵ Ibid, p. 20.

Como vimos, o rádio, que no início era um aparelho de difícil acesso, tornou-se um meio de comunicação mais acessível, dinâmico e interativo, fazendo-se cada vez mais presente em nossas vidas. Mas desde o seu desenvolvimento, o rádio também foi objeto de discussão entre vários pensadores que debateram várias questões em torno de seu potencial e seus usos.

2.2 Os pensadores e o rádio

A década de 30 pode ser considerada como a fase de consolidação do rádio como novo meio de comunicação, especialmente em termos de transmissão organizada e regulamentada, de avanços na qualidade da emissão e recepção e no estabelecimento de uma regularidade nas programações por parte das emissoras no sentido de criar linguagens e técnicas próprias ao veículo. Neste período, o poder do rádio alcança dimensões mundiais, levando seriados, radioteatro, *soap-operas* e programação musical a milhões de ouvidos atentos. É a era do rádio, período entre as décadas de 30 e 40 onde já havia milhões de aparelhos receptores distribuídos numa sociedade em crescente industrialização e crescimento urbano, formando-se uma audiência de massas. Nos anos 30, o rádio começaria a viver o que foi considerada sua “época de ouro”, cujo apogeu se deu nos anos 40.

Desde que passou a fazer parte do cotidiano de milhões de famílias mundo afora, o rádio torna-se objeto de conjecturas, havendo preocupação por parte dos intelectuais e especialistas sobre o que fazer e como entender o rádio como um fenômeno emergente. Porém, tais preocupações restringiram-se a buscar respostas e entendimentos mais pragmáticos, buscando-se o aperfeiçoamento técnico dos aparelhos receptores, suas programações, suas linguagens, seus recursos, suas formas de produção e seu aparato tecnológico de emissão e recepção.³⁶ Apesar de haver poucos estudos e análises sobre o rádio nas décadas de 30 e 40, alguns pensadores se dedicaram com afinco ao estudo deste meio, refletindo e discutindo sobre sua tecnologia, linguagem, características, formas de recepção, suas potencialidades e modos de uso. Entre as décadas de 30 e 40, várias foram as propostas para a utilização deste meio de comunicação que emergia e se fazia cada vez mais presente nos lares das populações da Europa e da América.

³⁶ ZUCULOTO, Valcir. Os intelectuais diante do rádio nos anos 30. In: MEDITISCH, Eduardo (Org.) **Rádio e Pânico: a guerra dos mundos 60 anos depois**. Florianópolis: Insular, 1998, p. 119-120.

Inicialmente, os trabalhos produzidos por Theodor W. Adorno e Max Horkheimer (pensadores da Escola de Frankfurt) constituem um marco importante para o estudo do rádio, uma vez que o novo meio (assim como o cinema e, posteriormente a televisão) passa a ser inserido nos estudos dos meios de comunicação de massa no campo acadêmico. Estes teóricos também elaboraram um novo conceito para estes meios: o conceito de *indústria cultural*³⁷, que através da imposição das técnicas de reprodução, tornou inevitável a disseminação de bens padronizados para a satisfação de necessidades idênticas para milhões de pessoas que participam dessa indústria; assim, a técnica teria contribuído para a padronização e a produção em série, sacrificando-se o que fazia a diferença entre a lógica da obra e a do sistema social.³⁸

Este fenômeno não se deve a nenhuma lei evolutiva da técnica enquanto tal, mas sim a sua função na economia atual. Nesse sentido, a partir de agora o controle estabelecido pela indústria se dará na esfera da consciência individual. Para elucidar tal processo, os pensadores frankfurtianos dão como exemplo a passagem do telefone ao advento do rádio como meio de comunicação. Conforme Adorno e Horkheimer, o telefone seria um meio mais liberal, pois permitia que os participantes desempenhassem o papel de sujeitos no processo comunicativo, havendo mais interatividade. Por outro lado, apesar de ser tido como um meio democrático devido ao fato de transformar os indivíduos em ouvintes, o rádio é tido por estes autores como um instrumento eficaz para a indústria cultural, controlando o indivíduo e tolhendo a interatividade, uma vez que:

O rádio transforma a todos igualmente em ouvintes, para entregá-los autoritariamente aos programas, iguais uns aos outros, das diferentes estações. Não se desenvolveu nenhum dispositivo de réplica e as emissões privadas são submetidas ao controle. Elas limitam-se ao domínio apócrifo dos “amadores” que ainda por cima são organizados de cima para baixo. [...] Todo o traço de espontaneidade no público é dirigido e absorvido, numa seleção profissional, por caçadores de talentos, competições diante do microfone e toda a espécie de programas patrocinados. Os talentos já pertencem à

³⁷ No artigo *O Iluminismo como mistificação das massas*, datado de 1947, Horkheimer e Adorno inserem a lógica de produção dos conteúdos veiculados pelo cinema e pelo rádio da época dentro do sistema industrial capitalista. Conforme esta abordagem, este sistema tornaria todos os ouvintes iguais ao sujeitá-los de forma autoritária aos idênticos programas que eram apresentados pelas emissoras. Posteriormente, em seu artigo da década de 60 denominado *A Indústria Cultural*, Adorno afirma que ele e Horkheimer pretendiam substituir o termo *Cultura de Massas* pelo conceito de *Indústria Cultural*, a fim de evitar qualquer possibilidade de interpretação equivocada no sentido de conceber tudo o que fosse produzido neste âmbito como algo que pertencesse à esfera de uma cultura espontânea, oriunda das próprias massas. De acordo com Adorno, a indústria cultural distingue-se profundamente dessa arte, de modo que “as mercadorias culturais da indústria se orientam [...] segundo o próprio princípio de sua comercialização e não segundo seu próprio conteúdo e sua figuração adequada. Toda a prática da indústria cultural transfere, sem mais, a motivação do lucro às criações espirituais”. Cf. HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor. *A indústria cultural: o iluminismo como mistificação das massas*. In: LIMA, Luis Costa (Org). **Teoria de cultura de massa**. São Paulo: Paz e Terra, 1990; ADORNO, Theodor. *A indústria cultural*. In: COHN, Gabriel (Org). **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1986, pp. 92-99.

³⁸ ADORNO, Theodor, HORKHEIMER, Max. **A dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995, p. 57.

indústria muito antes de serem apresentados por ela: de outro modo não se integrariam tão fervorosamente.³⁹

Para Adorno, o rádio não passaria de mais um instrumento de manipulação da indústria cultural, um mero produto das relações de mercado, uma manifestação coisificada, mais um bem de consumo. De acordo com sua concepção, o rádio nos anos 30 e 40 estaria reduzido a um meio que proporcionava entretenimento, embora desse a ilusão de que estivesse transmitindo informação, cultura e conhecimento. Ao contrário de pensadores como Brecht e Arnheim – que viam o rádio com mais otimismo e tinham previsões positivas, sonhos e utopias em relação ao uso deste meio – nos escritos de Adorno evidencia-se um pessimismo em relação às potencialidades do rádio, havendo uma negação de qualquer possibilidade de emprego sociocultural e libertário.

Nesse sentido, a música⁴⁰ irradiada nas emissoras deixaria de ser arte para tornar-se uma mercadoria, mais um bem standardizado produzido em massa numa sociedade de consumo. Dessa forma, uma sinfonia transmitida pelas ondas do rádio transformar-se-ia em mera peça de entretenimento. Conforme Adorno, seria absurdo afirmar que a música possa ser assimilada pelo ouvinte como qualquer coisa além de entretenimento, pois ela estaria criando, de modo artificial, a ilusão de que o público estaria recebendo uma música de qualidade através das irradiações.⁴¹ Para ele, os ouvintes assumiriam personalidades regressivas e infantis ao consumirem a música como mercadoria, assim como acontece quando consomem outros bens culturais da sociedade que vivencia uma cultura de massas.

No decorrer de suas pesquisas, Adorno reforça a ideia de que a Indústria Cultural se fundamenta num domínio manipulatório da mensagem sobre o receptor, onde “o consumidor

³⁹ Ibidem.

⁴⁰ Depois de exilar-se nos Estados Unidos, Adorno integrou-se ao *Princeton Radio Research Project*, que foi dirigido por Paul Lazarsfeld. Depois de participar deste projeto radiofônico e desenvolver teses sobre o rádio norte-americano, investigando o veículo através das teses sobre a música irradiada nas estações norte-americanas, Adorno contrapõe-se a Lazarsfeld, afirmando que a pesquisa coordenada por ele era de caráter administrativo, visando analisar a reação do público ouvinte norte-americano e testar os efeitos do rádio de então, recomendando determinados tratamentos que provocassem os efeitos desejados. Para Adorno, estas pesquisas seriam semelhantes às pesquisas de mercado, que visavam à manipulação do ouvinte, que preocupavam-se em levar “boa música” ao ouvinte. Segundo Adorno, para estudar as atitudes dos ouvintes seria necessária uma análise do comportamento dos estratos sociais condicionados pela estrutura e também o comportamento da sociedade como um todo, pois somente tal procedimento levaria a uma verdadeira crítica social do rádio como meio de comunicação inserido na lógica mercadológica da sociedade de massas. Cf. ZUCULOTO, op. cit., In: MEDITISCH, 1998, op. cit., pp. 127-128.

⁴¹ ADORNO, Theodor. A Social Critique of Radio Music. In: STRAUSS, Neel (Org.). *Radiotext(e)*. New York, Semiotext(e), 1993, p. 279, APUD ZUCULOTO, op. cit.

não é rei, como a indústria cultural gostaria de fazer crer, ele não é o sujeito dessa história, mas seu objeto”.⁴²

Esses pressupostos teóricos foram tomados como modelos durante algum tempo no estudo de algumas das principais emissoras brasileiras, como a Rádio Nacional, que foi analisada em alguns estudos como um aparelho ideológico de estado, mais especificamente do estado varguista, pois devido ao fato de a emissora pertencer ao governo, estes estudos associavam o conteúdo veiculado na emissora ao projeto de governo do Estado Novo, classificando a programação da rádio como populista e popularesca e, portanto, imposta de forma arbitrária pela ideologia estadonovista, fazendo com que seus ouvintes se tornassem massa de manobra do regime de Vargas.⁴³ Tal pressuposto teórico constitui-se num entrave à pesquisa sobre o rádio na medida em que impõe um modelo reducionista na relação emissor-receptor, concebendo o ouvinte como receptor passivo e contribuindo também para uma espécie de simplificação nos estudos sobre os meios de comunicação de massa.

Outro pensador contemporâneo dos frankfurtianos que discutiu acerca do poder do rádio foi Walter Benjamin. Para ele, o rádio seria um meio de suma importância para a popularização do conhecimento, auxiliando na educação popular, pois “antes do surgimento do rádio, quase não se conheciam meios de divulgação que fossem propriamente populares ou correspondessem a finalidades de educação popular”.⁴⁴ Para Benjamin, o livro, a palestra e o periódico eram formas de comunicação que transmitiam as descobertas, avanços e conhecimentos científicos apenas aos especialistas, tornando a informação restrita aos letrados e versados em determinados assuntos, ficando assim o conhecimento circunscrito a pequenos grupos, uma vez que estas formas não tinham o poder de alcance que o rádio poderia proporcionar. Com o advento do rádio, há uma mudança significativa nas formas de propagação do conhecimento “em virtude da possibilidade técnica inaugurada por ele, de dirigir-se na mesma hora a massas ilimitadas de pessoas”,⁴⁵ tornando a popularização do conhecimento não só mais abrangente, mas também muito mais intensa entre os ouvintes. De acordo com Benjamin, o rádio torna-se importante na medida em que altera a relação entre a ciência e a popularidade, conhecimento e recepção. Esta nova forma de popularização do conhecimento, diferentemente da proporcionada pelos livros, palestras e os periódicos, não se restringe apenas

⁴² ADORNO, Theodor. A indústria cultural. In: COHN, Gabriel (Org). **Theodor Adorno**. São Paulo: Ática, 1986, p. 92.

⁴³ CALABRE, Lia. História e rádio: um campo de estudos promissor. In: **Revista do Mestrado de História**. Universidade Severino Sombra, vol. 9, nº 10, 2007, p. 77-78.

⁴⁴ BENJAMIN, Walter. **Documentos de cultura, documentos de barbárie**: escritos escolhidos. São Paulo: Cultrix, 1986, p. 85.

⁴⁵ Ibidem.

em orientar o saber em direção ao público mas, simultaneamente, num processo inverso, orienta o público em direção ao saber devido ao grau de interatividade proporcionado pelo rádio. Assim, as correspondências e os telefonemas dos ouvintes para as emissoras buscando obter informações sobre os mais variados assuntos podem ser respondidas imediatamente, ao contrário dos jornais e periódicos.

Mas Walter Benjamin também discutiu acerca do poder do rádio num âmbito mais profundo: o da reprodutibilidade técnica da obra de arte. Em seu escrito *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, Benjamin afirma que, com a reprodução técnica do som, o poder da reprodutibilidade técnica da obra de arte atinge um nível de qualidade considerável, tornando capaz a transformação da totalidade das obras tradicionais em meros objetos de reprodução, submetendo estas obras a transformações profundas.⁴⁶ A partir deste momento, a música passa a ser inserida na dinâmica da reprodutibilidade técnica, onde concertos e óperas passam a ser transmitidos ao vivo pelas emissoras de rádio, havendo também a reprodução e a transmissão através dos primeiros discos. Mais que isso, com esse poder, a reprodutibilidade técnica conquista para si “um lugar próprio entre os procedimentos artísticos”,⁴⁷ tornando-se um procedimento autônomo em relação aos demais procedimentos artísticos. Ao contrário da imitação de seus mestres feitas por seus respectivos discípulos no fazer artístico, a reprodução da obra de arte surge como um processo novo, que vem se desenrolando ao longo da história de forma intermitente através de saltos separados por longos intervalos, porém com grande intensidade.⁴⁸

Mas para o dramaturgo alemão Bertold Brecht, o rádio deveria ir mais além. Não deveria limitar-se a simples reprodução de músicas, óperas ou de veiculação de informação. De acordo com Brecht, ao invés de “imitar quase todas instituições existentes que tenham algo a ver com a difusão da palavra ou do canto” como em sua primeira fase (onde a radiodifusão surge na qualidade de substituta do teatro, da ópera, do concerto, das conferências, do café concerto e da imprensa local) o rádio deveria aproximar-se dos “acontecimentos reais”, fazendo coberturas de eventos e fatos que ocorrem na sociedade, de “sessões parlamentares como as do *Reichstag* e, acima de tudo, também dos grandes processos”.⁴⁹ Mais do que conquistar ouvintes, os profissionais do rádio deveriam preocupar-se em ter o que falar para o público, criando uma programação dinâmica e interativa que superasse o caráter reprodutor da fase inicial do rádio.

⁴⁶ BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre a literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, Vol. 1, 1987, p. 167.

⁴⁷ Ibidem.

⁴⁸ Idem, p. 166.

⁴⁹ BRECHT, Bertold. Teoria do Rádio (1927-1932). In: MEDITSCH, 2005, op. cit., p. 37.

Além disso, o poder de imediatismo do rádio também deveria ser explorado através da produção de debates e conferências com especialistas em assuntos diversos, como também de entrevistas, “nas quais os interrogados tem menos oportunidade de se inventar esmeradas mentiras, como podem fazer para os periódicos”.⁵⁰

Para tornar o rádio um meio de comunicação dinâmico e ainda mais interativo, Brecht propunha uma mudança significativa em seu uso, convertendo-o num aparelho de comunicação, ao invés de utilizá-lo como um simples meio de distribuição; ou seja, além de emitir informação e entretenimento, o rádio também deveria receber o retorno de seus ouvintes em relação à programação irradiada, pois segundo ele, o rádio teria mais êxito se “conseguisse não apenas se fazer escutar pelo ouvinte, mas também pôr-se em comunicação com ele. A radiodifusão deveria, conseqüentemente, afastar-se dos que a abastecem e constituir os radiouvintes em abastecedores”,⁵¹ proporcionando assim mais interatividade e retirando o ouvinte da inércia, tornando-o mais participativo do que receptivo no processo.

Para Zuculoto, as ideias brechtianas publicadas entre 1927 e 1932 em sua *Teoria do Rádio* evidenciam que o dramaturgo alemão foi um dos primeiros pensadores a se dar conta do papel estratégico do então recente veículo de comunicação que surgia no início do século XX. Brecht teria sido também um dos primeiros intelectuais a perceber as grandes potencialidades de comunicação do rádio, quer seja em relação aos aspectos técnicos como também em relação à função social do rádio.⁵² Brecht propunha o uso do rádio como um meio que promovesse a democratização da comunicação, estabelecendo uma função social para a radiodifusão e produzindo uma comunicação voltada especialmente para o interesse público. Em outras palavras, não basta somente retransmitir os fatos e notícias de forma fria através de um relato duro e sintético do acontecimento, limitando-se a “informar” no sentido mais restrito do termo, pois “é preciso informar com pluralidade, com ética, proporcionando o debate do contraditório”, pois só desta forma o rádio “produzirá informação de interesse público, ao qual deve estar submetida a comunicação”.⁵³

Outro importante pensador que se dedicou a refletir acerca do rádio – mais especificamente sobre a arte radiofônica – foi o alemão Rudolf Arnheim. Em seus escritos, Arnheim mostrava-se preocupado em relação à produção artística radiofônica feita em sua época, pois de acordo com suas observações acerca das críticas ao novo meio de comunicação,

⁵⁰ BRECHT, op. cit. In: MEDITSCH, 2005, op. cit., p. 37.

⁵¹ Idem, p. 42.

⁵² ZUCULOTO, Valcir. Debatendo com Brecht e sua teoria do rádio. In: MEDITSCH, 2005, op. cit., p. 48.

⁵³ Idem, p. 49.

as formas de arte criadas pelo rádio (radioteatro e radionovela) pareciam estar sensorialmente deficientes e incompletas em relação às outras artes como o cinema, isto porque elas não podiam contar com o estímulo ao sentido relacionado diretamente às artes visuais e que, com o advento do cinema, passou a ter grande importância: a visão. Mas para Arnheim, o rádio não estaria incompleto em relação às outras artes, uma vez que sua essência “consiste justamente em oferecer a totalidade somente por meio sonoro”.⁵⁴ Um programa de rádio com alto nível de qualidade em sua produção seria capaz fornecer a essência de um evento, de uma ideia, de elaborar várias representações através da locução e dos efeitos sonoros, pois de acordo com Arnheim, o mundo sonoro é rico o suficiente e capaz de fornecer representações autênticas da vida. Ainda que abstrato e irreal, o radiodrama seria capaz de criar um mundo inteiro e completo em si mesmo – mundo este que não necessita de uma complementação de algum elemento externo como o visual – com todo o material sensorial que dispõe. Assim, poderíamos abrir mão do elemento visual, uma vez que o ouvinte teria o poder de imaginação e abstração ao ouvir uma radionovela ou uma radiopeça, criando várias imagens e representações.

Rudolf Arnheim aplica ao rádio o mesmo princípio estético que concebe para as demais artes: nada que não seja essencial para sua forma deve ser admitido numa obra de arte, ou seja, só deve fazer parte de uma obra de arte o que for pertinente ao que se pretende expressar. Assim, nenhum detalhe deveria ser adicionado pelo artista à sua obra somente por sua existência individual. Na pintura, o enquadramento de uma tela não deveria ser apenas um limite accidental, pois por maior que seja a pintura, ela deve iniciar e terminar em algum ponto, assim como todo personagem deve ter um papel definido numa peça de teatro. Na música, nenhum instrumento musical deveria ter uma função meramente complementar. Desse modo:

O artista de rádio deve desenvolver a maestria de limitar-se ao audível. O que mede o seu talento é a capacidade de produzir o efeito desejado apenas com os elementos sonoros, e não a possibilidade de inspirar os ouvintes a complementarem a falta de imagem adicionando vida ou realismo. Pelo contrário: se a obra de demanda tal suplementação é porque é ruim, não alcançou seus objetivos por seus próprios meios, teve um efeito incompleto⁵⁵.

Desse modo, o que falta a uma determinada linguagem artística (a cor da pele numa estátua, por exemplo) não deve ser tido como obstáculo à expressão adequada – do rádio – mas sim como um estímulo ao artista no sentido de encontrar formas de direcionar a atenção do público ao foco de sua representação.

⁵⁴ ARNHEIM, Rudolf. O diferencial da cegueira: estar além dos limites dos corpos. In: MEDITSCH, 2005, op. cit., p 62.

⁵⁵ Ibidem.

Além do radioteatro, Arnheim também discutiu acerca da música nas transmissões radiofônicas. Segundo ele, o poder da música só poderia ser propagado em sua completude apenas quando ela fosse ouvida, sem acompanhamento visual, pois a visão estática dos músicos de uma orquestra na execução de uma sinfonia seria um freio ao movimento dos sons que se propagam no espaço, contradizendo toda a dinâmica da música executada.⁵⁶ O mesmo valeria para a peça radiofônica, pois ao contrário do teatro tradicional – onde a fala do personagem, por mais relevante que seja, torna-se ínfima na imensidão do palco – no radiodrama os personagens poderiam surgir e desaparecer repentinamente, gerando tensão e surpresa no ouvinte, assim como um monólogo poderia preencher integralmente a cena, chamando a atenção para os aspectos relevantes no argumento, sem recorrer ao estímulo visual proporcionado pela cenografia, iluminação e outros recursos do teatro tradicional, que deslocam o foco do espectador em relação ao conteúdo do texto teatral. Conforme Arnheim, a “cegueira do rádio” também poderia servir de estímulo à fantasia no radiodrama, onde personagens reais poderiam agora contracenar com personagens do mundo fantástico (personagens humanas contracenando com deuses, mortos, seres inanimados); sonhos, visões e diálogos interiores poderiam ser representados utilizando-se o poder da sonoridade, assim como cenários reais e imaginários, situações e estados de espírito poderiam ser evocados com bons efeitos de sonoplastia nas radionovelas e radiopeças, o que não era possível no teatro nem tampouco no cinema da época, haja visto o naturalismo e a falta de recursos computacionais que o cinema de hoje dispõe. Assim, a arte radiofônica poderia chegar a um elevado grau de densidade psicológica, explorando as entrelinhas dos textos escritos para o rádio e priorizando a sonoridade em detrimento dos demais aspectos.

Para Meditsch, a teoria de Rudolf Arnheim, se distingue radicalmente das outras teorias do rádio elaboradas por Walter Benjamin, Bertold Brecht e outros pensadores do rádio da época, isto porque Arnheim não coloca em primeiro plano o aspecto ideológico ao analisar o rádio. A análise da ideologia expressa na radiodifusão da época feita por Benjamin e Brecht enfatizava mais o conteúdo da produção radiofônica do que a expressão e a forma, que eram os principais aspectos que interessavam a Arnheim.⁵⁷ Mais do que rechaçar e criticar uma peça de propaganda radiofônica nazista,⁵⁸ Arnheim entendia que primeiramente era necessário entender como esta peça funcionava, para depois negá-la.

⁵⁶ ARNHEIM, op. cit. In: MEDITSCH, 2005, op. cit.p. 69.

⁵⁷ MEDITSCH, Eduardo. Rudolf Arnheim e o potencial expressivo do rádio. In: MEDITSCH, 2005, op. cit., p 105.

⁵⁸ Meditsch observa que Arnheim não tornou-se alheio aos efeitos da propaganda nazista na sociedade alemã de sua época, pois em sua obra ele também aponta para os perigos da massificação e passividade promovida pelo

Ainda sobre as teorias do rádio que surgiram na primeira metade do século XX, não podemos olvidar acerca dos escritos do compositor francês Pierre Schaeffer.⁵⁹ Em seu *Ensaio sobre o rádio e o cinema*, escrito entre 1941-1942, mais do que discutir acerca da importância da radiodifusão e do cinema e suas incidências sobre a civilização contemporânea, ou ainda estudar suas respectivas técnicas e criticar-lhes os resultados, Pierre Schaeffer pretendia ir mais além, propondo um esboço de uma filosofia⁶⁰ do cinema e do rádio.

Meio de comunicação que para Schaeffer representava o que havia de mais característico da civilização moderna em sua época, o rádio – juntamente com o cinema – não só escancarou as portas dos lares das famílias, fazendo entrar “a voz do mundo” e rompendo as fronteiras do privado e da intimidade; ao superar a imprensa com sua rapidez e imediatismo na informação, fez-se presente nos lares também de forma instantânea, ressignificando as grandezas de velocidade, energia e dimensão, alterando de maneira efetiva as formas de sensibilidade e percepção dos ouvintes, “espetando nossos tímpanos”.⁶¹ Porém, o rádio não atua somente sobre os nossos sentidos, mas também sobre o tempo e o espaço, que passam agora a ser preenchidos. Schaeffer compara este fenômeno à ocupação e expansão das potências beligerantes e suas respectivas políticas imperialistas que se iniciaram no fim do século XIX. Desse modo:

O silêncio esvai-se e a ausência quase: o silêncio, que é esse tempo duro esvaziado de sons, o rádio o preenche; a ausência, que é a possibilidade de escapar do objeto, a televisão vai supri-la. Os sons e as imagens estão por toda a parte. E esse fenômeno de ocupação do éter coincide, sem jogo de palavras, com este outro fenômeno político, que já não haja em parte alguma do mundo espaço virgem, terra livre: completou-se a ocupação dos territórios pelas nações organizadas, a supressão dos bens que não têm dono⁶².

regime nazista através das ondas do rádio em seu livro *Rundfunk als Horkunst* (que foi traduzido para o inglês em 1936 com o título *Radio: an art of sound* e para o espanhol em 1980 com o título *Estética Radiofónica*) no capítulo sobre a “psicologia do ouvinte”, onde aponta os perigos das tendências de massificação feitas pelo rádio na Alemanha nazista. MEDITSCH, op. cit. In: MEDITSCH, 2005, op. cit., p. 105.

⁵⁹ O *Ensaio sobre o rádio e o cinema* constitui o primeiro trabalho teórico sobre a música e o rádio de Pierre Schaeffer, considerado o inventor da música concreta. Os manuscritos foram feitos em Marselha no período de ocupação nazista na França. O texto foi publicado, reconstituído e traduzido para o português por Carlos Palombini e Sophie Brunet (principal colaboradora de Schaeffer) a partir de manuscritos inéditos depositados na Abadia de Ardenne, sede do Instituto Memórias da Edição Contemporânea (IMEC) na Normandia. Cf. SCHAEFFER, Pierre. **Ensaio sobre o rádio e o cinema**: estética e técnica das artes relé, 1941-1942. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

⁶⁰ Em seu ensaio, Schaeffer concebia a filosofia sobre o rádio e o cinema que pretendia elaborar como sendo “a palavra do modo mais simples do mundo, como o esforço de uma mente que se empenhe em esgotar todas as ideias que lhe possam advir acerca de seu objeto de estudo”.

⁶¹ SCHAEFFER, op. cit., p. 29.

⁶² Idem, p. 30.

O rádio cria o elo entre o presente e o passado através da irradiação de canções, óperas e discursos pretéritos, pois isto se torna possível graças ao estágio em que a reprodutibilidade técnica se encontrava e se desenvolvia cada vez mais por meio da gravação dos discos que eram executados durante a programação das emissoras. E graças ao advento da energia elétrica, o rádio torna-se cada vez mais onipresente, podendo ser ouvido por milhares de pessoas em vários lugares. Todavia, para Schaeffer, o conteúdo irradiado no rádio não era algo puro, original e naturalista. Pelo contrário, pois não há como o rádio reproduzir fielmente a natureza (mímesis) nas suas transmissões. Não há como irradiar fidedignamente uma sinfonia, haja visto que é impossível ao rádio “não mudar alguma coisa no objeto que se incubem não só de imitar, mas de transmitir”,⁶³ pois entre um e outro temos a colocação de um microfone que interfere efetivamente no processo. Conforme Schaeffer, a modulação – assim como a imagem do cinema – seja ela direta ou gravada, pode sofrer uma série de transformações no processo de irradiação, podendo ser inclusive tida como um efeito estético, uma vez que, para Schaeffer, a arte é concebida como algo que deforma voluntária e sistematicamente, estando além ou aquém do objeto num processo em que o homem recria a matéria de acordo com sua vontade. Assim, o rádio deveria acrescentar algo mais aos ruídos cotidianos, expressando algo mais além da mera transmissão destes ruídos. Nesse sentido, Schaeffer classifica o rádio e o cinema como uma *arte-relé*, ou seja, modalidades de arte em que a mensagem não é transmitida de forma direta como nas artes clássicas. Nesse sentido:

O rádio e o cinema estão para as artes clássicas como o telégrafo está para o correio postal. O carteiro entrega-nos uma carta contendo a própria escrita de nosso correspondente. O objeto está lá, por inteiro, no envelope que ele fechou com as próprias mãos. Não há nenhuma interceptação entre o autor da remessa e seu destinatário; há transmissão direta de uma coisa, não só com sua forma, mas com sua matéria, enquanto o telegrama transmite apenas sinais e, da carta, apenas os signos que ela contém. Mais que isso, o telegrama traduz esses signos em sinais, essas letras manuscritas em caracteres de teleimpressor. O telegrafo simula a letra. Seu poder é grande, mas a criança da mais tenra idade sabe perfeitamente que esse poder esgota-se rapidamente, e nunca se viu pacotes caminhando ao longo dos fios telegráficos. Se o carteiro lhe traz pacotes o telegrafista jamais trouxe uma caixa de bombons. O apaixonado pode encontrar com a carta uma flor ou a lembrança de um beijo. A missiva guarda esse caráter sagrado, esse algo de inteiro, de completo, de inviolado. No telegrama, há não só limitação, mas profanação. O telegrama separa o útil do supérfluo, o possível do impossível. Por isso a criança, como o apaixonado, desgosta dos telegramas. O telégrafo conquistou espaço e o tempo. Pode ser, mas o objeto mesmo escapa ao telegrama e não é transmitido senão enganoso e mutilado. O mesmo acontece no cinema e no rádio. É bom lembrar que, na origem, o rádio e o cinema são essencialmente sinais.⁶⁴

⁶³SCHAEFFER, op. cit., p. 63.

⁶⁴Idem, pp. 57-58.

Schaeffer é enfático ao dizer que é impossível que o rádio não modifique algo no objeto que se encarrega de reproduzir e transmitir, pois mesmo que se trate de retransmitir o mais fielmente possível determinada sinfonia em determinada execução ou em determinada sala sob a regência de um maestro, essa fidelidade está longe de ser alcançada pelo fato de haver a colocação de um microfone no meio de tudo isso.⁶⁵ Contudo, longe de considerar este aspecto como algo negativo, Schaeffer admite que toda a transformação radiofônica que atua profundamente sobre o conteúdo irradiado pode ser tida como um efeito estético próprio da arte radiofônica. Mas por outro lado, Schaeffer concebia o rádio mais como uma linguagem do que como arte propriamente dita. Para ele, o rádio seria uma escrita sonora, com pontuação, caracteres e diagramação próprias. Tal como na escrita, o rádio jamais seria capaz de reproduzir fielmente os gestos e sinais, mas seria capaz de abstraí-los e criar símbolos como faz a escrita.

Para Schaeffer, o rádio ainda era um meio de comunicação pouco explorado e analisado em relação ao cinema. Ao contrário da sétima arte, era preciso que os profissionais do campo da radiodifusão se dedicassem mais ao seu instrumento de trabalho, definindo as premissas técnicas e artísticas principais do seu campo de atuação, assim como as formas e os gêneros, formulando as regras e delimitando as possibilidades e aplicações para o seu instrumento de trabalho. Era necessário que os técnicos ousassem mais, fossem mais criativos, assim como os artistas e profissionais que menosprezavam a técnica e o profissionalismo – os “românticos” do rádio como Schaeffer denominava – deixassem de lado a improvisação e fossem mais profissionais. Schaeffer foi enfático ao observar que o nível dos profissionais do rádio de sua época era medíocre, sendo desproporcional à importância da tarefa que estariam encarregados de executar na radiodifusão, ocorrendo “uma verdadeira dilapidação do instrumento radiofônico”, onde percebia-se “a anarquia do pessoal chamado a servi-lo ou servir-se e à incoerência dos resultados”.⁶⁶

Conforme Schaeffer, o uso indevido do rádio dava-se tanto pela falta como por excesso, ora pedindo-se mais do que ele podia dar, ora não se utilizando de suas respectivas possibilidades, não se atingindo o grau de perfeição que ele poderia proporcionar. Além da falta de fixação de regras e procedimentos por parte dos artistas e técnicos, era necessário que estes profissionais explorassem os limites e as potencialidades do rádio, tanto no quesito técnico como em relação ao aspecto artístico, pois o rádio – assim como o cinema – é um instrumento e, de acordo com Schaeffer, “primeiro é necessário estudar seus limites; esses limites indicarão

⁶⁵ SCHAEFFER, op. cit., p. 63.

⁶⁶ Idem, p. 33.

suas possibilidades; seus usos lhes definirão as regras”.⁶⁷ Diante dessas observações, percebe-se que, desde o início da radiodifusão até a década de 40, ocorre a evolução do aspecto técnico em detrimento do artístico no que se refere à prática radiofônica, onde se aperfeiçoa cada vez mais a aparelhagem e os instrumentos técnicos a fim de proporcionar cada vez mais uma irradiação de qualidade; porém, os usos do rádio, a exploração de suas potencialidades e a arte radiofônica – assim como o pessoal que atua no rádio – não acompanham a evolução técnica do meio. Schaeffer utiliza-se da imagética de sua época, afirmando metaforicamente que o rádio é uma “artilharia sem artilheiros: os engenheiros sabem fundir os tubos, e os químicos fabricar os projéteis, mas ignora-se a balística e a arte de utilizá-la; por último, o estado-maior é ainda mais ignorante do uso da arma”.

No Brasil, o poeta e musicólogo Mário de Andrade discutiu acerca do rádio – mais especificamente sobre a linguagem do rádio – em seu artigo denominado *A Língua Radiofônica*.⁶⁸ Neste artigo, Mário de Andrade trata da questão da linguagem do rádio exclusivamente em sua expressão verbal, tendo como foco a discussão sobre a língua mais apropriada para o rádio, que em seu entender, deveria excluir os elementos fonográficos utilizados principalmente nas radionovelas da década de 40. Ao invés destes recursos, a língua radiofônica deveria ser moldada por elementos próprios como a *minutagem*⁶⁹, constituindo-se numa modalidade de linguagem curta, sucinta, não somente por interesses econômicos como também psicológicos, de fadiga e de audição, sendo desprovida dos elementos plásticos de oratória a fim de tornar a irradiação menos enfadonha para o ouvinte, buscando-se mais dinamicidade no processo.

Ao contrário de alguns pensadores de sua época, Mário de Andrade concebia o rádio mais como um instrumento de convencimento do que de educação, pois para ele, a única coisa que o rádio adquiriu do aspecto educacional foi o elemento de convicção. Mário de Andrade não encarava esse aspecto como algo negativo porque “em sentido muito geral e nada pejorativo, [...] o rádio é um instrumento de anúncio. Tanto anuncia uma canção como um ato governamental e, comercialmente agora, o remédio mais eficaz contra o reumatismo”.⁷⁰

Contrariando a ideia de uma língua homogênea e regular, Mário de Andrade advogava uma concepção de linguagem heterogênea, valorizando a fala em sua diversidade linguística e

⁶⁷ Ibidem.

⁶⁸ Este artigo fora publicado em jornal no dia 3 de fevereiro de 1940, sendo depois selecionado pelo autor para fazer parte do seu livro *Empalhador de Passarinho*. Cf. PEREIRA, Neli Alves. Mário de Andrade: um talento poliédrico. In: MEDITSCH, 2005, op. cit., p. 121.

⁶⁹ Mário de Andrade chamava de *minutagem* o uso de frases curtas que deveria ser feito por parte dos speakers.

⁷⁰ ANDRADE, Mário de. A língua radiofônica. In: MEDITSCH, 2005, op. cit., p. 123.

riqueza oral como fonte de conhecimento e acesso de uma língua e, por conseguinte, de uma cultura. Assim, a linguagem do rádio seria mais uma possibilidade a ser explorada dentro de cada uma das variantes linguísticas nas quais o meio é empregado, uma vez que:

A língua, no sentido abstrato, é uma propriedade de todo o grupo social que a emprega. O tempo, os acidentes regionais, as profissões se encarregaram de transformar essa língua abstrata numa quantidade de linguagens concretas e diversas. Ora, existe a linguagem do rádio também.⁷¹

Em sua reflexão, Mário de Andrade também se contrapõe o uso da erudição na linguagem radiofônica – que já era um dos elementos criticados e posto em cheque pela primeira geração dos modernistas brasileiros – concebendo a língua culta como conservadora, estagnada e tradicionalista, vendo neste cultismo um obstáculo à popularização do rádio. Não se trata de negar a modalidade culta da língua, mas sim de propor uma linguagem mais dinâmica para o rádio, que aproximasse o veículo da maioria da população. Desse modo, “a linguagem radiofônica teria que se manifestar necessariamente anticulta, como de fato se manifesta”.⁷²

Apesar de ser um objeto relevante de discussão entre os principais pensadores e intelectuais na primeira metade do século XX, o papel do rádio demorou a ser percebido e abordado pelos historiadores, pois até a década de 70 as correntes historiográficas predominantes eram as que privilegiavam o documento escrito e “oficial” como a única fonte confiável em detrimento das demais. Com o advento da Escola dos *Annales*, desenvolve-se uma história nova, que de acordo com Le Goff, alargou o campo das fontes, onde as fotografias, estatísticas, relatos de memória, vestígios arqueológicos, crônicas, etc. passam a ganhar importância na pesquisa historiográfica. A partir de então, a análise dos diversos meios de comunicação vem sendo incorporada de forma gradativa ao universo dos historiadores. A imprensa escrita já possui lugar privilegiado nessas pesquisas. Outras mídias como o cinema e a televisão também começam a ganhar espaço; o rádio também passa a ser tema de pesquisas dos historiadores a partir da renovação metodológica promovida pelos *Annales*. Na historiografia brasileira, o rádio também vem ganhando espaço, onde verifica-se estudos que abordam a implantação e consolidação da radiodifusão brasileira, assim como dos usos políticos do rádio em determinados períodos como na Primeira República e no Estado Novo, havendo também estudos que abordam o rádio na esfera da vida privada.

⁷¹ ANDRADE, Mário de. **Empalhador de passarinho**. São Paulo: Martins, 1972, p. 207. APUD PEREIRA, Op. cit. In: MEDITSCH, 2005, op. cit, p. 123.

⁷² Idem, p. 116.

2.3 Os historiadores brasileiros e o rádio

Um dos primeiros historiadores que abordaram o rádio na historiografia brasileira foi Alcir Lenharo. Na obra *Sacralização da Política*, Lenharo analisa a relação deste meio de comunicação com o novo e poderoso componente que daria sustentação ao poder de Vargas no Estado Novo: a máquina de propaganda estadonovista, que para o autor, assemelhava-se à utilizada por Goebbels na Alemanha nazista. Se antes da instalação do regime já havia o esboço de uma organização propagandística bem montada e organizada, após 37, entretanto, “essa máquina se expande e se aperfeiçoa, consoante à introdução de novos elementos essenciais à sua implementação e, cada vez mais, direcionada para atuar como uma máquina de dominação”.⁷³

Para Lenharo, Getúlio Vargas teria sido o primeiro estadista latino americano a utilizar o rádio nos moldes de Hitler, enfatizando a importância deste meio de comunicação para a educação cívica e como instrumento de informação das diretrizes do governo. Além disso, Lenharo também enfatiza que a presença marcante do rádio deve ser melhor avaliada se levarmos em conta as condições socioculturais que influenciaram grande parcela da população trabalhadora do país durante o Estado Novo. Assim, o rádio teria contribuído para um verdadeiro processo de “desenraizamento” dos migrantes que desligaram-se de seu meio sociocultural e deslocaram-se para o eixo Rio-São Paulo, sendo submetidos a um processo de intensa proletarianização no meio urbano. Nesse contexto, o uso do rádio feito por Vargas no Estado Novo foi importante, pois através deste veículo, Vargas podia se dirigir simultânea e instantaneamente à população e sobrepor o ideal de nacionalidade e uniformidade do Estado Novo a todas as diferenças, fazendo com que aqueles que estivessem vulneráveis e propícios a perturbar a ordem estabelecida pudessem agora criar um sentimento de pertencimento em relação à nação, o que antes não era possível, pois conforme Lenharo, “o país se encontrava sem meios diretos de representação política e a reposição constante da ilusão de participação política se fazia necessária”.⁷⁴

Contudo, a principal contribuição de Alcir Lenharo para o estudo do rádio brasileiro foi a sua obra *Cantores do Rádio*⁷⁵. Nesta obra, além de pesquisas feitas em instituições como a Biblioteca Nacional e o Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, Lenharo também consultou

⁷³ LENHARO, Alcir. **Sacralização da política**. 2. ed. São Paulo: Papirus, 1986, p. 38.

⁷⁴ Idem, p. 41.

⁷⁵ Cf. LENHARO, Alcir. **Cantores do rádio**: a trajetória de Nora Ney e Jorge Goulart e o meio artístico de seu tempo. Campinas: UNICAMP, 1995.

vários arquivos de particulares que trabalharam na Rádio Nacional e na cena artística carioca de então, valendo-se também de relatos memorialísticos e entrevistas realizadas.

Tendo como recorte temporal o início da década de 40 até o final da de 50, Lenharo recupera a memória histórica dos caminhos percorridos pelos cantores do rádio. Tomando como referência as trajetórias artísticas de Nora Ney e Jorge Goulart, Lenharo nos mostra com pormenores as disputas internas entre os artistas, as condições de trabalho, as incertezas e a solidariedade entre os artistas, traçando um panorama da chamada “Era de Ouro” do rádio; o autor também aborda em sua obra as veredas percorridas por estes artistas que, em busca de sucesso e reconhecimento na era de ouro do Rádio brasileiro, enfrentaram uma série de obstáculos comuns aos demais artistas da época, como a censura, perseguições políticas e a euforia nacionalista do regime estadonovista.

Lenharo também enfatiza a importância da Rádio Nacional como uma grande vitrine para os artistas entre a década de 40 e 50, período de apogeu da emissora e também do rádio no Brasil. Na opinião do autor, o que tornava a emissora imbatível era o grande leque de alternativas que era proporcionado ao ouvinte, onde “o grande chamariz vinha de sua constelação de cantores-estrela”, um verdadeiro “exército de profissionais”.⁷⁶

De acordo com Lenharo, o êxito do rádio neste período pode ser atribuído ao poder de convencimento e sedução proporcionado por aqueles que faziam do rádio um “reino encantado de sonhos e informação”, construindo-se uma relação de cumplicidade com os ouvintes e servindo como um grande veículo de socialização para os migrantes, pois como afirma Lenharo:

É preciso lembrar que esse veículo ágil acompanhava de perto os acontecimentos do dia-a-dia das grandes cidades, atuava como escola de socialização para populações migrantes que saíam do campo e das pequenas cidades para se acotovelar nas capitais. O rádio apresentava esse mundo novo ao migrante que ele próprio havia motivado a migrar; seu raio de alcance reportava portanto a outros mundos, a novas realidades, sempre a manter um ponto de sedução mais distante do alcance do recém chegado à grande cidade.⁷⁷

Ainda no grupo de historiadores que abordam o rádio no Estado Novo, temos a obra *Multidões em Cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*, da historiadora Maria Helena Rolim Capelato. Nesta obra, Capelato utiliza-se da metodologia da história comparativa, tendo como referência o método utilizado pelo historiador francês March Bloch, que visa comparar experiências históricas que possuem fenômenos semelhantes e elementos similares, podendo efetivamente ser comparadas. Capelato realiza um estudo comparativo da

⁷⁶ LENHARO, 1995, op. cit., p. 137.

⁷⁷Idem, p. 136.

propaganda política nos regimes varguista e peronista, analisando sociedades ao mesmo tempo vizinhas e contemporâneas (neste caso, o contexto brasileiro e o argentino) que são influenciadas umas pelas outras, sendo submetidas em virtude de sua proximidade e de seu sincronismo.⁷⁸

Relativizando o poder de manipulação da mídia oficial, Capelato elege a propaganda política estatal como objeto de estudo fundamental para compreender o Estado Novo e o Peronismo, recusando as abordagens generalizantes que definem os dois regimes como populistas. A autora também busca recuperar as ideologias dominantes nos governos de Vargas e Perón de modo a privilegiar as particularidades nacionais e os recortes específicos, analisando a maneira como estes líderes se autopromoveram e exaltaram a si mesmos. Também aponta para as similaridades e diferenças no que tange à produção, amplitude, veiculação e repercussão na propaganda política estatal destes regimes.

No que se refere ao rádio, Capelato ressalta que houve o empenho por parte de alguns membros do Estado Novo – assim como do peronismo – que eram simpáticos ou adeptos da política de propaganda nazi-fascista em adotar os métodos de controle dos meios de comunicação e persuasão utilizados na Alemanha e na Itália, fazendo-se tentativas de adaptação destes métodos às realidades brasileira e argentina. Ao analisar esse controle estatal sobre a imprensa e o rádio no Estado Novo e no peronismo, Capelato afirma que, assim como no fascismo italiano, no varguismo houve maior preocupação com o controle da imprensa do que do rádio, apesar deste ser tido como um meio de comunicação de grande importância para o regime.

Apesar de enfatizar o controle estatal sobre o rádio, Capelato também enfatiza a divergência no que diz respeito aos projetos de radiodifusão elaborados pelo Estado Novo para o rádio brasileiro, pois além da vertente empresarial voltada para o consumo, a autora afirma que os ideólogos do Estado Novo defendiam um “projeto de radiodifusão educativa com vistas à formação da consciência nacional considerada indispensável à integração da nacionalidade”.⁷⁹ Dentro desse projeto, o rádio seria importante na divulgação de mensagens e notas oficiais, atos oficiais do governo, reproduções de discursos e programas como o *Hora do Brasil*, além dos programas que tinham como objetivo a descrição das características pitorescas das diversas regiões do país.

Mas no que se refere à recepção dessa programação por parte dos ouvintes, Capelato vai além das abordagens simplistas que atribuem o êxito do Estado Novo apenas pela

⁷⁸ CAPELATO, op. cit., p. 37.

⁷⁹ Idem, p. 88.

conjugação da violência física – que se dava através da repressão policial – e da violência simbólica – que se dava por meio da propaganda política. Elaborando uma reflexão mais complexa e refinada, onde considera as particularidades dos regimes varguista e peronista, Capelato analisa a relação entre o produtor de mensagens que tem por objetivo a exaltação do regime e, do outro lado, o receptor destas mensagens, enfatizando que o ouvinte não pode ser tido como um agente passivo e inerte no processo, assimilando qualquer conteúdo sem o resinificar. Contrariando esta abordagem, a autora considera que os efeitos das mensagens veiculadas no rádio podem ser múltiplos, podendo haver desvios, reformulações, reinterpretações e recusas por parte do ouvinte, que devem ser levados em conta neste pelo historiador.

Outra historiadora que abordou o rádio no contexto do Estado Novo em suas pesquisas foi Lia Calabre. Em seu estudo, Calabre analisa o rádio (mais especificamente a rádio nacional) dentro da complexa estrutura instalada pelo regime estadonovista a partir de 1937, concebendo o regime instaurado por Vargas não como uma estrutura homogênea, mas como um “conjunto formado por diversas agências que disputavam entre si a posição predominante, sendo necessário estabelecer as diferenças existentes no tratamento dispensado por elas às questões do rádio”.⁸⁰ Tal como Capelato, Calabre enfatiza as peculiaridades do Estado Novo no que diz respeito à propaganda e a política cultural, indo de encontro a corrente historiográfica que concebia o Estado como um todo monolítico e que adotava uma perspectiva unilateral que impedia visualizar as especificidades do regime, tanto entre os diversos órgãos estatais como entre as pessoas que ocupavam cargos direta ou indiretamente ligados ao Estado, dificultando-se a elaboração de uma abordagem mais complexa da máquina estatal.

No tocante ao rádio, Calabre analisa as diversas propostas para a radiodifusão no Estado Novo, estudando a relação deste meio de comunicação com órgãos estatais como o DIP e o Ministérios da Saúde e Educação, evidenciando as divergências que havia entre estes órgãos em relação aos projetos em torno da radiodifusão. Sua pesquisa tem como foco a Rádio Nacional entre os anos de 1940 a 1946, período em que a emissora foi incorporada ao patrimônio estatal através de decreto do presidente Vargas, tornando-se a principal emissora de rádio brasileira e transmitindo em ondas curtas para grande parte do Brasil, conquistando também uma grande audiência a nível nacional. Nesse período, a direção geral da emissora foi

⁸⁰ CALABRE, op. cit., p. 14.

entregue a Gilberto de Andrade, ex-censor teatral e promotor do Tribunal de Segurança Nacional.⁸¹

Calabre recusa as abordagens que levam a pontos extremos a relação da Rádio Nacional com o Estado. Conforme a autora, se de um lado a presença do Estado na emissora é minimizada nos relatos e depoimentos analisados de seus antigos funcionários, por outro lado, Calabre verifica que em grande parte dos trabalhos acadêmicos sobre a radiodifusão do período, a presença do Estado é marcante sobre a emissora, ora adquirindo-a, ora influenciando em sua programação. Em seu trabalho, Calabre relativiza esta relação, afirmando que, mesmo que os microfones da Rádio Nacional fossem utilizados para irradiar várias homenagens aos membros do governo na época, não teria havido uma pressão exacerbada por parte da esfera política, com demandas excessivas por espaço na programação da emissora; isto porque, além de ter um experiente jornalista radiofônico e habilidoso diretor como Gilberto Braga – que era também um representante do próprio Estado na emissora, uma vez que este já teria sido procurador do Tribunal de Segurança Nacional – havia também o modelo de administração adotado pelo governo, que fornecia um grau considerável de autonomia financeira e administrativa para a emissora. Por outro lado, Lia Calabre adverte que o caso da Rádio Nacional não deve ser tomado como um modelo único para entendermos a relação do rádio com o Estado Novo em geral, pois faz-se necessário estudarmos a trajetória de cada emissora e suas especificidades dentro do regime.

Mas além de analisar a relação do rádio com o regime estadonovista, Calabre também discute a relação do rádio com o cotidiano da sociedade brasileira do período a partir da análise do conteúdo das radionovelas produzidas e veiculadas na Rádio Nacional, entendendo que a relação estabelecida entre o público ouvinte e o rádio constitui-se numa relação de mão dupla, onde o rádio teria forte poder de influência no cotidiano da sociedade; porém, esta mesma sociedade não deve ser tomada como um bloco homogêneo e apático, pois era necessário que o produto oferecido pelo rádio fosse aceito pelo ouvinte consumidor. Desse modo, os desejos desta mesma sociedade também poderiam interferir na programação veiculada pela radiodifusão.⁸²

Utilizando-se do conceito de *campo* de Pierre Bourdieu, Calabre também enfatiza a diversidade da programação da Rádio Nacional, entendendo que a produção radiofônica

⁸¹ Gilberto de Andrade também foi diretor das revistas *Sintonia* e *A Voz do Rádio*, tendo colocado em prática muitas de suas ideias presentes nos artigos publicados na revista *A voz do Rádio* promovendo uma série de inovações na emissora, como a criação de um setor de estatística que produzia mapas de programação horários a serem oferecidos aos anunciantes. Cf. CALABRE, op. cit., p. 34.

⁸² CALABRE, op. cit., pp. 14-15.

“pertence, em primeira instância, ao campo da produção cultural, que é composto de diversos setores, no qual cada setor específico poderá estabelecer, ou não, diálogo com os outros do mesmo campo”.⁸³ Mas o foco de sua análise recai sobre as radionovelas veiculadas na emissora, onde a autora elabora um quadro sociológico dos escritores, o conteúdo dos textos e a audiência da época.

Os trabalhos referenciados acima evidenciam que há uma produção profícua sobre o rádio entre os historiadores no eixo Sul-Sudeste. Todavia, há uma escassez de trabalhos acadêmicos e de publicações acerca do rádio nos demais estados brasileiros, fator que dificulta a construção de uma compreensão mais ampla do processo de instauração e consolidação da radiodifusão nas demais regiões do país, o que também reflete na historiografia do rádio brasileiro, visto que há uma concentração de trabalhos sobre a radiodifusão em estados como São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Rio Grande do Sul, etc.

Na região Nordeste, um dos poucos trabalhos acadêmicos publicados por historiadores acerca do rádio é a obra *Ao pé do Ouvido*, de Dilton Maynard. Nesta obra, Maynard aborda o rádio sergipano dentro da estrutura do Estado Novo, que mesmo com todas as suas dificuldades, foi utilizado pela classe política como ferramenta de propaganda e doutrinação. Maynard analisa o tipo de radiodifusão que foi implantada em Sergipe, estabelecendo o elo entre os usos e táticas de envolvimento entre o público e o rádio nos primórdios da radiodifusão brasileira, assim como as propostas intervencionistas do Estado Novo em relação ao rádio e o surgimento das primeiras emissoras sergipanas.⁸⁴

Maynard inicia seu estudo a partir da *Rádio Palácio do Governo* - que tinha como prefixo PYD-2 – que era tida como uma espécie de circuito fechado de comunicação. Porém, ao contrário de outros autores que se dedicaram à temática, Maynard ressalta que, muito mais do que um serviço de autofalantes, a PYD-2 ultrapassou a sua limitada projeção, constituindo-se num tipo de laboratório para as futuras estratégias que seriam utilizadas na futura Rádio Difusora (Aperipê). Para Maynard, a precursora da Rádio Aperipê cumpriu papel importante na radiodifusão sergipana, pois mesmo no período em que a atividade radiodifusora ainda não estava regularizada no estado e a PYD-2 tinha pouco poder de alcance e tempo curto de transmissão, a emissora foi importante na medida em que contribuiu para alimentar e propagar uma imagem mitificada de Vargas para os sergipanos. A nível local, o então interventor Eronildes de Carvalho também teria feito o uso político da PYD-2 através da produção – ainda

⁸³ CALABRE, op. cit., pp. 120-121.

⁸⁴ MAYNARD, Dilton Cândido Santos. **Ao pé do ouvido**: Sergipe, o Estado Novo e a criação da Rádio Aperipê. São Cristóvão: Editora UFS, 2014, p. 17.

que precária – de programas radiofônicos para construir sua imagem de interventor e representante do Estado Novo junto à sociedade, como o “Dia do Município” (evento que proferiram-se palestras sobre a História de Aracajú) e a “Semana Eronildes de Carvalho”, evento de autopromoção onde as falas foram veiculadas e enredadas de modo a conferir um caráter técnico aos relatos acerca do interventor sergipano.⁸⁵

Já a Rádio Aperipê (a PRJ-6) era tida como o meio privilegiado dos responsáveis pela propaganda estatal, tornando-se um elemento essencial para divulgação das belezas e potenciais do estado de Sergipe, servindo também como um instrumento das principais correntes políticas sergipanas desde a sua criação. O interventor Augusto Maynard Gomes utilizou-se da PRJ-6 de forma eficiente, garantindo a regularidade das suas transmissões e encaminhando a emissora ao regime de concessão, atraindo anunciantes locais e nacionais, permitindo que a emissora fizesse uma programação mais diversificada e com maior regularidade nas suas irradiações.⁸⁶ Conforme Maynard, através do rádio, políticos como Eronildes de Carvalho e Augusto Maynard Gomes eram representados como autênticos porta-vozes dos anseios do povo. Contudo, apesar do minucioso trabalho de propaganda executado em torno da figura destes interventores, os resultados foram diferentes para ambos, pois se de um lado Augusto Maynard ainda é lembrado como um sergipano notável, de outro, Eronildes de Carvalho teria caído no esquecimento.

Até agora vimos que o rádio se desenvolveu e consolidou-se como um dos meios de comunicação fundamentais em nossa cultura, fazendo parte de nossos lares e influenciando nosso cotidiano, modificando também os nossos hábitos. Vimos também que foi um meio que teve rápida expansão e popularização nos principais países da Europa ocidental, assim como nos Estados Unidos. E quanto ao Brasil? Como se deu o processo de implantação da radiodifusão no Brasil? Como esta atividade se desenvolveu e se difundiu? Quais foram os usos do rádio no Brasil? Quais foram os grupos que se utilizaram e se beneficiaram deste veículo durante o Estado Novo? Quais foram as influências estrangeiras na radiodifusão brasileira na época da Segunda Guerra Mundial? Estas são questões pertinentes ao nosso trabalho que serão discutidas e abordadas a seguir.

⁸⁵ MAYNARD, op. cit., p. 45.

⁸⁶ Idem, p. 89.

3 A PRA8 E A GUERRA NO ÉTER

Na metade da década de 20 o rádio expande-se pelo Brasil, havendo o surgimento de várias emissoras nas diversas regiões do país,⁸⁷ verificando-se num curto intervalo de tempo o aumento do número de emissoras em boa parte do país. Para Vampré, este surto se deu numa forma aparentemente planejada geograficamente, ocorrendo uma descentralização da radiodifusão no Brasil.

Todavia, além das dificuldades técnicas e financeiras, a radiodifusão brasileira encontrou outro empecilho ao seu desenvolvimento em sua fase inicial: a legislação. O nascimento da radiodifusão no Brasil não foi acompanhado da criação de uma legislação específica para tal, sendo regulada a princípio pelo Decreto 3.296 de 10 de julho de 1917, que regulavam os serviços de radiotelegrafia e os de radiofonia no território brasileiro. Em seu primeiro artigo, o Decreto tornava estes serviços de competência exclusiva do governo federal, competindo unicamente ao Ministério da Viação e Obras Públicas a instalação de estações radiotelegráficas.⁸⁸ A concessão aos grupos nacionais para explorar a radiodifusão só poderia ser feita mediante autorização governamental, pois ficava estabelecido que somente o governo brasileiro “poderá conceder permissão a terceiros, nacionais, sem privilégio algum”,⁸⁹ ficando sob responsabilidade dos Correios a regulamentação e a fiscalização do serviço telegráfico. Com este Decreto, o governo federal centraliza e controla o setor de comunicações em suas mãos, fazendo com os grupos regionais ou particulares tivessem que pedir autorização para explorar os serviços de radiofonia e telefonia. Para Othon Jambeiro:

O Decreto nº 3.296, de 10 de julho de 1917, é um documento de grande importância na história da regulação das telecomunicações no Brasil. Ele declara ser da exclusiva competência do Governo Federal os serviços radiotelegráfico e radiotelefônico no território brasileiro. Foi elaborado, portanto, a partir do conceito de telecomunicações como objeto de regulamentação federal, isto é, subordinado à política nacional e não as políticas das províncias regionais. Não poderia haver, portanto, regulamentações diferenciadas em cada província, mas uma única regulamentação para todo o país⁹⁰.

⁸⁷ A partir de 1924 a radiodifusão expande-se para além do eixo Rio-São Paulo, surgindo várias emissoras na região Nordeste. Na Bahia foi criada a Rádio Sociedade da Bahia. No Ceará surge a Ceará Rádio Clube e no Maranhão, a Rádio Sociedade Maranhense e a Rádio Clube do Maranhão. Na região sul, destaque para a Rádio Sociedade Riograndense, Rádio Clube Paranaense e a Rádio Clube Catarinenese. Cidades de pequeno e médio porte do interior do Brasil como Juiz de Fora (MG) e Ribeirão Preto (SP) também já contavam com uma emissora de rádio. VAMPRÉ, op. cit., p. 32.

⁸⁸ Decreto Nº 3.296, De 10 de Julho de 1917. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/Historicos/DPL/DPL3296.htm. Acesso em 27/12/2015.

⁸⁹ Ibidem.

⁹⁰ JAMBEIRO, Othon. **Tempos de Vargas: o rádio e o controle da informação**. Salvador: EDUFBA, 2004, p. 61.

O sistema de radiodifusão brasileiro já nasce controlado e tutelado pelo monopólio estatal que impedia o seu crescimento e efetivação na década de 20. Mas o controle estatal não se resumia as concessões de estações de rádio. Com o Decreto 16.657 de 5 de novembro de 1925, o governo federal torna exclusiva a competência do Governo Federal os serviços radiotelegráfico e radiotelefônico no território brasileiro,⁹¹ limitando a prática da radiotelefonia através das sociedades sem fins lucrativos e proibindo a inserção e veiculação de publicidade na programação das emissoras. Este Decreto torna a programação das rádios estritamente e cultural e educativa, fazendo com que o rádio se organizasse em termos não comerciais.

Com relação a primeira fase do rádio em nosso país, poderíamos concordar com a afirmação do antropólogo Renato Ortiz quando este diz que a primeira fase da radiodifusão no Brasil foi marcada muito mais pelo amadorismo do que pelo caráter empresarial, carecendo de profissionalismo, planejamento e uma legislação específica e concisa para a radiodifusão. Mais que isso:

A década de 20 é ainda uma fase de experimentação do novo veículo e a radiodifusão se encontrava muito mais amparada no talento e na personalidade de alguns indivíduos do que numa organização de tipo empresarial.⁹²

Somente na década de trinta ocorrerão transformações significativas no rádio brasileiro. Além do impacto do surgimento dos aparelhos a válvula, que ampliaram o acesso dos ouvintes ao novo meio de comunicação, surgem mudanças relevantes na legislação referente ao rádio.

Quando assume o governo federal em caráter provisório, Getúlio Vargas baixa o Decreto nº 20.047 em 27 de maio de 1931, alterando de forma significativa a legislação do rádio no Brasil.⁹³ O rádio passa a ser regido por um estatuto próprio, uma vez que o Decreto 20.047 torna-se o primeiro estatuto específico sobre a radiodifusão em nosso país, substituindo a antiga regulamentação feita pelo Decreto 16.657 para os serviços de radiotelefonia e radiotelegrafia.

Ao se dar conta do impacto e das potencialidades proporcionadas pelo novo meio de comunicação emergente (principalmente após a revolução de 30) nas comunicações, o rádio passa a ser objeto de controle e atenção redobrada por parte do governo, sendo agora

⁹¹ Decreto nº 16.657, de 5 de Novembro de 1924. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1910-1929/d16657.htm. Acesso em 27/12/2016.

⁹² ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 2001, p. 39.

⁹³ De acordo com Jambeiro, a legislação criada por Vargas trouxe conceitos que perduram até os dias de hoje no setor de radiodifusão, tais como: bem público, serviço público, interesse nacional, propósitos educacionais, além da concepção de Estado como o poder concedente dos serviços de radiodifusão e a empresa privada como operadora principal do serviço. JAMBEIRO, op. cit., p. 62.

considerado “de interesse nacional e de finalidade educacional”,⁹⁴ havendo também a pretensão da União em promover a “unificação dos serviços de radiodifusão, no sentido de constituir uma rede nacional que atenda aos objetivos de tais serviços”.⁹⁵

A expansão e a consolidação do rádio no Brasil (assim como nos demais países latino-americanos) coincide também com o período de construção dos regimes populistas na América Latina, como o peronismo e o varguismo. No Brasil, Getúlio Vargas buscou explorar de maneira eficiente as potencialidades do rádio no Estado Novo, utilizando-se deste meio para promover e propagar uma imagem positiva, harmônica e consensual do regime estadonovista, uma vez que o rádio tornou-se um veículo de informação muito abrangente. A radiodifusão passou a ser vista como um setor chave na promoção da educação e na transmissão da palavra oficial.

Ao implantar o Estado Novo, Vargas também cercou-se de uma série de dispositivos de controle de informação, como o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), que buscou agir efetivamente sobre o rádio, colocando censores dentro das emissoras a fim de filtrar e selecionar a programação para que não houvesse a circulação de ideias contrárias à ordem vigente.

Contudo, apesar de o caráter autoritário do novo regime e de suas respectivas propostas de utilização de formas de ação política orientadas no sentido de galvanizar o grande público serem ressaltadas por diversos autores, Ortiz afirma que houve uma certa “timidez do governo Vargas ao procurar implementar esta política em relação aos meios de comunicação de massa”, pois “paradoxalmente, no momento em que ele reunia forças para controlar as emissoras e implantar um sistema nacional de radiodifusão, assiste-se a um crescimento do rádio comercial”.⁹⁶ Ortiz ressalta que este paradoxo decorre da divergência de propostas dos intelectuais estadonovistas no que diz respeito aos usos do rádio. Se por um lado havia intelectuais que defendiam que o rádio deveria ser um serviço de interesse nacional, devendo ser coordenado e disciplinado pelo poder central – onde a radiodifusão seria pensada em termos estratégicos – por outro lado havia aqueles que advogavam a radiodifusão livre, como Álvaro F. Salgado, que afirmava que o momento não era totalmente propício para o estabelecimento da radiodifusão exclusivamente oficial.⁹⁷

⁹⁴ Decreto nº 20.047, de 27 de Maio de 1931. Disponível em <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-20047-27-maio-1931-519074-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em 28/12/2016.

⁹⁵ Ibidem.

⁹⁶ ORTIZ, op. cit., pp. 51-52.

⁹⁷ Para Renato Ortiz, havia uma contradição que revelava um hiato entre a intenção política do Estado e a realidade sócio-econômica, uma vez que havia razões econômicas que impediam o Estado de assumir os gastos com a uma operação de envergadura nacional como o projeto de uma cadeia nacional de rádio. Havia também questões de

No Recife, a Rádio Clube de Pernambuco não escapou ao controle estabelecido pelo Estado Novo, sendo utilizada também pelo interventor Agamenon Magalhães para doutrinar e passar uma imagem positiva de seu governo.

Depois de uma trajetória de dificuldades, a PRA8 constitui-se como uma das principais emissoras do Brasil. Devido a sua estrutura e ao seu alcance, a emissora foi alvo do controle estatal, principalmente com a entrada do Brasil na Segunda Guerra, onde o DIP influenciou constantemente em sua programação, enviando programas, censurando notícias e dando um novo direcionamento para a emissora no novo contexto que surge.

3.1 A PRA8 e sua trajetória

Diante das inúmeras dificuldades e limitações, a proposta do Estado Novo para a radiodifusão mostra-se inviável, pois o sonho de construir um sistema radiofônico a nível nacional se desfaz diante da impossibilidade material de realizá-lo. Desse modo, a radiodifusão brasileira não adquire o formato de rede durante o Estado Novo, fator que favorece o desenvolvimento da radiofonia local.⁹⁸ Desse modo, algumas emissoras com mais poder de alcance se limitavam a irradiar seus programas a partir de sua base geográfica, porém, como afirma Ortiz, estas emissoras não se constituíam num centro integrador da diversidade nacional, apesar de serem captadas de acordo com o padrão de recepção em cada lugar.

Este é o caso da Rádio Clube de Pernambuco, emissora pernambucana que esteve intimamente envolvida com a gênese do uso e da propagação das ondas radiofônicas no Brasil. Ao que tudo indica, o empreendimento começou a ser gestado em meados da década de 1910 e formalmente oficializado nos anos 20. Apesar da ênfase de alguns autores que atestam o surgimento oficial do rádio brasileiro em 1922, a experiência do grupo de radiófilos pernambucanos é reconhecida como uma iniciativa pioneira para o rádio brasileiro por autores como Octávio Augusto Vampré e Gisela Ortriwano. Ainda que inicialmente o objetivo do grupo não fosse fazer a radiodifusão propriamente dita, este grupo já se reunia para sintonizar

ordem política, pois apesar de sua tendência centralizadora, o governo Vargas tinha que compor com as forças sociais existentes (principalmente o capital privado, que possuía interesses bem definidos no que se refere à radiodifusão). Para exemplificar esta relação, Ortiz enfatiza o caso da Rádio Nacional, que mesmo sendo encampada pelo governo em 1940, funcionava praticamente nos moldes de uma empresa privada. ORTIZ, op. cit., pp. 52-53.

⁹⁸ Idem, p. 54.

emissoras estrangeiras como a WEAFF e a KDKA dos Estados Unidos, importando também um transmissor francês de marca Levy para iniciar as primeiras transmissões.

Há unanimidade por parte dos autores em afirmar que a Rádio Clube de Pernambuco surge a partir da iniciativa de um grupo de curiosos e pesquisadores de radiotelegrafia⁹⁹ criado em 6 de abril de 1919, que teria se reunido no salão nobre da antiga sede do Diário de Pernambuco que ficava na Praça da Independência. Este grupo era composto por diversos segmentos da sociedade pernambucana, incluindo proprietários de usinas produtoras de açúcar, políticos, comerciantes e jornalistas. A curiosidade, o interesse e o fascínio pela radiotelegrafia eram elementos em comum entre seus membros.

Contudo, o embrião deste grupo surge bem antes de 1919, uma vez que o Rádio Club já aparece registrado nos jornais locais, mais precisamente na edição de 18 de novembro de 1914 do Diário de Pernambuco, que traz a notícia de uma reunião promovida no Bar Olinda, na qual estava o grupo que constituiu-se como o embrião da emissora:

Na vizinha cidade de Olinda, segundo nos informam vai ser criada uma sociedade recreativa, por iniciativa de alguns cavalheiros ali veraneando. O “Rádio Club” que tal é o nome da aludida sociedade é composto exclusivamente de pessoas de distinção social, tendo por fim proporcionar as famílias olindenses durante a estação diversões variadas.¹⁰⁰

Apesar de ser tido como uma “sociedade recreativa” composta por veranistas, a notícia enfatiza que o grupo é formado por pessoas de “distinção social”, o que denota que a atividade dos radiófilos pernambucanos – assim como do Brasil em geral – no início do rádio brasileiro era circunscrita a determinados grupos sociais, onde o rádio era tido como aparelho de difícil instalação e aquisição. Conforme Ortiz, apesar de o rádio ser introduzido no Brasil desde 1922, “não obstante, até 1935 ele se organizava basicamente em termos não comerciais, as emissoras se constituindo em sociedades e clubes cujas programações eram sobretudo de cunho erudito e lítero-musical”.¹⁰¹ Os poucos ouvintes que faziam uso dos aparelhos de rádio a galena tinham que pagar uma taxa de contribuição para o governo pelo uso das ondas. Para se ouvir a programação das rádios internacionais que eram sintonizadas por essas sociedades, era preciso

⁹⁹ A radiotelegrafia pode ser definida como uma espécie de comunicação telegráfica, onde a transmissão dos sinais Morse era feita com auxílio de ondas magnéticas. A radiotelegrafia foi utilizada e difundida na Primeira Guerra Mundial e é tida como a precursora do rádio como veículo de comunicação. Cf. GOLDBERG, Nicolas. **Dicionário radiotécnico brasileiro**. São Paulo: Edição do Autor, 1964, p. 191.

¹⁰⁰ DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 18 de novembro de 1914. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_09&pasta=ano%20191&pesq=radio%20club. Acesso em: 10/07/2016.

¹⁰¹ ORTIZ, op. cit., p. 39.

frequentar um desses clubes possuidores de receptores, pois os primeiros aparelhos de rádio da época não tinham preços acessíveis. Os da marca Pekam nº 1, por exemplo, chegavam a custar cerca de 1.200\$000 réis em 1924.¹⁰²

Mário Felix Barreto, o usineiro João Cardoso Ayres, Mario Pena, os irmãos Edmundo e Jorge Bentz, Octavio Cirne, Alfredo Chagas, Joaquim Augusto Pereira e o jornalista Mário Melo foram os primeiros componentes desse grupo,¹⁰³ que era composto de intelectuais, usineiros e membros da aristocracia pernambucana de então. Mais tarde, outro membro importante viria se juntar ao grupo que se encontrava em certa inatividade: Oscar Moreira Pinto,¹⁰⁴ um jovem telegrafista da Marinha Mercante brasileira que teria se iniciado na atividade de radiotelegrafia. Por motivos de saúde, (foi diagnosticado com tísica na época) Oscar não pode mais realizar as viagens e teve que deixar a Marinha, vindo a residir no Recife e juntando-se definitivamente ao grupo de radiófilos que pode ser considerado como o embrião da emissora.

A atuação de Oscar Moreira Pinto foi importante no Rádio Clube de Pernambuco, equipando e desenvolvendo a infraestrutura da emissora, pois com seus conhecimentos técnicos de radiotelegrafia adquiridos na Marinha brasileira, Oscar foi em busca do equipamento necessário para a montagem do transmissor da rádio, viajando até o Rio de Janeiro e fazendo contato com o fundador da Rádio Sociedade, Roquette Pinto. Assim, de mera sociedade civil de radioamadores que reuniam-se para ouvir as emissoras estrangeiras, o Rádio Clube de Pernambuco dá um passo importante ao instalar o seu primeiro transmissor, tornando-se efetivamente uma emissora. Conforme relato de Abílio de Castro:

Entusiasmado que ficou, ele (Oscar Moreira Pinto) pediu sua licença da Marinha Mercante. Lá no Rio teve entendimento com cientista brasileiro, o Doutor Roquette Pinto, que estava empenhado na Fundação da Rádio Sociedade, que era a primeira estação. Oscar conversando com ele disse que estava com a intenção de fundar o Rádio Clube de Pernambuco, rádio que já existia em sociedade civil. O Rádio Clube de Pernambuco foi fundado em 1919, no dia dez de outubro no salão nobre do Diário de Pernambuco, mas como sociedade civil, entenda-se bem, como rádio nada. Roquette Pinto animou-o bastante. Mandou que ele falasse com o diretor dos telégrafos, como era chamado o correio na época. Juntaram-se os três e em conversa o Doutor Roquette Pinto lembrou a Oscar que a feira da Independência estava a terminar e ele poderia adquirir aquele material sonoro, aqueles alto falantes, amplificadores, aquele material todo que estava exibido na feira da exposição. Oscar então se dirigiu aos encarregados

¹⁰² TOTA, Antônio Pedro. **A locomotiva no ar: rádio e modernidade em São Paulo, 1924-1934**. São Paulo: Secretaria de Estado e Cultura, 1990, p. 28.

¹⁰³ MARANHÃO FILHO, op. cit., p. 7; PHAELANTE, op. cit., p. 16.

¹⁰⁴ Assim como o técnico de radiotelegrafia Otto Schiller, Oscar Moreira Pinto foi outro funcionário da PRA8 investigado pelo DOPS-PE. De acordo com as investigações, Oscar Pinto seria simpatizante das ideias de Luis Carlos Prestes. No dia 4 de novembro de 1932, “Como diretor do Rádio Club, na vitória das forças legais, pelo microfone de seu estúdio, gritou: “viva o general Luis Carlos Prestes”. APEJE, DOPS-PE, Oscar Moreira Pinto, Prontuário Individual nº 2243.

da feira e conseguiu esse material. Em conversa com Roquette Pinto, eles disseram que poderia transformar o transmissor de telegrafia num transmissor de radiofonia. [...] Oscar tinha um primo, Oscar Dubeaux Pinto, que vivia também antenado com eletricidade, eletrônica, essas coisas. Conversando com Oscar Dubeaux, Oscar Moreira Pinto disse: vamos fazer a mudança, a transferência, a adaptação. E mudaram o transmissor de Telegrafia para Radiofonia.¹⁰⁵

A adaptação foi feita, passando-se a transmitir primeiramente a partir de um transmissor de 10 watts marca *Westinghouse*, produzido pela empresa norte-americana *Westing House International Company*, que estava com sua capacidade de produção ociosa desde o final da Primeira Guerra Mundial e procurava, através da realização de demonstrações radiotelefônicas, vender seus transmissores ao incipiente mercado brasileiro.¹⁰⁶ Este por sua vez foi substituído por outro transmissor de marca francesa, um *Levy* de 500 watts.¹⁰⁷ Neste primeiro momento as transmissões se davam apenas a nível local, transmitindo-se da sede da emissora que ficava na Avenida Cruz Cabugá até alguns pontos do centro do Recife, como a praça da Independência e os bairros de Santo Antônio e de São José.¹⁰⁸

Vale salientar que no princípio, o grupo de radioamadores fundadores do Rádio Club de Pernambuco tinha como objetivo difundir entre os seus associados a Telegrafia sem fio e outras aplicações das ondas hertzianas, como a telefonia sem fio e a radio-dinâmica,¹⁰⁹ e não a radiodifusão propriamente dita. Ao contrário da proposta de Roquette Pinto, que concebia o rádio como um meio para estimular a educação e informar a população, a proposta inicial dos radiófilos pernambucanos foi diferente, pois se detinha no estudo dos conhecimentos técnico-científicos em matéria de radiotelegrafia e radiofonia da época, por vezes sintonizando e ouvindo algumas emissoras estrangeiras como a rádio KDKA. Para Luiz Maranhão Filho:

O ciclo que vai das investigações embrionárias de 22 ao ano 30, marcante pela Revolução muito mais o Nordeste do que o Centro Sul, em suas consequências, não tem conotação de rádio-arte, de rádio-cultura, de rádio ouvinte. Tem, isto sim, o aspecto da inventiva. O homem vencendo a ciência, a máquina manipulada pelos cérebros criadores. Somente tal ânsia de conhecer e saber justifica o obsoletismo que caracteriza cada novo sistema de emissão instalado. Logo era substituído.¹¹⁰

A experiência do Rádio Club de Pernambuco surge numa fase de experiências lúdicas e técnicas feitas pelos radiófilos brasileiros. Enquanto nos Estados Unidos o rádio já podia ser

¹⁰⁵ Depoimento Abilio de Castro. Acervo FUNDAJ.

¹⁰⁶ FERRARETO, Luis Artur. Aqui, o rádio de lá: uma análise histórica das influências estrangeiras nas emissoras brasileiras. In: **Animus – revista interamericana de comunicação midiática**. Mestrado em Comunicação da UFMS. v. 18, jul-dez 2010, p. 94-95.

¹⁰⁷ MARANHÃO FILHO, op. cit., p. 9.

¹⁰⁸ Depoimento Abilio de Castro. FUNDAJ.

¹⁰⁹ Estatutos do Radio Club de Pernambuco. APUD CÂMARA, op. cit., p. 19.

¹¹⁰ MARANHÃO FILHO, op. cit., pp. 10-11.

considerado um meio de comunicação de massas, no Brasil, o rádio ainda era parte do universo de uma pequena parcela da sociedade.¹¹¹ Nesse período as primitivas estações de rádio organizavam-se sob a denominação jurídica de sociedades ou clubes, sustentando-se com mensalidades pagas pelos sócios, que passaram a ser chamados de rádio-amadores. De acordo com Tota, “existia entre esses rádio-amadores um tipo de fidelidade quase partidária, uma espécie de espírito de corpo, por assim dizer: um sócio de uma determinada sociedade de rádio só ouvia aquela emissora”.¹¹²

Só em 1923 a Rádio Clube a Rádio Clube passa a fazer radiodifusão propriamente dita, transmitindo para o bairro de Casa Amarela (zona norte do Recife) e atingindo maior alcance do que antes, sendo registrada nos correios e telégrafos por Oscar Moreira Pinto no ano de 1924, um ano depois da emissora de Roquette Pinto, a Rádio Sociedade, ser registrada. Mesmo antes do registro nos Correios e Telégrafos, a Rádio Clube já transmitia a nível local óperas, suítes e obras clássicas a partir de discos doados e emprestados pelos seus primeiros associados. A audiência ainda não era significativa, pois os ouvintes só acompanhavam as irradiações do Rádio Clube através dos alto falantes instalados pelo centro do Recife e pelos receptores de rádio Galena. Neste período inicial a Rádio Clube conviveu com dificuldades e limitações. Todavia, apesar dos obstáculos, a emissora continuou na ativa, mesmo que operando de forma amadorística para os padrões de radiodifusão de hoje. Conforme depoimento de Abílio de Castro:

Começou o Rádio Clube a transmitir discos, somente. Não havia horário certo. Quando tinham vontade exibiam no ar informações. Também telefonavam enviando informações. E assim foi 24, 25...em 26 ela já estava firmada. Mas não chegava...não passava de Tejió. Ficava naquelas imediações. Mas já estava funcionando como rádio [...] Não havia locutor, não havia nada! Era qualquer um que chegava lá e falava. Era principalmente Oscar. Oscar era quem mais falava.¹¹³

Não havia uma programação definida na emissora, nem tampouco um contingente significativo de funcionários especializados nessa primeira fase. O que havia de sobra era o espontaneísmo, a improvisação e o esforço por parte dos poucos membros para manter a emissora em funcionamento. Nesse período, apesar de haver tentativas no sentido de criar uma programação musical e cultural nas emissoras brasileiras, deve-se levar em conta que estes programas não passavam por um processo bem elaborado de produção, ou seja, não havia

¹¹¹ TOTA, 1990, op. cit., p. 27

¹¹² Ibidem.

¹¹³ Fundo Fono. HISTÓRIA DO RÁDIO. DEPOIMENTO: ABÍLIO DE CASTRO. Organização Renato Phaelante. FUNDAJ.

propriamente um trabalho de estúdio, com uma programação previamente elaborada.¹¹⁴ Para se ter uma ideia do nível de amadorismo dos profissionais da Rádio Clube na época, havia um funcionário conhecido como Chico, que apesar de ser servente, chegou a atuar como locutor e colocar discos para serem irradiados. “Chico dava corda na vitrola e colocava os discos. Um disco atrás do outro. Quando terminava a irradiação ele dizia: ‘senhores ouvintes, terminou nossa irradiação. Amanhã tem mais e mió.’¹¹⁵” Vale mencionar o relato do então locutor Abilio de Castro sobre o primeiro microfone utilizado na época:

Era uma lata de doce “Peixe” feita por Oscar Dubeaux que era o técnico. Ele arranhou lá os materiais e fez o microfone. Era um microfone desgraçado. A voz saía rachada, enfim, era uma infelicidade. Aí foi melhorando, melhorando... depois ficou até bonzinho. Mas era preciso virar o microfone no sentido contrário, por que se ficasse de frente não havia quem aguentasse.¹¹⁶

Ainda sobre as dificuldades enfrentadas pela Rádio Clube, podemos também mencionar o relato de outro personagem importante na trajetória da emissora, o técnico de radiotelegrafia Otto Schiller,¹¹⁷ alemão naturalizado brasileiro que veio para o Recife em 1931 a convite do Rádio Clube. Schiller fora contratado por Oscar Moreira Pinto para instalar o transmissor de marca *Telefunken* de 1 quilowatt vindo da Alemanha. O depoimento de Schiller corrobora o de Abilio de Castro no que diz respeito aos imprevistos e as limitações enfrentadas pela emissora, pois:

O início da Rádio Clube foi muito precário. Ninguém acreditava na continuação, pensava-se que era uma coisa de amador e ninguém queria tomar parte [...] Então em 1932 houve um desastre de uma válvula que se quebrou. Foi cortado ou estourou um isolador e foi quebrado como se fosse um fusível, uma aba de fusível. Ficou parado então por vários meses. Mas durante esse tempo, para não ficar parado, eu construí então o primeiro transmissor de 50 watts, com potência de 50 watts com material que estava na sucata de antigas estações que tinha lá, de uma estação de 50 watts também comprada em Nova York. Era Westinghouse e de outra francesa, Levy. Com esse material, juntando tudo, tirei e construí uma estação de 50 watts. Salvou a Rádio Clube naquele tempo. O gasto de manutenção era muitíssimo baixo, fazia-se então uma excelente qualidade de som. Com isso, fazia-se a transmissão, principalmente durante o dia.¹¹⁸

¹¹⁴ TOTA, 1990, op. cit., p. 33.

¹¹⁵ Fundo Fono. HISTÓRIA DO RÁDIO. DEPOIMENTO: ABILIO DE CASTRO. Organização Renato Phaelante. FUNDAJ.

¹¹⁶ Ibidem.

¹¹⁷ Em 1924, Otto Schiller estava em Buenos Aires, quando foi contratado pela então Companhia Radiotelegráfica Brasileira, trabalhando como mecânico durante seis anos na sede da estatal que ficava sediada no Rio de Janeiro. Em 1931 foi convidado para dirigir os trabalhos de montagem da estação transmissora da Rádio Clube, fixando-se definitivamente em Recife e tornando-se chefe do Departamento Técnico da PRA-8. APEJE, DOPS-PE, Otto Schiller, Prontuário Individual nº 3531.

¹¹⁸ Depoimento Otto Shiller. In: MARANHÃO FILHO, Luiz. **Raízes do rádio**. Olinda: Ed. do Organizador, 2012, p. 105

Em princípio a Rádio Clube operou na ilegalidade, pois a atividade de radiotelegrafia era de uso restrito do governo, não podendo ser praticada ainda por radioamadores na época. Diante desse impasse foi necessário formar uma comissão para atuar junto as autoridades no sentido de revogar a lei que colocava a prática do grupo de radiófilos pernambucanos na clandestinidade.¹¹⁹ Formou-se também uma comissão encarregada de confeccionar o Regimento Interno do grupo a fim de oficializar e legitimar as atividades, comissão esta presidida pelo então presidente da emissora, Augusto Pereira.¹²⁰

No início da década de 30 a Rádio Clube começa a operar em sua nova sede na Avenida Cruz Cabugá, saindo do pavilhão que situava-se onde fica atualmente o parque 13 de maio, no bairro da Boa Vista, passando agora a ter o prefixo PRA8. Contudo, a qualidade da transmissão do sinal da emissora ainda era comprometida por problemas técnicos, como o que teria ocorrido no início do mês de janeiro de 1930, o que levou a emissora a publicar um comunicado no Diário de Pernambuco na edição de 4 de janeiro do referido ano:

Noticiamos, de acordo com o pedido de um dos diretores do Rádio Clube, que em virtude de se terem queimado todas as válvulas não haveria tão cedo irradiações. Entretanto [...] o Rádio Clube continuou a irradiar normalmente, o que faz crer não ficaram inutilizadas as válvulas, tendo sido outro o defeito que facilmente se removeu.¹²¹

O transmissor francês *Levy* foi substituído por outro ainda mais potente, o *Telefunken*, de origem alemã e de 1 KW de potência, montado e equipado pelo técnico alemão Otto Schiller. Isto permitiu que a emissora transmitisse – ainda que de forma precária – em ondas curtas para os estados do Rio Grande do Norte, Ceará e Paraíba e também para países europeus como a Alemanha,¹²² recebendo várias correspondências confirmando a recepção do sinal da emissora, fato que foi muito comemorado entre os seus membros. Foi também realizado o primeiro concurso para locutor da emissora, tendo como vencedor o professor de latim Abilio de Castro. Houve também o aumento no número de anunciantes, destacando-se algumas marcas de

¹¹⁹ CÂMARA, op. cit., p. 18.

¹²⁰ Ibidem.

¹²¹ DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 4 de janeiro de 1930. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_11&pasta=ano%20193&pesq=radio%20club. Acesso em: 17/07/2016.

¹²² A chegada das irradiações para outros países era confirmada através de correspondências enviadas à Rádio Clube, conforme relata Abilio de Castro em seu depoimento, tendo sido recebido correspondências da Alemanha quando a emissora passa a transmitir por ondas curtas. CÂMARA, op. cit., p. 61.

produtos já conhecidos dos consumidores da capital pernambucana, tal como as gasosas Fratelli Vita e as Casa Parlophon, além outros anunciantes como as pomadas para calos e purgantes.

No tocante a programação artística, houve avanços e inovações, como por exemplo o radioteatro criado e dirigido pelo ator de teatro Luiz Maranhão em parceria com o diretor do grupo teatral Gente Nossa, Samuel Campelo. No princípio foram feitas adaptações de peças teatrais para serem radiofonizadas, que eram interpretadas por atores do grupo Gente Nossa. Posteriormente, foram produzidas e radiofonizadas as radionovelas.¹²³ Quanto à programação musical, a Rádio Clube amplia seu leque artístico, abrindo espaço para apresentações de artistas populares como Manezinho Araújo, Sebastião Lopes e o embolador Arnaldo Melo, além dos grupos populares de flautistas, bandolinistas, violonistas e clarinetistas que faziam parte da banda de “Pau e Corda”, grupo de músicos que acompanhavam as agremiações carnavalescas nos carnavais da época. Vale destacar o papel do pianista e maestro Nelson Ferreira que, ao ingressar na emissora a convite de Oscar Moreira Pinto, assume a direção musical, atuando também como maestro e locutor.

Em 1937, a PRA8 tornou-se uma sociedade anônima, dispondo de uma considerável infraestrutura para a época, possuindo em suas instalações um transmissor de marca *Cinephon* com cem quilowatts de potência, o que permitia a emissora transmitir em ondas curtas de forma mais nítida e aprimorada não só para os estados do Nordeste como também para outros países, como na ocasião em que o navio de bandeira alemã *Teuto Karlos Hue* aportou no Recife em 1936, onde a Rádio Clube “transmite um programa especial feito com a tripulação do navio para uma emissora alemã. Pela qualidade da emissão, recebe diversas correspondências daquele país, saudando o acontecimento”.¹²⁴

Nesse período a PRA8 Já possuía em seu acervo musical com oito mil seiscentas e cinquenta partituras e uma discoteca com doze mil e duzentos discos, além de um auditório com quarenta poltronas que permitia ao público acompanhar os concertos e apresentações musicais feitas no estúdio principal da emissora, contando também com um estúdio auxiliar para as locuções.¹²⁵ Além disso, a P.R.A.8 também possuía um serviço de gravação de discos e acetatos que fora inaugurado em 6 de julho de 1936, tido como o primeiro sistema de gravações desse tipo no Nordeste,¹²⁶ possibilitando a emissora fazer várias gravações e registros fonográficos da época.

¹²³ CÂMARA, op. cit., p. 61.

¹²⁴ Idem, p. 62.

¹²⁵ MARANHÃO FILHO, 2012, op. cit., p. 49.

¹²⁶ CÂMARA, op. cit., p. 61.

Além do transmissor que ficava em sua sede, a PRA-8 continuava a irradiar sua programação através de alto-falantes. Em ofício enviado ao delegado Fábio Correia, a direção do Rádio Club informa à DOPS/PE que havia no Recife os alto-falantes instalados nos bairros de Casa Amarela, Santa Teresinha, no Jôquei Club do Recife e no Circo Nerino, revelando ainda que este circo possuía uma estação transmissora que funcionava em desrespeito à legislação vigente. A Rádio Clube também possuía outros alto-falantes instalados em cidades do interior de Pernambuco como Vitória, Caruaru, Catende, Garanhuns e Timbaúba,¹²⁷ o que possibilitou a PRA-8 levar sua programação também para os principais municípios do interior pernambucano.

Após vencer os vários obstáculos durante sua trajetória, a Radio Clube consolida-se nos anos trinta como uma das principais emissoras não só na região Nordeste, mas também a nível nacional, adquirindo e possuindo uma boa infraestrutura e um *cast* considerável de artistas para a época. Contudo, após as dificuldades técnicas, institucionais e de infraestrutura que foram vencidas, a PRA8 e os seus integrantes teriam outro desafio ainda maior pela frente: lidar com o controle exercido pelo novo regime de governo instaurado em 10 de novembro de 1937, o Estado Novo, que iria interferir de forma significativa nos meios de comunicação da época, principalmente no rádio.

3.2 De asas cortadas: a PRA8 no governo de Agamenon Magalhães

Quando a Segunda Guerra Mundial eclodiu no plano exterior, o Brasil já vivia sob o regime do Estado Novo, onde Getúlio Vargas cercou-se de poderes excepcionais, suspendendo as liberdades civis, dissolvendo o parlamento e extinguindo os partidos políticos.¹²⁸ Através de medidas centralizadoras, Vargas procurou diminuir a autonomia e o poder dos estados, procurando exercer maior controle sobre as oligarquias regionais e nomeando políticos de sua confiança e proximidade como interventores estaduais. Em Pernambuco, Agamenon Magalhães – ex-ministro do Trabalho e da Justiça no Governo constitucional de Vargas, considerado um dos principais arquitetos do Estado Novo ao lado de Francisco Campos, Gustavo Capanema,

¹²⁷ Ofício enviado pelo Rádio Club ao Delegado da Delegacia de Ordem Política e Social de Pernambuco (DOPS-PE), Fábio Correia, em 6 de setembro de 1941. APEJE, DOPS-PE, Rádio Clube de Pernambuco, Prontuário Funcional nº 1106.

¹²⁸ PANDOLFI, Dulce (Org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: FGV, 1999, p. 10.

Salgado Filho e Góes Monteiro – assume oficialmente o cargo de Interventor em Pernambuco em 3 de dezembro de 1937, destituindo-se o então governador do estado, Carlos de Lima Cavalcanti.

Há que se levar em conta as especificidades do cenário político pernambucano no momento da ascensão de Agamenon ao poder, pois se em outros estados não houve mudanças bruscas nas elites condutoras e rupturas significativas na esfera política na ocasião da implantação do novo regime, em Pernambuco as coisas se deram de maneira diversa em relação a outros estados. Como afirma Dulce Pandolfi:

A instauração do Estado Novo acarreta, sem dúvida, uma série de transformações na sociedade brasileira. No caso específico de Pernambuco a política se redefine, e a antiga elite, liderada pelo governador Carlos de Lima Cavalcanti, é totalmente alijada do poder. Na maioria dos estados brasileiros, a implantação do regime autoritário não implicou necessariamente um remanejamento da elite política, mas uma acomodação desta elite, ou de parte dela, a uma nova situação. Em diversos estados já vinha ocorrendo um processo de alinhamento entre a elite política local e governo central, fazendo com que a instalação da nova ordem, advinda em novembro de 37, ocorresse sem maiores traumas. No caso de Pernambuco a situação era bem mais complexa.¹²⁹

O então governador Carlos de Lima Cavalcanti detinha uma ampla legitimidade junto aos diversos setores da sociedade pernambucana. Porém, após o levante comunista que ocorreu em algumas capitais do país em 1935 – inclusive no Recife – seu prestígio decresce diante do governo federal devido a alegação de conivência com o comunismo, que passa a ser uma arma utilizada pelo governo federal para o enfraquecimento da gestão de Carlos de Lima Cavalcanti. Destarte, em maio de 1937 Lima Cavalcanti sofre acusação de suposto envolvimento com a Intentona Comunista de 1935. Nesse momento, Agamenon Magalhães, que já havia acumulado as pastas dos Ministérios do Trabalho e da Justiça – escolhido por Vargas para ser um dos articuladores do processo de sucessão presidencial – compartilha de tal suspeição.¹³⁰ encarregando-se de fortalecer a oposição a Lima Cavalcanti e tornando-se um verdadeiro “cão de guarda” dos assuntos referentes à Pernambuco em seu governo.

Entretanto, apesar da acusação de conivência com o comunismo, Dulce Pandolfi ressalta que por trás disso, havia uma questão maior – embora não aparente – que era justamente o posicionamento de Lima Cavalcanti em relação à sucessão presidencial – apesar de ser um dos articuladores da candidatura do paraibano José Américo de Almeida a presidência, Lima Cavalcanti só assume publicamente a defesa da candidatura em maio de 1937 – e dos rumos

¹²⁹ PANDOLFI, Dulce. **Pernambuco de Agamenon Magalhães**: consolidação e crise de uma elite política. Recife, Fundação Joaquim Nabuco, 1984, p. 44.

¹³⁰ Idem, p. 46.

que a política ia tomando tanto em Pernambuco como na esfera federal após a cisão do grupo político de Agamenon, que dividiu-se entre os que ficaram do lado do governador pernambucano (na Câmara Federal, dos 15 deputados pernambucanos, 11 ficam do lado do governador Lima Cavalcanti e somente 4 permanecem com Agamenon; Já na Câmara Estadual, dos 27 deputados, somente 5 se colocaram do lado do então ministro do trabalho) e os que apoiaram o então ministro Agamenon Magalhães tanto a nível estadual quanto a nível federal. Mas esta disputa entre os chefes políticos não se restringe ao nível local, muito menos deve ser vista como um caso à parte e sem relação com a esfera federal. Ela também reflete a própria divergência no poder central, “divergência esta que, no momento de redefinição da política nacional, tornava-se crucial”.¹³¹

Diante do cenário em que Lima Cavalcanti aparece fortalecido e com grande apoio político, Agamenon aparece como o grande nome para implementar em Pernambuco os novos rumos da política brasileira pretendidos por Vargas, de modo que:

O fato de Lima Cavalcanti se encontrar numa posição bastante fortalecida em Pernambuco criava fortes embaraços para o governo central. Ou seja, Vargas, neste momento de redefinição da política brasileira, necessitava de aliados confiáveis ou, pelo menos, de pessoas facilmente neutralizáveis. Certamente o governador de Pernambuco não se encontra em nenhum destes casos. Agamenon Magalhães, peça importante dentro da nova ordenação de forças políticas que vai se delineando a partir de 1935, torna-se também um poderoso instrumento de que dispõe o chefe do Executivo Federal para intervir em Pernambuco.¹³²

Em seu regime de Interventoria, Agamenon elabora um plano de governo centralizador, utilizando-se de vários mecanismos para concentrar o poder em suas mãos, como a abolição do poder legislativo, o reforço do poder executivo, a nomeação de novos prefeitos para a maioria dos municípios do interior do estado e a criação de uma série de institutos, autarquias e conselhos econômicos, sendo alguns destes dotados apenas de poderes normativos ou com atribuições de natureza mais consultiva,¹³³ onde todos eram controlados diretamente pelo interventor.

Agamenon priorizou em seu governo algumas ações em setores importantes para sua gestão, tais como a educação, a terra e o urbanismo, construindo um projeto pedagógico calcado nos modelos educacionais conservadores da época, elaborando um programa de incentivo e renovação da produção agrícola do estado e remodelando as formas urbanísticas e

¹³¹ PANDOLFI, 1984, op. cit., 46.

¹³² Ibidem.

¹³³ Idem, p. 48.

arquitetônicas do Recife da época, visando atribuir um perfil moderno e eliminar os traços de provincialismo e atraso da capital pernambucana.

Mas também articulou de forma perspicaz um esquema de propaganda e divulgação das obras e realizações do Estado Novo em sua Interventoria, utilizando-se da imprensa e do rádio como canais de propaganda, doutrinação e persuasão que contribuíram significativamente para a legitimação da ordem vigente. Assim, Agamenon tinha a sua disposição duas edições do jornal de sua propriedade, o periódico *Folha da Manhã*, que circulava em duas edições diárias. Em seu conteúdo, a *Folha da Manhã* pode ser tida como “um exemplo de apologia ao modelo político nazi-fascista, que exacerba em seus cânones de paradigma político, os conceitos de ordem, autoridade, pátria e igreja”,¹³⁴ elementos que foram muito difundidos e propagados nos editoriais escritos por Agamenon neste periódico.

Porém, de acordo com Maria das Graças Andrade Ataíde de Almeida, a *Folha da Manhã* também tinha a função de divulgar e propagar os feitos do regime estado-novista, tanto a nível nacional quanto local, pois:

Numa campanha sistemática de propaganda governamental, a *Folha da Manhã* divulgava todas as realizações de Getúlio Vargas. Em março de 1938, quando da elaboração do Plano de Obras Contra as Secas, o interventor solicitou a Luís Vergara detalhes do Plano, com o objetivo de noticiá-lo com “muito ruído”. Explicava que era necessário manter a opinião pública em estado de receptividade em torno de melhoramentos e de obras. Era importante mostrar um Brasil que estava sendo reconstruído, restaurado, onde tudo e todas as coisas eram possíveis de serem realizadas. O Estado Novo, personificado em Getúlio Vargas, conseguia, enfim, por intermédio de uma atuação conjunta de todos os Estados brasileiros – e Pernambuco teve aqui seu atributo – realizar os sonhos e as aspirações do povo, concluindo o trabalho iniciado em 1930.¹³⁵

Todavia, Agamenon não dispunha somente deste periódico, mas também de um programa diário na Rádio Clube de Pernambuco, *A nota do dia*, onde seus editoriais e artigos que eram escritos e publicados na *Folha da Manhã* eram lidos na emissora para os diversos ouvintes que a sintonizavam. A PRA8 recebeu a incumbência – ou a imposição – de irradiar os editoriais de Agamenon diariamente em sua programação. Dessa forma, o interventor utilizava-se da PRA-8 para obter o carisma e a aproximação que a *Folha da Manhã* não permitia em suas páginas. Com relação às implicações da implantação do Estado Novo para a PRA8, Luis Maranhão Filho afirma que:

¹³⁴ ALMEIDA, Maria das Graças Andrade Ataíde de. **A construção da verdade autoritária**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001, p. 32.

¹³⁵ Idem, pp. 169-170.

Se foram chocantes para o país como um todo, foram mais ainda para o rádio pioneiro de Pernambuco que se via, de impacto, com asas cortadas, na hora de alçar voo. Via-se tomado por uma situação de fato, justamente porque o Estado-Forte de Vargas, punha, na interventoria do governo estadual, um homem público que privava da intimidade do Rádio Clube como seu incentivado, amigo dos que compunham a sociedade. Era Agamenon Sérgio de Godoi Magalhães, cultor do Direito, professor, jornalista, político. Todo o rádio-liberdade, todo o rádio expansão, todo o rádio-arte, cultura, inventiva, sucumbia nesse instante. A composição eclética dos redatores de Rádio, dos seus noticiaristas, dos artistas e anunciantes, punha a emissora em autentico suspense, retraída, apalermada, à espera de definições, de novas posturas, de horizontes de súbitos nublados.¹³⁶

E assim a PRA8 viu-se surpresa diante do novo cenário político que se apresentava, tanto a nível local quanto nacional. A Rádio Clube de Pernambuco não escaparia ao uso propagandístico feito pelo regime estado-novista, que utilizou-se do rádio para fins políticos e ideológicos, buscando explorar as potencialidades deste veículo de forma ampla e eficiente. O rádio constitui-se num elemento chave para a propagação das ideias de consenso, homogeneidade e harmonia do novo regime instaurado, pois de acordo com Lenharo:

O rádio permitia uma encenação de caráter simbólico e envolvente, estratégias de ilusão participativa e de criação de um imaginário homogêneo de comunidade nacional. O importante do rádio não era exatamente o que era passado e sim como era passado, permitindo a exploração de sensações e emoções propícias para o envolvimento político dos ouvintes. Efeitos sonoros de massa podiam atingir e estimular a imaginação dos rádio-receptores, permitindo a integração, em variados tons entre emissor e ouvinte, para se atingir determinadas finalidades de participação política. Vargas quando se referia ao rádio, apontava para a sua importância enquanto meio de educação cívica ao mesmo tempo que informador das diretrizes do governo e do alcance de suas medidas¹³⁷.

No regime instaurado por Vargas, o controle da imprensa e do rádio foi feito pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), órgão criado em 1939 e que passou a incorporar as atribuições do antigo Departamento de Propaganda e Difusão Cultural. Fruto da ampliação da capacidade de intervenção nas esferas cultural e ideológica por parte do Estado Novo, o DIP iria coordenar e centralizar a comunicação social, buscando obter consenso em torno do novo regime, o que implicou na necessidade do aumento de coerção e imposição ideológica. Como afirma Capelato:

O DIP foi fruto da ampliação da capacidade de intervenção do Estado no âmbito dos meios de comunicação e da cultura. Tinha como função elucidar a opinião pública sobre as diretrizes doutrinárias do regime, atuar em defesa da cultura, da unidade espiritual e da civilização brasileira.¹³⁸

¹³⁶ MARANHÃO FILHO, 2000, op. cit., pp. 25-26.

¹³⁷ LENHARO, op. cit., pp. 40-41.

¹³⁸ CAPELATO, op. cit., p. 81.

O DIP exercia o monopólio dos veículos de informação, buscando garantir a uniformidade das mensagens e eliminar a contrapropaganda a fim de que os efeitos da comunicação se ampliassem.¹³⁹ Além das divisões de imprensa, divulgação, cinema e teatro, havia na estrutura do órgão a divisão de rádio, que visava o controle e o disciplinamento das emissoras de rádio do país. Desse modo, a censura se deu basicamente por dois meios: pelas ordens e determinações da divisão de radiodifusão do DIP sobre a programação das emissoras e da presença efetiva de censores nas emissoras. Salas especiais foram montadas para fiscalização da programação dentro das rádios, exigindo dos profissionais procedimentos que ocultassem o conteúdo do censor nos programas irradiados.¹⁴⁰ Havia também a censura feita pelas equipes de rádio-escutas, que revezavam-se em turnos na sede do DIP e nos Departamentos Estaduais, acompanhando a programação e notificando as infrações. Conforme Goulart:

O DIP organizou seu modelo de divulgação e propaganda em níveis diferentes: atuou no sentido de popularizar o regime para amplas camadas da população veiculando as propostas e realizações do governo, os atos do chefe de Estado e dos demais componentes da hierarquia estatal. Nesse projeto, a imprensa e o rádio foram os meios mais utilizados devido à sua grande penetração e alcance público.¹⁴¹

Com objetivo de estender a função do DIP aos estados e contar com a colaboração de seus respectivos governos, também foram criados os Departamentos Estaduais de Propaganda (DEIPs), efetivados pelo decreto-lei nº 2.557 de 4 de setembro de 1940. Nessa estrutura, o DIP seria incumbido de fornecer “a orientação técnica e doutrinária aos serviços estaduais de imprensa, radiodifusão, diversões públicas, propaganda, publicidade e turismo reunidos no DEIP. Para Goulart:

Os DEIPS eram a expressão do pensamento governista e portanto, intérpretes do Estado Nacional. Tinham por objetivos: a aproximação entre governantes e governados; a divulgação da obra administrativa e política do governo; a divulgação das atividades da administração estadual; a promoção de uma obra cultural visando a unidade nacional pela defesa das autênticas tradições brasileiras; a orientação da imprensa e publicidade no esforço pela ordem interna do país, pela harmonia da família brasileira e para a defesa da soberania e da honra do Brasil.¹⁴²

¹³⁹ GOULART, Silvana. **Sob a verdade oficial: ideologia, propaganda e censura no Estado Novo**. São Paulo: Marco Zero, 1990, pp. 21-22.

¹⁴⁰ HAUSSEN, Doris Fagundes. **Rádio e política: tempos de Vargas e Peron**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 44.

¹⁴¹ GOULART, op. cit., p. 19.

¹⁴² Idem, p. 77.

No início dos anos 40, Agamenon Magalhães criou um corpo técnico para a execução e o aperfeiçoamento da propaganda em sua Interventoria. Dessa forma, a especialização do uso dos meios de comunicação em massa se fortalece ainda mais com a criação do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (DEIP-PE) em março de 1942, chefiado pelo bacharel em Direito e Ciências Sociais pela Faculdade de Direito do Recife, o potiguar Nilo Pereira.¹⁴³ O DEIP-PE ficava sediado na Avenida Conde da Boa Vista, nº 145 no centro do Recife. Este órgão foi de grande relevância para a interventoria de Agamenon Magalhães, que era tida por Getúlio Vargas como uma interventoria modelo e tinha um formato bem desenvolvido de uso da imprensa e propaganda em relação às outras interventorias.¹⁴⁴ O DEIP tinha por finalidade “orientar, técnica e doutrinariamente, os serviços atinentes à imprensa, radiodifusão, diversões públicas, propaganda, publicidade e turismo, nos termos da legislação federal vigente”. Cabia também ao DEIP “elucidar a opinião pública sobre as diretrizes do regime, coordenar e orientar todas as atividades para conhecimento da civilização espiritual, da economia e da tradição histórica do estado”.¹⁴⁵

O DEIP-PE, todavia, não seria um mero órgão reprodutor das determinações do governo federal em Pernambuco. Mais que isso, este Departamento tornou-se um importante instrumento para a visualização e promoção da interventoria de Agamenon Magalhães. Assim, o DEIP concentrou suas atividades na publicidade e na divulgação de notas doutrinárias, comunicados, reportagens e notícias, tudo meticulosamente elaborado pelos técnicos do Departamento. Também atuou no sentido de promover, patrocinar e divulgar os feitos da Interventoria de Agamenon Magalhães por meio de eventos como a exposição “Realizações do Estado Novo em Pernambuco”, que foram realizadas tanto na capital como nos municípios de Caruaru e Vitória por ocasião das festas comemorativas do transcurso do seu 1º centenário”.¹⁴⁶ As ações do governo de Agamenon em relação ao esforço de guerra promovido em Pernambuco também foram divulgados a nível nacional. No ofício nº 103 enviado ao DIP, o diretor do DEIP Nilo Pereira envia dados referentes ao esforço de guerra nas áreas de agricultura, viação,

¹⁴³ FELDHUES, Paulo Raphael Pires. **Tradição e modernidade no Recife do Estado Novo**: considerações à luz das propagandas política e comercial. Brasília: UNB, Programa de Pós-Graduação em História, 2010, p. 56.

¹⁴⁴ PANDOLFI, 1984, op. cit., p. 48.

¹⁴⁵ APEJE, FUNDOS DIVERSOS, Prontuário Funcional nº 142. Departamento Estadual de Propaganda (DEIP). Cópias dos Ofícios Expedidos de Março a Junho de 1943.

¹⁴⁶ APEJE, FUNDOS DIVERSOS, Prontuário Funcional nº 142. DEIP. Cópias dos Ofícios Expedidos de Março a Junho de 1943. Ofícios nº 138 e 125.

produção, indústrias estratégicas, Legião Brasileira de Assistência e defesa passiva para serem divulgados pelo DIP.¹⁴⁷

As divulgações orientadas pela Interventoria não se restringiam à Rádio Clube de Pernambuco ou à imprensa local, mas também foi feita para, revistas, rádios e jornais de várias capitais brasileiras, tais como *A Gazeta de Notícias*, de Fortaleza, e *O Globo*, do Rio de Janeiro.

Todavia, além da extraordinária visualização dada aos feitos da Interventoria de Agamenon Magalhães, vale ressaltar a forma como as notícias eram divulgadas e, principalmente, como a censura do DIP e do DEIP atuaram em relação imprensa e Rádio Clube no que se refere às notícias de guerra, particularmente sobre a cobertura da Segunda Guerra feita pela PRA-8.

3.3 O DIP, o DEIP e a censura sobre as notícias de guerra na PRA8

Umas das formas de monitoramento do Estado Novo sobre as emissoras de rádio também se deu através da designação de investigadores para atuarem nas emissoras, como o Sr. Pedro Vieira de Lima, designado pelo então secretário de Segurança Pública de Pernambuco, Etelvino Lins, em 3 de janeiro de 1940, para atuar como investigador especial junto a PRA8.¹⁴⁸ Através da análise das fontes, podemos inferir que a Rádio Clube – assim como algumas emissoras da época – parecem consentir e aceitar esta forma de controle estatal. O ofício enviado ao Secretário de Segurança Pública em 30 de dezembro de 1939 evidencia a postura de concordância da emissora com o monitoramento de suas atividades, concordando inclusive com a remuneração destes investigadores:

Necessitando esta empresa de um auxiliar da Polícia Civil para a mais completa manutenção da ordem e vigência aos funcionários dos seus diversos departamentos e tendo, ainda, em consideração, o grande número de operários a seu serviço, vem solicitar de V. Excelência medidas atinentes em sua pretensão. Com a permissão de V. Excelência, indicáramos o senhor Pedro Vieira de Lima, para as funções acima, correndo as despesas dos seus vencimentos por conta desta emissora.¹⁴⁹

¹⁴⁷ APEJE, FUNDOS DIVERSOS, Prontuário Funcional nº 142. DEIP. Cópias dos Ofícios Expedidos de Março a Junho de 1943. Ofícios nº 103.

¹⁴⁸ APEJE, DOPS-PE, Rádio Clube de Pernambuco, Prontuário Funcional nº 1106.

¹⁴⁹ APEJE, DOPS-PE, Pedro Vieira de Lima, Prontuário Funcional nº1553.

Todavia, a censura a PRA8 não se resumiu a presença de investigadores e censores colocados dentro da emissora. A Rádio Clube de Pernambuco – assim como a imprensa pernambucana – passou a ser alvo constante do controle do DIP e do DEIP-PE a partir do momento em que o Brasil entra na Segunda Guerra Mundial ao lado dos Aliados, ocorrendo um reforço da censura e do controle exercido pelo DIP, principalmente no que tange às notícias referentes ao conflito mundial.

Mesmo no período em que o Brasil ainda mantinha-se neutro no conflito mundial já havia determinações do DIP em relação às notícias referentes à movimentação de navios de bandeira norte-americana no porto do Recife. No telegrama de 30 de dezembro de 1941, o diretor geral do DIP solicita ao interventor Agamenon Magalhães “que não seja divulgado nenhuma informação sobre navios mercantes ou de guerra de nacionalidade norte-americana mesmo depois de estarem no porto,¹⁵⁰ uma vez que, após o ataque japonês a base norte-americana de Pearl Harbour, com objetivo de defender e patrulhar o Atlântico Sul, os EUA começam a enviar destacamentos de fuzileiros navais norte-americanos para cidades como Belém, Natal e Recife.

Após o afundamento de navios brasileiros por submarinos alemães, o Brasil abandona sua posição de neutralidade e declara guerra ao Eixo, entrando efetivamente na guerra ao lado dos Aliados. Assim, o Brasil ganha importância no desenrolar do conflito e torna-se um importante aliado para os Estados Unidos na defesa do Atlântico-Sul, principalmente no que se refere ao Saliente Nordeste¹⁵¹, onde através de acordos entre o Brasil e os Estados Unidos, foram instaladas bases militares em Natal e Recife com objetivo de fortalecer a defesa do continente Americano de possíveis ataques promovidos pelo Eixo.

No caso do Recife, vale salientar que esta cidade tornou-se uma importante praça de guerra a partir de então, transformando-se num ponto geográfico importante para o plano de defesa do Hemisfério elaborado pelos norte-americanos, que por sua vez, ao abandonarem sua posição de neutralidade após o ataque japonês à base de Pearl Harbour, preparam-se para uma atuação mais efetiva contra as forças do Eixo, adquirindo antigas bases navais de outros países e construindo um grande número de bases no Atlântico e no Caribe para estabelecer a defesa e

¹⁵⁰ Cópia de telegrama enviado pelo DIP ao DEIP-PE em 30 de dezembro de 1941. APEJE, DOPS-PE, DEIP-PE, Prontuário Funcional nº 28626.

¹⁵¹ Por Saliente Nordeste compreende-se uma “espécie de setor circular, cujo arco de círculo poderia ter seu centro geométrico na cidade de Parnamirim, no sertão pernambucano, e suas extremidades na povoação de Tibau, no Rio Grande do Norte, e na foz do rio São Francisco, ao Sul”, área que passou a fazer parte do teatro de operações que ficou sob a jurisdição do Comando da 7ª Região Militar na época da Segunda Guerra, sendo composto pelos estados do Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas. Cf. DUARTE, Paulo de Queiroz. **O Nordeste na II Guerra Mundial**: antecedentes e ocupação. Rio de Janeiro: Record, 1971, p. 90.

realizar o patrulhamento do Atlântico Sul, impedindo que a guerra chegasse ao seu território. Nesse contexto, a partir de 1941 o Recife torna-se sede de um complexo número de instalações militares e de apoio, sediando uma importante base naval da *U.S. Navy*, instalada pelos americanos devido à localização geográfica e estratégica do Recife para a defesa do Atlântico e também pela importância de seu porto.¹⁵²

Desse modo, podemos associar a censura às notícias de guerra ao sigilo que deveria ser mantido em relação às operações e movimentações de tropas americanas em território brasileiro, onde as autoridades buscavam evitar o vazamento de informações e conter a espionagem alemã que já se fazia presente no Brasil, atuando também no Recife. Em telegrama de 16 de março de 1942 enviado pelo DIP ao DEIP de Pernambuco, o diretor geral do Departamento de Imprensa e Propaganda proíbe expressamente de serem divulgadas notícias referentes a navios, aviões, movimento de oficiais, e movimentação de matérias-primas estratégicas pertencentes aos Estados Unidos e as nações Aliadas.¹⁵³ Ações contra submarinos eixistas – assim como quaisquer ocorrências em águas brasileiras – não poderiam ser noticiadas antes de ser emitida nota oficial sobre o assunto, conforme ordem expressa pelo chefe do DIP, Lourival Fontes, ao chefe de polícia do Recife,¹⁵⁴ o delegado Fábio Correia. As bases norte-americanas instaladas em território brasileiro através de acordos entre Brasil e Estados Unidos para a defesa do Atlântico Sul não poderiam ser noticiadas como sendo organizações militares norte-americanas, mas sim como brasileiras, a fim de evitar detalhes em relação aos acordos de cooperação com os Estados Unidos e manter a imagem da soberania brasileira em relação a este país e suas respectivas pretensões. Como determinou o telegrama de 10 de junho de 1943 enviado pelo Exército Brasileiro ao chefe do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda de Pernambuco, deveriam ser tomadas:

Providências definitivas no sentido de que não mais tenha curso qualquer espécie de publicidade pela imprensa ou pelo *rádio* sobre bases navais e aéreas em nosso território sem qualificá-las como brasileiras. Cumpre asseverar que todas essas bases são nacionais e atualmente, por concessão especial do governo brasileiro estão sendo também utilizadas, a título transitório, pelas nações Aliadas.¹⁵⁵

¹⁵² Acerca do estabelecimento, desenvolvimento e das funções da Base Naval da *U.S. Navy* no Recife na época da Segunda Guerra, consultar a dissertação de mestrado de FONSECA, op. cit.

¹⁵³ Cópia de telegrama enviado pelo DIP ao DEIP-PE em 16 de março de 1942. APEJE, DOPS-PE, DEIP-PE, Prontuário Funcional nº 28626.

¹⁵⁴ Telegrama enviado pelo DIP ao DOPS-PE em 30 de maio de 1942. APEJE, DOPS-PE, DEIP-PE, Prontuário Funcional nº 28626.

¹⁵⁵ Cópia do telegrama enviado pelo tenente-coronel do Exército Antonio José Coelho dos Reis ao chefe do DEIP-PE, Nilo Pereira, em 10 de junho de 1943. APEJE, DOPS-PE, DEIP-PE, Prontuário Funcional nº 28626.

Outro documento do ano de 1943 é importante para analisarmos o alcance da censura estabelecida pelo DIP em relação à imprensa e ao rádio. Em 17 de abril de 1943, o DOPS-PE envia para a Rádio Clube um ofício contendo “instruções sobre matéria cuja publicação fica expressamente vetada”. Junto a este ofício, foi anexada uma lista de matérias e assuntos proibidas de serem veiculados na imprensa e no rádio, tais como:

Movimentação do pessoal, oficiais e praças no concernente as transferências, ao deslocamento ou a viagens; Embarque e desembarque de materiais de qualquer natureza, destinados ao Ministério da Guerra, ou dele provenientes para portos nacionais ou estrangeiros; Destino de tropas, indicação de transportes que as conduzem, caminho a ser percorrido, ponto ou horário de embarque e desembarques; Posição de navios, de guerra ou mercantes dos países beligerantes nas águas ou nas proximidades das águas do país; Instalações de elementos de defesa nos portos brasileiros; Ataques ou afundamentos de navios em qualquer ponto, antes da nota oficial que automaticamente liberará o assunto; Posição e número dos pontos de defesa costeira e antiaérea e de objetos camuflados; Movimento de aviões militares, nacionais e estrangeiros; Trânsito, pelo país, de militares estrangeiros de qualquer categoria; Qualquer matéria da qual se possa induzir ataques ou afundamentos de navios das nações beligerantes, antes da divulgação dos fatos pelas autoridades competentes; Movimentação de militares brasileiros e americanos, localização de bases militares das forças armadas, destino de material bélico, navios e de tropas brasileiras e americanas; Comentários depreciativos em relação à política militar brasileira, entre outros.¹⁵⁶

Para uma análise mais pormenorizada da censura estabelecida pelo DIP e o DEIP-PE sobre a cobertura da Segunda Guerra feita pela PRA8 a partir do período em que o Brasil declara guerra ao Eixo, faz-se necessário focarmos em alguns episódios que são dignos de menção, a fim de compreender os mecanismos de censura e a postura da PRA8 no desenrolar do conflito. Primeiramente, dois acontecimentos envolvendo militares e embarcações norte-americanas são dignos de serem registrados.

O primeiro refere-se à chegada ao Recife dos naufragos *Robin Moor*, navio de bandeira norte-americana, que teria zarpado da cidade de Nova Iorque em 6 de maio de 1941, tendo como destino final a Cidade do Cabo na África do Sul. Na madrugada do 21 de maio, o *Robin Moor* foi obrigado a fazer uma parada forçada por ordem de um submarino alemão que ordenou o embarque de toda a tripulação do navio em botes salva-vidas. Em seguida, o submarino disparou um torpedo na altura do leme do *Robin Moor*, afundando o navio.¹⁵⁷ Onze naufragos da tripulação foram resgatados pelo navio de bandeira brasileira *Osório*. Eles teriam passado 18 dias em alto mar à deriva, alimentando-se de conservas, bolachas e água da chuva.¹⁵⁸ Assim que o navio *Osório* chegou ao porto do Recife com os naufragos resgatados do *Robin Moor*, as

¹⁵⁶ APEJE, DOPS-PE, DEIP-PE, Prontuário Funcional nº 28626.

¹⁵⁷ APEJE, Folha da Manhã, 14/06/1941, pp. 1-3.

¹⁵⁸ FONSECA, op. cit. p. 57

autoridades locais em conjunto com o Consulado dos EUA agiram de imediato, ocorrendo mobilização por parte do governo brasileiro e norte-americano no sentido de dar assistência aos náufragos recém-chegados e investigar o ocorrido. Nesse momento, o navio:

Foi oficialmente visitado pela Alfândega e Polícia Marítima. O capitão dos portos, com instruções especiais das altas autoridades navais esteve no navio acompanhado do cônsul dos Estados Unidos e do adido ao Consulado. Após eles ouvirem o depoimento dos náufragos, estes foram embarcados e abrigados nos hotéis da capital. O fato das autoridades brasileira permitirem primeiramente que os oficiais americanos entrevistassem os sobreviventes foi tomado para a Embaixada Americana como um gesto feliz e o Sr Caffery agradeceu ao governo brasileiro. Todos os sobreviventes demonstraram sua satisfação por terem sido salvos pelo navio, após longos dias de verdadeira tortura, a mil milhas do litoral brasileiro, quando já se encontravam sem água e quase sem víveres.¹⁵⁹

Depois de serem ouvidos pelas autoridades, a Rádio Clube realizou uma entrevista com o Cônsul norte-americano no Recife e com os náufragos do *Robin Moore*, ocorrendo a transmissão da cobertura na íntegra para os Estados Unidos através de conexão feita com a emissora de rádio norte-americana *National Broadcasting Corporation* (NBC). Esta entrevista realizada pela PRA8 foi amplamente noticiada pelo jornal Folha da Manhã, saindo na primeira página do periódico do Interventor Agamenon Magalhães nas edições vespertinas dos dias 13 e 14 de junho de 1941. Mais do que uma simples entrevista, a Rádio Clube produziu uma cobertura extraordinária em parceria com a NBC, onde várias pessoas puderam acompanhar pelo auditório da PRA-8 a entrevista, tal como era feito nos programas de auditório, onde o público se deleitava com as apresentações dos artistas populares e orquestras musicais:

Às 22 e 30 chegaram ao Estúdio do Rádio Clube de Pernambuco, os tripulantes do navio torpedeado, acompanhados de dois funcionários do consulado. Novas roupas tinham-lhes sido fornecidas por determinação do cônsul americano e grande era o número de curiosos que acorreu ao “auditorium” da estação pernambucana para ver os náufragos e ouvi-los falar para a América, enquanto que constantemente chegavam à redação da Folha da Manhã e ao Rádio Clube de Pernambuco pedidos de informações por telefone sobre a entrevista que ia se realizar. Às 23 horas, precisamente, a NBC anunciou que estava pronta para transmitir as declarações dos náufragos. A orquestra sinfônica da PRA8 iniciou, então, a transmissão para os Estados Unidos, executando o hino americano, após o qual ouviu-se distintamente a voz do locutor da NBC, chamando Pernambuco. A PRA8 anunciou, em inglês, que iria começar a fazer perguntas. Estava já ao microfone da “emissora de duas ondas” o segundo maquinista de bordo, de nome Karl Nilson. Foi-lhe dado então detalhes do torpedeamento do Robin Moor, respondendo ele de acordo com as perguntas efetuadas.¹⁶⁰

¹⁵⁹ Ibidem.

¹⁶⁰ APEJE, Folha da Manhã, 14/06/1941, pp. 1-3.

A entrevista realizada pela Rádio Clube também foi aclamada pelo Jornal Folha da Manhã como sendo um feito notável da emissora, um verdadeiro sucesso de produção e cobertura jornalística. O jornal do Interventor Agamenon Magalhães exaltou de forma grandiosa o desempenho da PRA8 na cobertura e entrevista com os náufragos do *Robin Moor*. Na edição vespertina do dia 14 de junho de 1941, lê-se:

A entrevista foi coroada de franco sucesso. Tanto no Brasil como nos Estados Unidos, onde a NBC opera com uma grande cadeia de dezenas de estações e onde a palavra dos tripulantes americanos estava sendo aguardada, foram claramente percebidas as perguntas e respostas feitas, sendo de justiça salientar que muito contribuiu para o sucesso da entre-fala o poderio técnico e a capacidade de nossa estação que demonstrou assim de forma inconfundível poder ser classificada, sem nenhum favor, entre as estações mais poderosas do mundo.¹⁶¹

Como se lê na edição vespertina do periódico, fica evidente o tom de exaltação à PRA8 e sua atuação em relação à cobertura do caso dos náufragos do *Robin Moor* como sendo um feito extraordinário e considerável, onde a emissora chega a ser comparada e elevada ao mesmo patamar das principais rádios do mundo em matéria de radiodifusão. Esta exaltação em torno da PRA8 não se dá por acaso, uma vez que a Rádio Clube estava inserida no contexto da Interventoria de Agamenon Magalhães e, portanto, sendo utilizada como um importante veículo propagador do regime estadonovista em Pernambuco. Assim, podemos interpretar a notícia da cobertura e entrevista com os náufragos como sendo uma oportunidade para construir uma imagem de credibilidade da emissora pernambucana diante da sociedade, pois “sempre que possível, a Folha da Manhã reproduzia notas celebrando a excelência desta empresa”.¹⁶² A fim de propagar a imagem de harmonia e robustez de seu governo, “houve um extremo cuidado no tratamento da imagem dos órgãos que divulgavam a verdade oficial”¹⁶³ por parte do Interventor Agamenon Magalhães.

Por outro lado, o alarde em tono da cobertura do caso *Robin Moor* feita pela Rádio Clube em parceria com a NBC pode ser melhor compreendido se relacionarmos este acontecimento a conjuntura em que ele ocorreu. Era o ano de 1941, período em que o Brasil ainda não havia rompido as relações diplomáticas com o Eixo e entrado na Segunda Guerra ao lado dos Aliados, mantendo sua neutralidade diante do conflito mundial. Portanto, a censura estabelecida pelo DIP e o DEIP ainda não havia se efetivado de forma intensa como ocorreu posteriormente.

¹⁶¹ APEJE, Folha da Manhã, 14/06/1941, p. 3.

¹⁶² SOUSA NETO, José Maria Gomes de. **Sonhos de Nabucodonosor**: aspectos da propaganda do Estado Novo pernambucano. Recife: UFPE, Tese (doutorado). CFCH, Programa de Pós Graduação em História, 2005, p. 31.

¹⁶³ Idem, p. 32.

O segundo caso envolvendo embarcações e militares norte-americanos no Recife que merece ser registrado diz respeito ao incêndio de um navio-petroleiro norte-americano no porto do Recife em 1943. De acordo com a notícia do Jornal Carioca *Diário da Noite*, o incêndio se deu no cais do Armazém II do porto do Recife, atingindo este armazém e o navio estadunidense durante um transbordo de combustível. Depois que o armazém dois foi interditado:

Foi o incêndio extinto rapidamente pela companhia de bombeiros e contingentes das forças brasileiras e americanas, enquanto o navio, por determinação das autoridades da Marinha Nacional, era afastado por dois rebocadores do porto para o molhe de Olinda, onde se acha a salvo, apesar de avariado.¹⁶⁴

Ao contrário do caso dos naufragos do *Robin Moor*, a postura da PRA-8 – assim como da imprensa – foi muito diferente em relação ao caso. No mesmo dia do incidente, o delegado Fábio Correia, chefe de polícia de Pernambuco, emite uma nota à Rádio Clube, dizendo se tratar de um incêndio de um “navio petroleiro americano” que propagou-se em direção a um dos armazéns do porto do Recife.¹⁶⁵ O acidente mobilizou as autoridades, sendo empregados “carros da Companhia de Bombeiros, militares do Exército Brasileiro, Polícia Civil e pessoal do serviço americano entre nós, dando-se forte combate às chamas. O incêndio da embarcação americana também mobilizou o Governo do Estado, o Comando Naval do Nordeste e o Comando da 7ª Região Militar, realizando-se uma investigação conjunta para apuração do acidente. Também foi divulgada uma nota à imprensa acerca do ocorrido:

O incêndio se manifestou após a ruptura de um recipiente durante o transbordo do combustível que, em consequência, se projetou violentamente em várias direções, atingindo o armazém nº 2, o navio e uma locomotiva estacionada nas proximidades, cujo maquinista é um dos feridos [...] Pelo que se apurou até agora, o sinistro teve uma causa fortuita, estando afastada a hipótese de sabotagem.¹⁶⁶

Dessa vez, o caso não ganhou cobertura extraordinária, nem tampouco foi realizada alguma entrevista com as autoridades brasileiras e norte-americanas, muito menos com os militares envolvidos. Enquanto o jornal carioca *Diário da Noite* noticiou o ocorrido em sua terceira página na edição do dia 3 de maio de 1943, inclusive colocando três fotos do incêndio, a nível local a cobertura se deu de forma muito diferente. Ao que tudo indica, a Rádio Clube (assim como a imprensa pernambucana) foi amordaçada pelas autoridades, sendo obrigada a

¹⁶⁴ *Diário da Noite*, 3/5/1943, p. 3.

¹⁶⁵ APEJE, DOPS-PE, Rádio Clube de Pernambuco, Prontuário Funcional nº1106.

¹⁶⁶ Nota do Governo do Estado, do Comando da 7ª Região Militar e do Comando Naval do Nordeste distribuída pelo DEIP à imprensa sobre o incêndio de navio americano no porto do Recife. APEJE, DOPS-PE, DEIP-PE, Prontuário Funcional nº 28626.

limitar-se a divulgar uma nota oficial de esclarecimento elaborada pelo Governo do Estado e pelos comandos naval e militar acerca do ocorrido. Como podemos ler ao término da nota, houve cuidado em descartar de uma vez por todas a hipótese de sabotagem, principalmente por se tratar de uma embarcação de bandeira norte-americana.

Outro detalhe importante a ser levado em consideração diz respeito à atitude imediata tomada pelas autoridades, o que teria influenciado tanto na cobertura do caso do *Robin Moor* como no do incidente com o petroleiro norte-americano no porto do Recife. Com relação ao caso *Robin Moor*, poderíamos questionar até que ponto o depoimento e as respostas dos náufragos a entrevista realizada pela Rádio Clube foram influenciadas pela abordagem e investigação das autoridades competentes. Já em relação ao incêndio do petroleiro norte-americano, a intervenção das autoridades em torno do caso torna-se mais explícita através da nota expedida pela Secretaria de Segurança Pública, onde verifica-se uma tentativa de eliminar quaisquer comentários e apreciações que viessem a causar suspeitas de sabotagem ou ação de elementos do Eixo no ocorrido, procurando-se manter certo sigilo mediante a versão oficial dos fatos. Era o ano de 1943, onde o Brasil já havia rompido relações diplomáticas com o Eixo e se tornado aliado dos Estados Unidos, mantendo relações político-econômicas e culturais e colaborando militarmente para a defesa do Atlântico Sul através da vigilância no litoral e do saliente nordestino.

Porém, diante da documentação e das fontes que tratam do controle e da censura do DIP e do DEIP-PE sobre as notícias de guerra na imprensa e no rádio, poderíamos questionar acerca do cumprimento destas ordens por parte da P.R.A. 8. As determinações do DIP foram realmente respeitadas e cumpridas de forma absoluta? Houve uma fiscalização efetiva em relação ao cumprimento das ordens expressas pelos órgãos de censura na Rádio Clube durante o período em questão? Dito de outra forma, poderíamos conceber a P.R.A 8 como sendo um órgão meramente receptivo das determinações e ordens expressas do Departamento de Imprensa e Propaganda no que tange as notícias de guerra? Conforme o relato de Luiz Maranhão Filho, vemos que houve a circulação de notícias referentes ao conflito mundial na PRA8, que não se submeteu completamente a censura do DIP/DEIP-PE, visto que

A guerra abriu também as fronteiras do jornalismo; o torpedeamento de navios mercantes nas costas nordestinas foi divulgado quase que imediatamente, sem censura; o recolhimento de náufragos nas nossas praias figurou nos informativos, tranquilizando famílias. Insensivelmente, o getulismo cedia espaço ao rádio, sob a ótica da guerra, mas retirando a possibilidade de um retrocesso no futuro, sem que isto fosse traumático para o público.¹⁶⁷

¹⁶⁷ MARANHÃO FILHO, 2000, op. cit., p. 56.

Se nos determos na análise da documentação referente ao episódio do incêndio do navio-petroleiro americano no porto do Recife, veremos que a censura não foi tão eficaz em relação à divulgação do acontecido. Em telegrama enviado ao chefe do DEIP de Pernambuco em 15 de maio de 1943,¹⁶⁸ o chefe do controle de Imprensa do DIP, Sampaio Mitke, solicita informações ao chefe do DEIP-PE, Nilo Pereira, solicitando a retenção de telegramas sobre o incêndio do navio norte-americano no porto do Recife, a fim de evitar maior repercussão do caso na imprensa e no rádio:

Doutor Nilo Pereira Diretor do DEIP Recife – PE. NSCI 153. De 15/5/43. Reservado Urgente. Rogo Vossa Senhoria informar se foram retidos por esse DEIP telegramas dirigidos às pressas sobre o caso do incêndio ocorrido nesse porto com embarcação.¹⁶⁹

A atitude das autoridades em relação às notícias acerca do incêndio foi enérgica, uma vez que o episódio envolvia um navio de bandeira norte-americana num acidente em pleno desenrolar da guerra, podendo trazer várias implicações e suspeitas de sabotagem, além de ferir a imagem dos Aliados – principalmente a dos Estados Unidos – no conflito mundial. Diante do pedido de manutenção de sigilo sobre o caso, podemos entender que, ao mesmo tempo em que houve cuidado por parte do DIP para que não houvesse vazamento de informações, por outro lado, esta tentativa de controle pode indicar que houve quebra de sigilo por parte da imprensa e também da Rádio Clube, podendo ter ocorrido vazamento de informações e notícias acerca do caso.

Em resposta às determinações do DIP, o delegado do DOPS-PE, Fábio Correia, determinou que fossem retidos os telegramas que havia circulado anteriormente entre os órgãos estatais e de imprensa “até que se esclarecesse o caso, a fim de evitar apreciações ou comentários precipitados”.¹⁷⁰ Mas no mesmo documento, o delegado Fábio Correia afirma que “no dia imediato, dando publicidade ao fato, *“cessou, logicamente, qualquer restrição sobre o noticiário telegráfico”*, o que também pode apontar para o indício de vazamento de informações e a falta de sigilo em relação ao incêndio da embarcação de bandeira norte-americana. Portanto, se fizermos uma leitura a contrapelo da documentação supracitada, perceberemos pelas

¹⁶⁸ Cópia de telegrama enviado ao DEIP-PE pelo chefe da divisão de imprensa do DIP. APEJE, DOPS-PE, DEIP-PE, Prontuário Funcional nº 28626.

¹⁶⁹ Cópia de telegrama enviado ao DEIP-PE pelo chefe da divisão de imprensa do DIP. APEJE, DOPS-PE, DEIP-PE, Prontuário Funcional nº 28626.

¹⁷⁰ APEJE, DOPS-PE, DEIP-PE, Prontuário Funcional nº 28626.

entrelinhas que pode ter ocorrido o vazamento de informações no noticiário local acerca do ocorrido, já que a censura em torno do caso foi bem mais intensiva.

Todavia, durante a cobertura de guerra feita pela PRA-8, não houve somente notícias referentes aos militares, embarcações e movimentações de tropas aliadas. A partir do novo direcionamento tomado pelo Brasil após a declaração de guerra ao Eixo, os cidadãos de nacionalidade alemã, italiana e japonesa passaram a ser abordados de forma diferente na programação da emissora.

3.4 Os súditos do Eixo na programação da PRA8

O programa *A Crônica da Atualidade* era irradiado às 22 horas e 30 minutos na programação da Rádio Clube. Em 16 de março de 1942, os ouvintes da PRA-8 acompanharam a irradiação de uma nota que, apesar de não ser emitida pelo governo, nem tampouco assinada por nenhuma autoridade, procurava conter os ânimos exaltados da população recifense:

Espíritos exaltados estiveram hoje, à tarde, em atividade, em certos pontos do Recife, tentando depredar e pichando estabelecimentos comerciais pertencentes a súditos estrangeiros. A polícia do Recife, prontamente, com a maior serenidade dispersou os exaltados, garantindo a propriedade alheia e aconselhando ainda uma vez, calma e respeito as determinações do governo. É esse um fato que todos os brasileiros devem ajuizar e melhor compreender. O recente decreto do governo da República sobre depósitos bancários dá a palavra de ordem, garantindo todos os bens brasileiros que forem destruídos pelo inimigo. O governo chamou a si, como dirigente da nação, a tarefa de cuidar dos interesses nacionais, dos seus bens e das suas pessoas. Ninguém, pois, nenhum brasileiro sobretudo, tem o direito de agir por conta própria, cometendo, assim, uma falta gravíssima, intranquilizando a população e agindo contra as próprias medidas das altas autoridades da República.¹⁷¹

Quem seriam os “espíritos exaltados” a que a nota se refere? Quem são os súditos estrangeiros que tiveram os seus bens e seus estabelecimentos avariados? De que “trata o recente Decreto do governo da República” referido na nota acima? Para elucidarmos o contexto em que a nota foi publicada, é preciso enfatizar que estamos no ano de 1942, onde o Brasil já havia cortado relações políticas e econômicas com o Eixo. Se antes o Brasil manteve uma relativa neutralidade e mantendo relações econômicas com a Alemanha, com o novo rumo

¹⁷¹ APEJE, DOPS-PE, Rádio Clube de Pernambuco, Prontuário Funcional nº1106.

tomado na política exterior, o Brasil passa a sofrer como represálias os primeiros ataques de submarinos alemães a seus navios.

Assim, as primeiras manifestações de indignação da população recifense para com os súditos do Eixo¹⁷² que estavam latentes começam a se aflorar. Ocorreram vários saques e depredações a estabelecimentos comerciais de italianos, japoneses e alemães residentes no Recife. A fim de conter os ânimos, a nota ainda faz referência ao Decreto-Lei nº 4.166 de 11 de março de 1942, no qual “dispõe sobre as indenizações devidas por atos de agressão contra bens do Estado Brasileiro e contra a vida e bens de brasileiros ou de estrangeiros residentes no Brasil”.¹⁷³ De acordo com o Artigo primeiro deste decreto, ficou estabelecido que:

Os bens e direitos dos súditos alemães, japoneses e italianos, pessoas físicas ou jurídicas, respondem pelo prejuízo que, para, os bens e direitos do Estado Brasileiro, e para a vida, os bens e os direitos das pessoas físicas ou jurídicas brasileiras, domiciliadas ou residentes no Brasil, resultaram, ou resultarem, de atos de agressão praticados pela Alemanha, pelo Japão ou pela Itália.¹⁷⁴

Ou seja, se os brasileiros sofressem alguma perda de bens ou de direitos provocados pela ação de indivíduos do Eixo, estes danos teriam que ser obrigatoriamente reparados, havendo o ressarcimento por parte destes últimos a fim de reparar os danos sofridos e demais prejuízos, tanto em dinheiro como em propriedades. O Artigo segundo explica que o ressarcimento destes bens deveriam ser feito através de transferência para o Banco do Brasil ou repartições encarregadas da arrecadação de impostos devidos à União, sendo “uma parte de todos os depósitos bancários, ou obrigações de natureza patrimonial superiores a dois contos de réis, de que sejam titulares súditos alemães, japoneses e italianos, pessoas físicas ou jurídicas”.¹⁷⁵

Este decreto representa uma tomada de atitude gradativamente mais rígida em relação ao Eixo. Para Seitenfus, além de tornar responsáveis os países do Eixo pelas perdas humanas e materiais sofridas pela marinha mercante nacional, este decreto previa também que os bens e os direitos dos cidadãos alemães, japoneses e italianos, podendo ser pessoas físicas ou jurídicas,

¹⁷² A nota refere-se a estas pessoas como sendo “estrangeiros”, porém, trata-se especificamente de cidadãos de origem italiana, japonesa e alemã, ou seja, súditos do Eixo que residiam e tinham estabelecimentos comerciais no Recife na época.

¹⁷³ DECRETO-LEI Nº 4.166, DE 11 DE MARÇO DE 1942. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-4166-11-marco-1942-414196-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em 26 de julho de 2015.

¹⁷⁴ Ibidem.

¹⁷⁵ Ibidem.

¹⁷⁵ Ibidem.

responderão pelos eventuais prejuízos do Estado brasileiro, incluindo-se os de todas as pessoas físicas ou jurídicas brasileiras, que sejam domiciliadas ou residentes no Brasil.¹⁷⁶

Contudo, tal decreto não serviu para conter os ânimos dos recifenses diante de outros incidentes ainda mais graves, desta vez envolvendo navios brasileiros torpedeados por submarinos alemães. Após o ataque japonês a base norte-americana de Pearl Harbor e das declarações de guerra do Japão e da Alemanha aos Estados Unidos, os países latino-americanos (com a ativa participação da diplomacia brasileira) romperam relações com os países do Eixo na Conferência do Rio de Janeiro, em janeiro de 1942, mesmo com as advertências explícitas das autoridades alemãs, que alertavam que tal rompimento seria considerado um ato de hostilidade direta do país. Nesse contexto, Francisco César Ferraz observa que:

Romper relações significava mais do que fechar embaixadas e consulados. Em um ambiente de guerra, condicionavam-se o comércio e as tarefas de defesa interna aos interesses da coligação aliada. Cidadãos dos países com os quais as relações foram rompidas poderiam sofrer, nesses territórios estrangeiros, dificuldades e mesmo perseguições. O apoio mais explícito a um dos beligerantes tornaria a nação uma inimiga em potencial da outra. A diferença entre essa situação e a declaração de guerra estava em uma agressão direta. Bastava o primeiro tiro.¹⁷⁷

E não demorou muito para que o primeiro tiro fosse dado. Entre fevereiro e agosto de 1942, 12 embarcações mercantes brasileiras carregadas de produtos destinados ao esforço de guerra aliado foram afundadas por submarinos do Eixo no litoral norte-americano, no Caribe e nas Guianas, causando um saldo de 133 mortes.¹⁷⁸ Em seguida, foi a vez do litoral brasileiro tornar-se alvo de ataques do Eixo, começando pelo ataque do submarino italiano *Barbarigo* ao navio mercante brasileiro *Comandante Lyra*, próximo ao arquipélago de Fernando de Noronha. Porém, houve um ataque mais efetivo em 15 de agosto de 1942, onde foram afundados os navios brasileiros *Baependi*,¹⁷⁹ *Araraquara* e o *Aníbal Benévolo*, contando-se um saldo de 551 pessoas mortas entre passageiros e tripulantes. Nos quatro dias seguintes foram afundados o *Itagiba*, o *Arará* e o *Jacira*.

Além do desejo de punir o Brasil devido ao rompimento de Vargas com Eixo, a Alemanha também tinha alguns motivos geoestratégicos para atacar as embarcações brasileiras,

¹⁷⁶ SEITENFUS, Ricardo. **O Brasil vai à guerra**: o processo de envolvimento brasileiro na Segunda Guerra Mundial. Barueri: Manole, 2003, p. 297.

¹⁷⁷ FERRAZ, Francisco César. **Os brasileiros e a segunda guerra mundial**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, p. 39.

¹⁷⁸ Idem, p. 40.

¹⁷⁹ O ataque ao *Baependi* marca uma nova fase na escalada da marinha de guerra do Eixo contra os transportes marítimos brasileiros. Se até então os alvos eram exclusivamente navios mercantes, a partir de 15 de agosto, o Eixo não mais hesitou em atacar navios de passageiros. Cf. SEITENFUS, op. cit., p. 296.

visto que, para os alemães, o Brasil continuava dependente de suprimentos americanos para manter sua economia em atividade.¹⁸⁰ O setor mais crítico era o de combustíveis, setor em que o Brasil dependia significativamente da importação dos Estados Unidos. O combustível norte-americano era levado para o Brasil em grandes petroleiros brasileiros. Do ponto de vista dos alemães, quanto mais embarcações brasileiras fossem afundadas por seus submarinos, maior seria a probabilidade de os Estados Unidos organizarem um comboio para escoltar os petroleiros, distraindo a Marinha norte-americana na proteção da rota do Atlântico Sul entre os Estados Unidos e a Grã-Bretanha.¹⁸¹

A decisão de atacar os navios brasileiros já havia sido tomada em 16 de maio de 1942, quando o Alto Comando Naval do Terceiro Reich teria expedido ordens no sentido de “serem atacados, por seus *U-Boats*, todos os navios mercantes das nações sul-americanas, reconhecidamente armados, com exceção dos de bandeiras argentina e chilena”.¹⁸² Almirante Dönitz julgou o momento favorável para o ataque porque já dispunha de um número considerável de submarinos para tal empreitada. Ao término de maio de 1942, o Ministério da Aeronáutica anunciou o ataque feito pela aviação de caça brasileira contra três submarinos do Eixo ao largo do arquipélago de Fernando de Noronha, o que contribuiu para que a Alemanha tomasse a decisão efetiva de atacar o Brasil. Assim, em 4 de julho do mesmo ano, após uma conferência entre Hitler e o Almirante Raeder, foi dada a permissão para que fossem atacados os navios brasileiros.

Para Duarte, apesar do quantitativo considerável de navios nacionais atacados por submarinos do Eixo até julho de 1942, somando-se 13 embarcações, as agressões ocorridas entre os dias 15 e 17 de agosto, contabilizando-se um total de 5 ataques, “influíram profunda e decisivamente na opinião pública que, entre revoltada e condoída, passou a exercer forte pressão sobre o Governo, no sentido de uma decisão definitiva”.¹⁸³

Estes ataques se deram entre o litoral da Bahia e o de Sergipe, onde vários naufrágos chegaram as praias sergipanas em botes salva-vidas. Quando as notícias das baixas foram dadas, a reação foi mais extrema, ocorrendo tumultos em todo o país, onde “multidões atacaram empresas e propriedades pessoais de alemães e italianos, quebrando janelas, saqueando escritórios e até queimando edifícios”.¹⁸⁴ Os afundamentos dos navios brasileiros provocaram

¹⁸⁰ LOCHERY, Neill. **Brasil: os frutos da guerra**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015, p. 159.

¹⁸¹ Ibidem.

¹⁸² DUARTE, Paulo de Queiroz. **Dias de guerra no Atlântico Sul**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1968, pp. 107-108.

¹⁸³ Idem, p. 107.

¹⁸⁴ LOCHERY, op. cit., p. 186.

ojeriza aos súditos do Eixo na opinião pública, gerando grande comoção e descontentamento na população brasileira, havendo manifestações em várias capitais brasileiras.

No Recife, repercussão e a reação aos afundamentos também foi significativa. Conforme o relato de Rostand Paraíso:

Esse episódio, ficou conhecido, no Recife, como o quebra-quebra, sendo inúmeras as casas depredadas, algumas por puro vandalismo, sacudindo-se, pelas suas portas e janelas, sofisticadas máquinas de escrever, dispendiosas câmaras fotográficas e outros utensílios, que se quebravam nas calçadas, onde eram, ainda, pisoteados pela multidão enfurecida; noutras, havia a evidente finalidade de saque, pessoas carregando consigo pares de sapatos, canetas Parker e armações de óculos, principalmente aqueles que estavam tão em moda, as dos belos e vistosos Ray-Ban. Alguns, os que participavam daquele movimento por motivos apenas patrióticos, visando pura e simplesmente a indenização dos nossos navios, lançavam todo aquele material nos postos de recolhimento, aumentando cada vez mais as pirâmides que iriam contribuir para o soerguimento da nossa Marinha. Vi pessoalmente – quando, após as aulas no Liceu Pernambucano, eu me dirigia para a Soledade, para pegar o bondinho da Tramways – , uma turba incontrolável a invadir o prédio da Fratelli Vita, a depredá-lo, a lançar pedras (uma delas quebrando o seu velho e bonito relógio, o nosso Big Ben, que diariamente nos advertia quanto ao horário de chegada no colégio), e lembro-me, até, que numa de suas janelas, um provável funcionário balançava uma enorme bandeira do Brasil, como a dizer que aquela era uma empresa, apesar da sua origem italiana, constituídas de pessoas que nada tinham a ver com a guerra e que contribuía, talvez mais do que muitos brasileiros, para o progresso da nossa cidade, como tal devendo ser preservada.¹⁸⁵

Através do relato do médico Rostand Paraíso, podemos inferir que o clima de tensão e barbárie nas ruas do centro do Recife foi grande, havendo saques, agressões e depredações aos estabelecimentos comerciais e empresariais pertencentes aos súditos do Eixo (como a fábrica de refrigerantes *Fratelli Vita*). Diante de tal cenário de balburdia e confusão, era preciso que as autoridades tomassem as devidas providências no sentido de coibir as manifestações de hostilidades dos brasileiros para com os cidadãos do Eixo que viviam no Recife. Nesse sentido, o governo de Pernambuco publicou mais uma nota de esclarecimento à população, que também seria irradiada na Rádio Clube no dia 19 de agosto de 1942, afirmando que:

A Secretaria de Segurança Pública compreende a justa atitude do povo desta cidade, a sua indignação pelos atos brutais de pirataria dos países do Eixo, sacrificando centenas de brasileiros, com o torpedeamento de navios mercantes, em águas do nosso litoral. É mesmo um imperativo de nossa dignidade o protesto coletivo contra tais processos, mas deve ele se exercer sempre sem excessos que possam contrariar o seu bom sentido. Interpretando o pensamento do Governo Central e do Estado, a Secretaria de Segurança faz sentir que não transigirá com as práticas de depredações, ao mesmo tempo que aconselha o povo entregar-se as suas atividades normais de trabalho, colaborando, assim, com as autoridades civis e militares, cujas vistas estão voltadas, no momento, para os mais altos interesses de cunho nacional.¹⁸⁶

¹⁸⁵ PARAÍSO, Rostand. **O Recife e a 2ª Guerra**. Recife: Bagaço, 2003, p. 65.

¹⁸⁶ APEJE, DOPS-PE, Rádio Clube de Pernambuco, Prontuário Funcional nº1106.

Analisando estas duas notas publicadas na Rádio Clube, podemos verificar mais uma vez o uso da emissora feito pela Interventoria de Agamenon Magalhães com o objetivo de disciplinar e controlar a população, buscando eliminar as tensões entre os recifenses e os alemães, italianos e japoneses residentes na capital pernambucana. Apesar de reconhecer as atitudes de descontentamento da população perante os “atos de pirataria” dos submarinos alemães que provocaram os naufrágios dos navios brasileiros, o Governo deixa claro que não concorda, em nenhuma circunstância, com as ações de depredação e agressão contra os súditos do Eixo, deixando claro também que coibirá qualquer manifestação feita “por conta própria”.

Fazia-se necessário uma tomada de atitude mais enérgica por parte do governo em relação ao clima de instabilidade que aumentava cada vez mais diante dos ataques dos submarinos alemães às embarcações brasileiras, uma vez que o clima de hostilidades em relação aos súditos do Eixo aumentava a cada dia. Nesse sentido, o jornal Folha da Manhã e a Rádio Clube foram instrumentos de suma importância para dar espaço e voz ao Interventor Agamenon Magalhães no sentido de colaborar com a manutenção da ordem e do próprio regime estadonovista em Pernambuco, eliminando os conflitos e dissensões e buscando o consenso entre os diversos grupos sociais. As notas expedidas pelo governo e que eram lidas na programação da Rádio Clube tinham papel relevante na tentativa de disciplinar a população e de conduzir a população em direção a uma convivência harmônica e pacífica.

Todavia, além deste cenário de caos e de conflito, o governo de Agamenon Magalhães ainda teve que lidar com outro problema decorrente da adesão do Brasil ao bloco dos Aliados na Segunda Guerra: a espionagem do Eixo, que era arquitetada pelo *Abwehr*, órgão do Exército alemão comandado pelo almirante Wilhelm Canaris, responsável pelo serviço militar de informações da Alemanha nazista; este órgão também ficou encarregado da espionagem e contraespionagem alemã durante a Segunda Guerra Mundial.¹⁸⁷

Para conseguir obter o máximo de informações úteis ao Terceiro Reich – função primordial da Seção I do *Abwehr* – era necessário recrutar e treinar agentes para atuar nos lugares considerados estratégicos pelo Eixo, sempre enviando informações acerca das movimentações de tropas, bases militares e embarcações dos Aliados. Em princípio, a campanha de recrutamento de agentes se deu nos países europeus que seriam os prováveis

¹⁸⁷ O *Abwehr* estava sediado em Berlim, havendo filiais nos 21 distritos militares da Alemanha, sendo a filial de Hamburgo considerada uma das mais importantes do órgão, pois controlava a espionagem na Grã-Bretanha e no Hemisfério Ocidental. HILTON, Stanley. **A guerra secreta de Hitler no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983, p. 25.

adversários da Alemanha em caso de conflito, sendo feita depois nos países que se mantiveram neutros no início do conflito mundial, tanto na Europa como nas Américas.¹⁸⁸

Vários foram os agentes enviados para o Brasil para atuar numa ampla rede de espionagem, pois o para o *Abwehr*, o aspecto quantitativo prevalecia sobre o qualitativo no que se refere ao envio de informações, uma vez que o sistema alemão era fundamentado na ideia de que era mais proveitoso enviar uma gama de agentes com algum treino razoável no campo da espionagem do que enviar poucos agentes altamente treinados. Para o *Abwehr*, seria melhor receber uma grande quantidade de informações – mesmo que parte destas fossem inexatas – do que ter poucos agentes transmitindo um volume insuficiente de dados.¹⁸⁹ Os agentes enviados ao Brasil fizeram:

Um esforço sistemático para recrutar alemães fiéis que trabalhavam nos ramos da indústria e do comércio em países estrangeiros, posto que tais indivíduos costumavam ter os conhecimentos, contatos e fontes de informação necessários ao estabelecimento de uma rede de espionagem eficiente.¹⁹⁰

Dessa forma, várias capitais e cidades brasileiras como São Paulo, Rio de Janeiro, Santos e Natal foram alvos da espionagem alemã durante a Segunda Guerra, da qual o Recife também passou a fazer parte. Debruçada sobre o Atlântico Sul, a capital pernambucana tornou-se importante para a espionagem alemã devido a sua localização estratégica e também pelo seu porto, onde verifica-se a movimentação de tropas e de navios ingleses e norte-americanos, principalmente após a entrada do Brasil na guerra. Desse modo, as informações sobre a entrada e saída de navios do porto do Recife e das aterrisagens e decolagens de aviões no Campo do Ibura seriam de suma importância para o Eixo, possibilitando o monitoramento da movimentação de tropas e embarcações aliadas no Atlântico Sul, planejando-se, outrossim, eventuais ataques às mesmas.

Contudo, a atividade de espionagem há muito já era monitorada pelo governo de Pernambuco. Os envolvidos foram fichados e investigados de forma mais efetiva pela Secretaria de Segurança Pública a partir da implantação do Estado Novo e da Interventoria de Agamenon Magalhães. Assim, no dia 26 de julho de 1942, foi irradiada na PRA8 uma nota acerca de uma matéria feita pelo jornalista pernambucano Antonio Freire para a Revista Diretrizes.¹⁹¹ A matéria publicada mencionava detalhes da investigação feita pelo governo de

¹⁸⁸ Idem, p. 28.

¹⁸⁹ HILTON, op. cit., p. 28.

¹⁹⁰ Ibidem.

¹⁹¹ A revista Diretrizes foi uma publicação mensal de conteúdo político e social e orientação liberal-democrata. Lançada em abril de 1938 no Rio de Janeiro (RJ), foi dirigida inicialmente por Azevedo Amaral e Samuel Wainer,

Pernambuco para desmontar a rede de espionagem estabelecida pelo Eixo no estado. De acordo com a nota irradiada na PRA8, o jornalista Antonio Freire:

Pinta o retrato dos alemães gelatinosos que surrupiavam, mesmo à custa de dinheiro, documentos e informações, fazendo também a caricatura de alguns incríveis brasileiros, inclusive dois de Pernambuco, que vendiam aos nazistas, precioso material, ambos metidos na pele multissecular de Judas. A opinião pública do País, confiante nas providências das autoridades pelo imenso trabalho que se tem feito, já condenou os réus de tão feios crimes.¹⁹²

Nesta mesma nota irradiada pela emissora, foi transcrito um trecho da reportagem do jornalista Antonio Freire para que os ouvintes tomassem conhecimento dos detalhes do caso, assim como da ação das autoridades para desbaratar o grupo de espões:

O Sr. Antonio Freire proclama o mérito das autoridades policiais de Pernambuco escrevendo na sua circunstanciada reportagem ainda o seguinte: “O delegado de Ordem Política, Sr. Fábio Correia, autoridade enérgica que não tem poupado a espionagem nazista no Recife, continua a faina saneadora, não lhe dando tréguas. Tive oportunidade de verificar pesquisando os arquivos policiais por gentileza do Sr. Etelvino Lins que m’os franqueou para as pesquisas desta reportagem, como abundante era a correspondência tendenciosa entre alemães e copiosíssimo o material de propaganda apreendido pela polícia. Na verdade, através de ação discreta, mas eficiente, a polícia do senhor Etelvino Lins, tendo à frente autoridades capazes como o Sr. Fábio Correia e Renato Medeiros, cercara a espionagem nazista, desde o início de suas atividades, como uma verdadeira rede que nada deixou passar. Escaparam apenas aqueles que, antes do rompimento das relações diplomáticas do Brasil com o Eixo, puderam alcançar o Rio. Mas nenhuma atividade deixou de ser registrada e observada cuidadosamente.”¹⁹³

Pela leitura da nota irradiada na PRA8, assim como do trecho da reportagem do jornalista Antonio Freire contida na mesma, podemos afirmar que se trata de uma peça de propaganda da Interventoria de Agamenon Magalhães, evidenciando-se mais uma vez a promoção da imagem de seu governo feita através dos elogios à atuação da polícia e da Secretaria de Segurança Pública no caso mencionado, personificada nas figuras do secretário de Segurança Etelvino Lins e, principalmente, do Sr. Fábio Correia, delegado do DOPS-PE. Para que a gestão de Agamenon ganhasse mais contornos de eficiência e ação enérgica diante

sendo depois dirigida por Maurício Goulart. É considerada um dos maiores periódicos de crítica e análise política da história da imprensa brasileira, sendo Samuel Wainer lembrado como um dos mais importantes nomes do jornalismo nacional. A partir de 1941 este periódico passou a ser semanal, momento em que se tornou mais engajada e ganhou características um pouco mais populares. A mudança deveu-se, em grande parte, às posições dos responsáveis pelo periódico face ao autoritarismo vigente em alguns países da Europa (assim como no Brasil) e diante do desenrolar da Segunda Guerra Mundial. A mudança no teor da publicação, de acadêmico para popular, revelava a busca da democratização da informação e da própria política nacional, então sufocada pelo do Estado Novo. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/artigos/diretrizes/>. Acesso em 15 de agosto de 2015.

¹⁹² APEJE, DOPS-PE, Rádio Clube de Pernambuco, Prontuário Funcional nº1106.

¹⁹³ Ibidem.

das adversidades, o próprio secretário de segurança da Interventoria abriu espaço para que o jornalista Antonio Freire consultasse os prontuários e depoimentos dos envolvidos no caso. Desse modo, foram citados vários trechos desta documentação na reportagem, fazendo com que houvesse mais consistência no trabalho jornalístico e, ao mesmo tempo, conferindo ao governo de Pernambuco maior credibilidade e legitimidade nas suas ações, demonstrando que a Interventoria de Agamenon Magalhães estava alinhada com os interesses nacionais e seguindo a orientação do governo federal no posicionamento contra o Eixo, deixando claro que não compactuava com as ações da espionagem alemã no estado.

Conforme a reportagem do jornalista Antonio Freire, a investigação feita pelo DOPS-PE nos mostra que a atividade de espionagem alemã em Pernambuco iniciou-se antes da eclosão da Segunda Guerra Mundial, pois de acordo com os prontuários e depoimentos citados, “a repressão às atividades nazistas em Pernambuco tiveram início em 1938”,¹⁹⁴ havendo participação de alemães como Erwin Kalk, - membro das fábricas têxteis da família Lundgren no município de Paulista e chefe do partido nazista no Nordeste – e brasileiros, como os jornalistas Gerardo Melo Mourão e Napoleão Lopes Filho, que atuavam na imprensa carioca e vieram para o Recife com objetivo de arrendar e mudar a orientação do jornal *Diário da Manhã* em prol da ideologia nazista.¹⁹⁵

Além da fábrica têxtil dos Lundgren, outras empresas também foram monitoradas pelo DOPS-PE no combate à espionagem do Eixo em Pernambuco, como a *ALA LITÓRIA* (mais conhecida como LATI), empresa italiana de aviação que fazia voos comerciais entre Roma e Buenos Aires com escala no Brasil. Em 18 de agosto de 1941, o Secretário de Segurança Pública de Pernambuco, Etelvino Lins, recebe um comunicado alertando para o fato de que os aviões da LATI que faziam a linha Roma-Buenos Aires estavam colaborando com a espionagem do Eixo, transportando correspondências privadas, material de propaganda e documentos secretos. Conforme o comunicado, em maio de 1941, um avião da LATI chegou a trazer para o Recife uma estação de rádio transmissor e receptor, que teria sido entregue a Walter Cechinne, técnico da estação radiotransmissora da empresa. Tal estação foi instalada a bordo do vapor italiano *Librato* ancorado no porto do Recife, “funcionando todas as noites e fazendo comunicação com a Europa”.¹⁹⁶ Em ofício enviado ao Secretário de Segurança de Pernambuco, o delegado do DOPS-PE Fábio Correia alerta para o transporte de válvulas, lâmpadas e outras peças da estação

190 Revista Diretrizes. 23 de julho de 1942, Rio de Janeiro, p. 6.

¹⁹⁵ Idem, p.7.

¹⁹⁶ APEJE, DOPS, ALA LITÓRIA – AVIÕES LATI, Prontuário Funcional nº 5230

de rádio da LATI que ficava no campo de pouso do Ibura,¹⁹⁷ onde o técnico Walter Cechinne teria transportado boa parte desse material para o escritório da companhia que situava-se à Avenida Marquês de Olinda no centro do Recife.¹⁹⁸

Havia também outros espões de países colaboradores do Eixo atuando no Recife, como o húngaro Saloman Janos, que chegara a capital pernambucana no dia 20 de setembro de 1941. Sua conduta logo despertou suspeitas por parte das autoridades policiais, posto que, apesar de receber mensagem enviada pelo *Abwehr* recomendando cautela devido à forte vigilância norte-americana em Recife e Natal, Janos não parece ter se importado com as recomendações, passando-se de forma desajeitada por cidadão americano e pedindo indiscretamente informações acerca de atividades militares dos Estados Unidos na região,¹⁹⁹ falando em voz alta e gesticulando muito em suas idas ao porto do Recife em busca de informações sobre o movimento de navios britânicos e norte-americanos.²⁰⁰

Outro integrante da célula de espionagem eixista fichado pela polícia pernambucana mencionado na reportagem de Antonio Freire foi Herbert Friedrich Julius von Heyer, que era brasileiro e filho de pais alemães. Em sua viagem do Rio de Janeiro para Belém, esteve de passagem pelo Recife, hospedando-se no Grande Hotel do dia 4 ao dia 12 de julho de 1941. Von Heyer trabalhava na seção de navegação da firma alemã *Theodor Wille & Companhia*, sendo recrutado para a rede de espionagem montada por Albrecht Gustav Engels, funcionário da *Siemens* no Rio de Janeiro.²⁰¹

Ao chegar em Recife, Von Heyer entrou imediatamente em contato com outro conterrâneo, Hans Heinrich Sievert, que naturalizou-se como brasileiro. Havia chegado ao Recife em 1924 como contratado da companhia alemã Herman Stoltz, onde foi empregado até 1932. No ano seguinte, Hans Sievert ocupou o cargo de gerente desta firma. Em 1939, a Casa Herman Stoltz do Recife deixou de ser filiada a do Rio de Janeiro, constituindo-se numa firma autônoma. A partir de então, Hans Sievert entrou como sócio da firma ao lado dos alemães

¹⁹⁷ Parte desse material foi inclusive oferecida à venda à Rádio Clube. A LATI mandou colocar na praça diversas peças com aplicações em estações de radiotransmissões, tendo por isso tentado negociar duas válvulas possantes de transmissão com a PRA8. Ofício de nº 130 enviado pelo DOPS-PE à Secretaria de Segurança Pública de Pernambuco. APEJE, DOPS, ALA LITÓRIA – AVIÕES LATI, Prontuário Funcional nº 11-D.

¹⁹⁸ Ibidem.

¹⁹⁹ HILTON, op. cit., p. 125.

²⁰⁰ Revista Diretrizes, 23/7/1942, p. 8.

²⁰¹ Em seu depoimento ao delegado Fábio Correia, Hans Sievert afirmou que havia presenciado a conversa entre o técnico de radiotelegrafia Walter Grapentin e Hebert Julius Von Heyer, que em julho de 1941 o teria procurado e “solicitou a fineza de apresentá-lo a um técnico de rádio desta cidade”. Nesta conversa, Von Heyer faz uma proposta de montagem de uma estação de rádio clandestina à Walter Grapentin, que teria recusado posteriormente. APEJE, DOPS-PE. Hans Heinrich Sievert. Prontuário Individual nº 7351.

Hans Oton Meier e do próprio Herman Stoltz.²⁰² A pretexto de tratar de assunto comercial, Von Heyer teria procurado Sievert com objetivo de pedir auxílio para organizar o serviço de espionagem do Eixo em Recife. Para isso, Von Heyer tinha um propósito mais ousado: o de montar uma estação de rádio clandestina na capital pernambucana, a fim de transmitir informações sobre a movimentação de navios, aviões e tropas aliadas no Recife. Através do contato feito com Hans Sievert, Von Heyer conheceu o engenheiro eletricista e técnico em manutenção de rádios Walter Grapentin, propondo-lhe a montagem de um aparelho portátil de rádio transmissor clandestino, empreendimento no qual não lograram êxito.²⁰³

Walter Grapentin era alemão e veio para o Recife em 1937 para trabalhar na companhia *Siemens Chuckt* como engenheiro e chefe mecânico da seção de rádios e montar uma oficina para concerto de transmissores da marca *Telefunken*, prestando seus serviços à esta empresa até o ano de 1940. Também teria trabalhado na oficina de concerto de rádios do alemão Otto Schiller, técnico e funcionário da Rádio Clube. De acordo com as investigações, por conveniência do Partido Nazista, Grapentin foi afastado da Siemens para trabalhar por conta própria, especialmente nos serviços apresentados pelo Consulado Alemão, que consistia em sua maioria em concertos de rádio e de transmissores. Residia à Rua da Aurora, nº 1049, onde mantinha sua oficina de concerto de aparelhos de rádio após desligar-se da Siemens. Em novembro de 1941, Grapentin vendeu a sua oficina para Otto Schiller, que por sua vez, passou-lhe procuração com poderes para gerir o referido negócio.

Walter Grapentin foi preso em 25 de fevereiro de 1942 por suspeita de haver uma estação de rádio clandestina em sua casa, sendo posto em liberdade na mesma data. Mas no dia 28 de março de 1942, Grapentin foi preso novamente pela polícia pernambucana e enviado para a Casa de Detenção do Recife por suspeita de exercer a atividade de espionagem em prol do Eixo, instaurando-se inquérito no DOPS-PE, sendo posteriormente remetido ao Tribunal de

²⁰² Suspeitava-se que a estação de rádio clandestina irradiaria assuntos de espionagem para a estação alemã ALD. Por isso, o Secretário de Segurança de Pernambuco, Etelvino Lins, enviou um telegrama reservado ao Major Felinto Müller comunicando o fato, “sendo-lhe solicitadas as providências necessárias à localização e apreensão da estação clandestina de prefixo CEL. Ibidem.

²⁰³ Em resposta ao inquérito instalado pelo DOPS-PE, Walter Grapentin afirma que foi procurado em sua residência por Hans Sievert e um outro cidadão alemão (provavelmente o espião Herbert Von Heyer) que lhe fez uma proposta para instalar uma estação de rádio transmissor portátil de ondas curtas. Grapentin entregaria a estação de rádio já pronta nas mãos de Von Heyer, ficando apenas incumbido da instalação da mesma. Von Heyer ainda solicitou a opinião de Grapentin em relação ao local onde deveria ser instalada a estação de rádio, pedindo também a indicação de um radiotelegrafista para atuar na empreitada. Em seu depoimento, Walter Grapentin declarou que “não se comprometeu com o mesmo a fazer o trabalho solicitado, uma vez que pensava consultar o senhor Otto Schiller, técnico do Rádio Clube”. Entretanto, “se obrigou a dar, dentro de oito dias, uma resposta ao senhor Sievert, se aceitaria ou não aquela incumbência”. Porém, “dias depois procurou o mesmo senhor Sievert na firma Herman Stoltz, dizendo-lhe não querer atender ao pedido do seu companheiro”. APEJE, DOPS, Walter Grapentin, prontuário individual nº3138.

Segurança Nacional em 24 de outubro de 1941. Apesar de não haver nenhuma estação de rádio clandestina em sua residência, a vasta quantidade de material e de acessórios de sua oficina (incluindo um receptor *Telefunken* novo e outros dois usados, duas antenas de recepção, válvulas, etc.) e um orçamento de uma estação de rádio de 120 watts que seria instalada “na antena para o rebocador 4 de outubro do porto do Recife”²⁰⁴ foram suficientes para incriminá-lo, levando as autoridades a suspeitarem de que havia a intenção por parte de Grapentin de montar uma estação de rádio clandestina para comunicar-se com a rede de espionagem do Eixo.²⁰⁵

Convém lembrar que, nesse contexto, o simples ato de possuir ou comercializar aparelhos de rádio, ouvir a sós ou convidar amigos para reunir-se em volta do rádio a fim de sintonizar as emissoras internacionais passou a ser um grave delito para os estrangeiros (principalmente para os alemães), havendo em alguns lugares várias denúncias por parte dos brasileiros e da polícia. Em seu estudo sobre o cotidiano e o medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina, Marlene de Fáveri ressalta que possuir um aparelho de rádio por si só já tornava o estrangeiro/naturalizado num possível “quinta-coluna”, que poderia se comunicar ou ouvir as emissoras italianas ou alemãs.²⁰⁶ Para conter as irradiações em ondas curtas das emissoras alemãs, o governo de Santa Catarina chegou a publicar uma portaria em 25 de maio de 1940 proibindo “terminantemente, a recepção radiofônica de noticiário, notas ou críticas de guerra, em praças públicas, cafés, casas comerciais, ou qualquer lugar em que possa haver ajuntamento, sendo severamente castigados os que infringirem esta portaria”.²⁰⁷ No Recife, enquanto estava preso na Casa de Detenção, o então sócio da companhia Herman Stoltz anteriormente citado, Hans Sievert, teve seu aparelho receptor de marca *Telefunken* apreendido em sua residência em agosto de 1942 pela DOPS-PE, sendo entregue posteriormente à sua esposa, Wilma Lina Auguste Sievert, somente em 13 de abril de 1946.²⁰⁸

Diante da tentativa de estabelecimento de uma estação de rádio clandestina por parte da espionagem do Eixo no Recife, evidencia-se a importância e o uso do rádio para a espionagem durante a Segunda Guerra Mundial, visto que a radiotelegrafia era tida pelo *Abwehr* como a atividade mais importante para a espionagem do Terceiro Reich, havendo o

²⁰⁴ APEJE, DOPS, Walter Grapentin, prontuário individual nº3138.

²⁰⁵ Além desses artefatos, também foi encontrado um mapa do parque industrial de Pernambuco em sua residência, incluindo as vias férreas e os entroncamentos ferroviários do estado. APEJE, DOPS, Walter Grapentin, prontuário individual nº3138.

²⁰⁶ FÁVERI, Marlene. **Memórias de uma (outra) guerra**: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina. Florianópolis: Editora da UFSC, 2004, p. 343.

²⁰⁷ Portaria nº 213, de 25 de maio de 1940. Secretaria de Segurança Pública – Florianópolis, assinada por Ivens Araújo, Secretário de Segurança Pública. APUD FÁVERI, op. cit., p. 367.

²⁰⁸ APEJE, DOPS-PE. Hans Heinrich Sievert. Prontuário individual nº 7351.

recrutamento de técnicos e especialistas em radiotelegrafia para a montagem de estações de rádio clandestinas em regiões estratégicas de diversos países, como o Nordeste brasileiro.

Sabendo-se que em Recife estava sediada a Rádio Clube de Pernambuco, e que entre os seus funcionários havia um de nacionalidade alemã, o Sr. Otto Schiller, poderíamos lançar as seguintes indagações: Schiller teria contribuído com seus conhecimentos técnicos de radiotelegrafia para as atividades da célula de espionagem alemã na capital pernambucana? Teria sido sondado por agentes do Eixo para participar de tais atividades? Teria sido recrutado para montar alguma estação de Rádio Clandestina para transmissão de mensagens para a sede do *Abwehr* na Alemanha? Não podemos olvidar que Otto Schiller foi um dos personagens que mais contribuiu para o desenvolvimento e a consolidação da Rádio Clube de Pernambuco, trabalhando como chefe do Departamento Técnico da emissora. Teria sido ele monitorado durante o período em que houve a investigação feita pelo DOPS-PE para desmontar a rede de espionagem do Eixo em Pernambuco?

Em ofício enviado a Secretaria de Segurança de Pernambuco em 31 de março de 1942, a Rádio Clube faz questão de comunicar ao Sr. Etelvino Lins que a diretoria da emissora decidiu conceder ao Sr. Otto Schiller uma “licença por tempo indeterminado sem prejuízo de seus vencimentos e direitos perante as leis trabalhistas, em face de mais de dez anos de bons serviços”.²⁰⁹ Qual teria sido o motivo de tal licença? Esta licença foi concedida de forma arbitrária pela diretoria da PRA8? Houve consentimento por parte do técnico alemão em relação ao assunto?

Mesmo antes das primeiras manifestações de hostilidades aos súditos do Eixo residentes no Recife, Otto Schiller já estava sendo monitorado pelo DOPS-PE. No inquérito do alemão Walter Grapentin, o nome de Otto Schiller é citado, o que denota que estes dois técnicos de rádio se conheciam e mantiveram contato. De acordo com as declarações de Grapentin, Otto Schiller esteve em sua oficina de concertos de rádio na manhã de 21 de dezembro de 1941, “conversando demoradamente com o mesmo”.²¹⁰ Com o desenrolar das investigações, Otto Schiller é intimado a depor pelo DOPS-PE, prestando declarações ao delegado Fábio Correia que, na investigação acerca da atuação da espionagem do Eixo no Recife, trabalhou no sentido de confrontar as informações prestadas por Grapentin em seu depoimento. Em suas declarações, Otto Schiller confirma que manteve contatos com Walter Grapentin, afirmando que em novembro de 1941 teria adquirido a oficina de concertos de rádio de Grapentin por três contos de réis e, através de procuração, autorizou Grapentin a administrar e dirigir os negócios da

²⁰⁹ APEJE, DOPS-PE, Rádio Clube de Pernambuco, Prontuário Funcional nº1106

²¹⁰ APEJE, DOPS-PE, Walter Grapentin, Prontuário individual nº 3138.

mesma, declarando também que “frequentava assiduamente a oficina em apreço, tanto antes como depois de adquiri-la”.²¹¹ Otto Schiller também foi visto com Grapentin no porto do Recife, conversando com o comandante do navio Esmeralda, embarcação de bandeira argentina que estava fundeada no porto desde de 1941. Segundo as investigações do DOPS-PE, o comandante deste navio teria “simpatias pela política do Eixo”.²¹² Schiller também foi visto com Grapentin numa noite na *Casa Phoenix*, onde teriam palestrado por meia.

Mas com as agressões, depredações e saques aos estabelecimentos pertencentes aos súditos do Eixo em decorrência do clima de hostilidades provocado pelos afundamentos de navios brasileiros por submarinos alemães, a vida do Sr. Otto Schiller no Recife se tornou cada vez mais difícil. Diante desse clima de adversidades, poderíamos interpretar a licença do técnico da PRA8 como sendo uma tentativa de livrar-se do cenário de ojeriza aos cidadãos de nacionalidade alemã que havia no Recife de então? São indagações que surgem após uma leitura acurada da documentação do período. O certo é que, tanto as atividades profissionais como também os passos de Otto Schiller foram monitoradas constantemente pelo DOPS-PE. A Rádio Clube fora obrigada a enviar a polícia uma lista contendo os materiais de trabalho utilizados por Schiller que estavam guardados na sua sede,²¹³ para que houvesse maior controle e monitoramento sobre suas atividades, o que indica que havia suspeita por parte das autoridades de que Otto Schiller pudesse estar acumulando material para a montagem de uma emissora clandestina a fim de colaborar com a espionagem alemã. Mas para acabar com qualquer suspeita e justificar de forma razoável a licença concedida, além de comunicar a Secretaria de Segurança Pública acerca do afastamento de Schiller, o diretor e superintendente da PRA8 na época, Oscar Moreira Pinto, fez questão de ressaltar no mesmo documento a sua boa índole, afirmando:

Tratar-se de cidadão de origem alemã, naturalizado brasileiro, muito embora nada tenha esta Diretoria que o possa julgar conivente com qualquer movimento ou ação contra o regime do país, merecendo pelo contrário, toda consideração, pelo estímulo e dedicação que sempre mostrou no cumprimento de seus deveres e ainda mais por ser casado com brasileira e ter filhos brasileiros.²¹⁴

A maneira como o documento ressalta e enfatiza as qualidades do técnico Otto Schiller pode ser entendida diante do contexto de hostilidades, suspeitas e ojeriza aos súditos do Eixo no Recife de então, período em que o controle, a censura e as notícias de guerra fizeram parte

²¹¹ APEJE, DOPS-PE, Otto Schiller, Prontuário Individual nº 5531.

²¹² APEJE, DOPS-PE, Walter Grapentin, Prontuário individual nº 3138.

²¹³ Material técnico da Oficina de Otto Schiller guardado no Rádio Club de Pernambuco. APEJE, DOPS-PE, Rádio Clube de Pernambuco, Prontuário Funcional nº1106.

²¹⁴ APEJE, DOPS-PE, Rádio Clube de Pernambuco, Prontuário Funcional nº1106.

do cotidiano e da programação da PRA8. Mas com a entrada do Brasil na Segunda Guerra ao lado dos Aliados, além da censura e do controle exercidos pelo DIP/DEIP, ocorreram também mudanças significativas na programação da PRA8, onde a emissora passa a fazer parte de um verdadeiro processo de americanização pelas ondas do rádio.

4 O OFFICE OF THE COORDINATOR OF INTER-AMERICAN AFFAIRS, A POLÍTICA DE BOA VIZINHANÇA E A PRA8

A Política de Boa Vizinhança foi implementada no governo do presidente Franklin Delano Roosevelt em 1933, durando até o fim da Segunda Guerra Mundial em 1945. Esta política de cunho internacional visava à melhoria das relações dos EUA com os demais países da América Latina, com objetivo de impedir o crescimento da influência europeia na América, a fim de manter a estabilidade e assegurar a hegemonia política e econômica dos Estados Unidos no continente. Quando assumiu a presidência dos Estados Unidos, Roosevelt deparou-se com uma tradição intervencionista na política exterior norte-americana para com os países abaixo do Rio Grande. O *Big Stick* de Theodore Roosevelt e a Diplomacia do Dólar de William Howard Taft foram os expoentes dessa tradição. No cerne da Política de Boa Vizinhança estava o princípio de não intervenção e da não interferência nos assuntos internos dos países latino-americanos. Contudo, os objetivos do então presidente Franklin Roosevelt não eram altruístas, uma vez que “no âmbito dessa política, os Estados Unidos desenvolveram trocas mutuamente benéficas com os países da América Latina, na esperança de também criar novas oportunidades comerciais entre os americanos e seus vizinhos do sul”,²¹⁵ efetivando a sua influência na região.

Mas para conquistar a confiança dos latino-americanos e aumentar sua participação no mercado promissor da região (que poderia impulsionar a recuperação econômica do pós-crise de 1929) era preciso abandonar definitivamente o corolário Roosevelt, pois o medo do “colosso do Norte” que pairava na região abaixo do Rio Grande estava transformando-se cada vez mais numa ameaça ao pan-americanismo e as relações entre os Estados Unidos e a América Latina. Na maioria dos países latino-americanos havia uma grande desconfiança em relação aos objetivos e às intenções dos Estados Unidos, que até 1933 eram tidos como exploradores e interessados principalmente em dividir e governar toda e qualquer região que conseguissem. Além do profundo receio das nações latino-americanas, os Estados Unidos tiveram que lidar também com as divisões entre as nações latino-americanas. Muitos países da região sentiam uma profunda desconfiança mútua.²¹⁶

Para alcançar seus objetivos, Roosevelt buscou através da Política da Boa Vizinhança promover uma relação de cooperação entre os Estados Unidos e os vizinhos do Sul.²¹⁷ O

²¹⁵ LOCHERY, op. cit., p. 18.

²¹⁶ Ibidem.

²¹⁷ WHITAKER, A. P. Las Americas en un mundo en crisis. Lancaster: Lancaster, 1946, p. 19. APUD GALDIOLI, Andreza da Silva. **A Cultura norte-americana como um instrumento do soft power dos Estados Unidos: o**

discurso dessa política apontava para a necessidade de manter o continente americano unido na luta contra as ameaças externas. Essa boa vizinhança representaria o convívio harmônico e respeitoso entre todos os países do continente. Significaria também uma política de intercâmbio generalizado de mercadorias, valores e bens culturais entre os Estados Unidos e os demais países da América.²¹⁸

Após a grande depressão gerada com a crise de 1929, o modelo de atuação intervencionista norte-americano empregado na resolução dos conflitos diplomáticos com os vizinhos tornou-se inviável, pois seria impossível aos Estados Unidos atingir seus objetivos de defesa do continente na chamada *solidariedade continental* através de desumanas e antiquadas práticas de intervenções militares efetuadas por toda a América Latina entre o final do século XIX e os anos 30.²¹⁹ Desse modo, uma das primeiras medidas para colocar em prática a nova política foi a substituição do intervencionismo armado pelas negociações diplomáticas.

Depois de uma fase de negociações que abriram caminho para atuação dos Estados Unidos na América Latina, mitigando as violentas intervenções armadas de outrora – principalmente na América Central – com a iminência da guerra em 1939, a Política da Boa Vizinhança ganha novo fôlego e forma, ocorrendo uma mudança no curso das estratégias e a demanda por ações rápidas e efetivas. Nesse sentido, a difusão cultural torna-se um elemento fundamental para dar suporte à continuação da prática imperialista instituída pelos Estados Unidos que, através desta, buscava promover um acordo coletivo de solidariedade continental. Tal como em vários outros países naquela época, a cultura começou a ser concebida como suporte da política, mesmo nas democracias como a dos Estados Unidos, onde, diferentemente da Alemanha e da Itália – países que na época empreenderam uma intervenção estatal efetiva na produção cultural – prevalecia a liberdade de criação, desde que não atingisse o limite da interferência de interesses diversificados.²²⁰

A influência alemã sobre a América do Sul teria alarmado Nelson Rockefeller, herdeiro da *Standard Oil*, (empresa petrolífera norte-americana que atuava em vários países latino-americanos) que convenceu o presidente F. D. Roosevelt da necessidade de promover uma contraofensiva propagandística, culminando na criação de uma agência governamental especializada na coordenação das relações comerciais e culturais entre os Estados Unidos e os

caso do Brasil durante a Política da Boa Vizinhança. São Paulo: 2008, pp. 92-93. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas.

²¹⁸ MOURA, op. cit., p. 8.

²¹⁹ OLIVEIRA, Dennison de. **Aliança Brasil- EUA: nova história do Brasil na Segunda Guerra Mundial**. Curitiba: Juruá, 2015, pp. 40-41.

²²⁰ CAPELATO, op. cit., pp. 100-101.

países da América Latina, o *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs* – OCIAA. O plano de Rockefeller para eliminar a influência do Eixo na América Latina consistia num projeto de penetração cultural sistemática na região, promovendo ações de intercâmbio cultural, técnico-científico e o estreitamento das relações econômicas entre os Estados Unidos e os países latino-americanos, principalmente o Brasil. A intenção era combater a presença propagandística ítalo-germânica, encantando e seduzindo os latino-americanos através da difusão de imagens positivas da sociedade estadunidense e de seus respectivos valores veiculados principalmente nos filmes hollywoodianos. Conforme Lochery, na visão de Rockefeller seria importante incentivar “o desenvolvimento de laços culturais e midiáticos entre os dois países – cujo objetivo era se contrapor aos esforços nazistas de exportar por baixo dos panos sua marca de cultura racial para o Brasil”.²²¹

Desse modo, os norte-americanos estavam colocando em prática a tarefa de transferir a seus vizinhos sul-americanos os valores do *American Way of Life*. A ideia de democracia, de progresso e de uma sociedade pautada no consumo e mais justa eram os principais valores do americanismo que seria propagado pelos meios de comunicação. Em outras palavras, “os americanos queriam persuadir, de qualquer maneira, a América Latina a cerrar fileiras com a ‘grande democracia’ na luta contra a Alemanha”.²²²

Com o objetivo de impregnar as mentalidades latino-americanas com estes novos valores, os veículos que orientavam o imaginário coletivo foram controlados, pois desse modo, o governo dos Estados Unidos trabalhou no sentido de transformar os meios de comunicação em poderosos aliados na consolidação de sua hegemonia, razão pela qual a Divisão de Comunicações e Informações do OCIAA teve papel preponderante durante a Política da Boa Vizinhança. A atuação esta Divisão seria importante no sentido de contrapor-se a investida propagandística do Eixo nos países sul-americanos – principalmente através das ondas do rádio – abarcando a produção de diversos tipos de mídia como jornais, revistas, filmes, documentários e programas de rádio.²²³ Apesar da importância e da atuação de algumas divisões como a de Imprensa e de Cinema, a Divisão de Rádio foi importante na medida em que produziu toda uma programação radiofônica que foi distribuída e reproduzida em diversas emissoras do Brasil. Conforme Ferrareto:

²²¹ LOCHERY, op. cit., pp. 158-159.

²²² TOTA, Antônio Pedro. **Os americanos**. São Paulo: Contexto, 2014. p. 160.

²²³ SCHOUTZ, Lars. Estados Unidos: poder e submissão, uma história da política norte-americana em relação à América Latina. Bauru: EDUSC, 2000, p. 341. APUD MACEDO, Kárita Bernardo de. O “*Office of the Coordinator of Inter-American Affairs*” **entra em cena**: novas abordagens para uma política de Boa Vizinhança. Anais do 9º Encontro Nacional de História da Mídia, 2013.

Nestas irradiações, os produtores esforçam-se para demonstrar afinidades entre os dois países – Brasil e Estados Unidos – irmanados na luta contra o nazi-fascismo. Em paralelo, difundem o American Way of Life, caracterizado fortemente pela economia de mercado e pela livre iniciativa empreendedora, fatores que embasam uma sociedade em tese igualitária pela possibilidade de todos – independente de classe social – terem acesso ao consumo.²²⁴

Assim, faz-se necessário analisar historicamente as influências estrangeiras na programação das emissoras brasileiras durante a Segunda Guerra Mundial, buscando-se identificar os programas radiofônicos produzidos pela Divisão de Rádio do OCIAA que foram enviados para o Brasil nesse contexto.

4.1 A política da Boa Vizinhança

No período que se estende entre a crise de 1929 até a Segunda Guerra Mundial, o processo de inserção do Brasil na ordem capitalista internacional passa por um processo de redefinição, processo este que seria marcado por dois movimentos paralelos, onde os Estados Unidos substituem gradativamente a Europa como centro de gravitação das economias periféricas do mundo capitalista; simultaneamente, o Brasil orientou seu crescimento a partir das possibilidades que essa substituição proporcionou. Para Gambini, os laços estabelecidos entre Brasil e Estados Unidos nesse período não representam uma transformação das formas de relação existentes entre as economias centrais e as periféricas, mas sim um reajuste às necessidades e prioridades ditadas pelo desenvolvimento do capitalismo.²²⁵ Nesse ínterim, o Brasil encontra novas possibilidades de crescimento a partir das lacunas abertas após o confronto das principais potências capitalistas na Primeira Guerra Mundial, já que o Brasil se mostrou inapto para alterar fundamentalmente a estrutura de relações e de criar alternativas políticas e econômicas próprias.

Com o desgaste da combalida economia inglesa e o crescimento da participação norte-americana na balança de pagamentos brasileira após a Primeira Guerra Mundial, os Estados Unidos ganharam mais importância para a política externa brasileira. Esta orientação foi mantida e transformada num processo de alinhamento do Brasil ao governo norte-americano

²²⁴ FERRARETO, op. cit., p. 97.

²²⁵ GAMBINI, Roberto. **O duplo jogo de Getúlio Vargas**: influência americana e alemã no Estado Novo. São Paulo: Símbolo, 1977, p. 21.

até a década de 1930.²²⁶ Desse modo, do início dos anos 30 até 1942 – ano em que o governo brasileiro toma a decisão de apoiar abertamente os Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial – temos uma política externa brasileira com alto poder de barganha, proveniente das possibilidades de alinhamento com a Alemanha ou com os Estados Unidos.

Vale ressaltar que no período entre guerras o cenário internacional é marcado pela indefinição e a ascensão de potências diversas buscando constituir suas respectivas áreas de influência. Nesse contexto, o Brasil ganha importância devido as suas dimensões territoriais, recursos minerais e sua posição estratégica no Hemisfério Sul, tanto para os Estados Unidos quanto para a Alemanha.

Assim, a política externa brasileira sob o governo Vargas caracterizou-se pelo aproveitamento das brechas deixadas no plano internacional pela competição entre Estados Unidos e Alemanha, mantendo-se entre estes dois centros de poder o que Gerson Moura chama de *equidistância pragmática*,²²⁷ onde o poder emergente da Alemanha, a ameaça potencial que os alemães representavam à hegemonia dos Estados Unidos na América do Sul, os laços militares e econômicos do Brasil com a Alemanha e a existência de afinidades ideológicas e pessoais com o nazismo em alguns setores da sociedade e do governo brasileiro teriam favorecido a Vargas uma oportunidade de elaborar uma política de barganha para com os norte-americanos e os alemães.

De acordo com Ianni, esse recorte também pode ser interpretado como um período em que os países latino-americanos procuraram reformular – ou alterar radicalmente – conforme o caso, as estruturas políticas e econômicas identificadas com as condições de independência herdadas da conjuntura na qual predominava o *enclave* imperialista. Dessa forma, ocorre nos países latino-americanos fenômeno de substituição progressiva do *Estado Oligárquico* por modalidades do que podemos chamar de *Estado Populista*, tendo-se como exemplo os governos de Cardenas no México (1934-1940), o governo Perón na Argentina (1945-1955) e no Brasil o governo de Vargas (1930-1945). Conforme Ianni, estes regimes populistas foram importantes no sentido de reformular a política externa dos países latino-americanos em relação aos EUA, visto que:

²²⁶ ALTEMANI, H. Política externa brasileira. São Paulo: Saraiva, 2005, p. 42. APUD GALDIOLI, op. cit. p. 83.

²²⁷ Cf. MOURA, Gerson. **Sucessos e ilusões**: relações internacionais do Brasil durante e após a Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1992; MOURA, Gerson. **Relações Exteriores do Brasil: 1939-1945**: mudanças na natureza das relações Brasil-Estados Unidos durante e após a Segunda Guerra Mundial. Brasília: FUNAG, 2012; MOURA, Gerson. **Autonomia na dependência**: a política externa brasileira de 1935 a 1942. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

Em perspectiva histórica, podemos afirmar que o nacionalismo populista foi a primeira e a mais generalizada reação, em nível governamental, ao tipo de imperialismo exercido pelos Estados Unidos na América Latina. Podemos mesmo dizer que foi a primeira reação bem-sucedida, no sentido de que os grupos sociais, classes e partidos políticos identificados com o nacionalismo populista propuseram e levaram à prática novas diretrizes políticas externas. O nacionalismo econômico populista tem sido na América Latina, a matriz de experiências doutrinárias e práticas a partir da qual foram e continuam sendo ensaiadas, ou postas em práticas, políticas externas independentes. Neste sentido, também, a política exterior do governo de base populista é uma experiência importante.²²⁸

Nesse contexto, em cada um dos países supracitados o governo populista desenvolveu uma política externa nacionalista de acordo com as possibilidades abertas em cada momento. Assim, em cada caso, os compromissos, alianças e antagonismos de classe (assim como o grau de dominação imperialista) e outros fatores, influíram nas decisões relativas a recursos minerais, indústria petrolífera, indústria de energia elétrica, ferrovias e outros setores. Segundo Ianni, a experiência dos vários governos populistas demonstra que a oposição ao imperialismo norte-americano se deu muito mais como uma técnica de reformulação das condições de dependência e repartição do excedente econômico do que como uma técnica para destruí-lo, de forma que “todos os governos populistas interromperam a luta contra o imperialismo no momento em que ela pode transformar-se numa luta de classes aberta e, portanto, numa luta contra o próprio modo capitalista de produção”.²²⁹

Por outro lado, o governo norte-americano reagiu sob várias formas para conter o nacionalismo populista e, simultaneamente, modificar, conforme suas conveniências, as condições de sua hegemonia sobre os governos latino-americanos que estavam comprometidos com o nacionalismo econômico. Assim, a *Política de Boa Vizinhança* foi a primeira resposta do governo norte-americano ao nacionalismo econômico que crescia na América Latina com as crises econômicas nacionais geradas pela Depressão Econômica e o *crack* da bolsa de Nova York em 1929. Além disso, a diplomacia da Boa Vizinhança tinha como objetivo o realinhamento dos países latino-americanos ao lado dos Estados Unidos, buscando a redução, a eliminação e o controle das relações exteriores daqueles países com as potências extra-continentais de então.

Formulada e posta em prática pelo governo Franklin D. Roosevelt nos anos de 1933-1945, a *Política de Boa Vizinhança* foi fruto de uma revisão da Doutrina Monroe²³⁰ em termos

²²⁸ IANNI, Octávio. **Imperialismo na América Latina**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1988, p. 36.

²²⁹ Idem, pp. 36-37.

²³⁰ A Doutrina Monroe (1823) conferia aos Estados Unidos a proteção do Hemisfério Ocidental contra a expansão dos impérios europeus, tendo por base material o apoio naval britânico. No decorrer do século XIX, os Estados Unidos ampliam sua área de influência para além do hemisfério, acompanhando a penetração de interesses comerciais na China, Japão, Alasca, Samoa, Havaí, Filipinas e América Latina. Contudo, no fim do Século XIX,

mais realistas, buscando-se estabelecer laços mais sólidos nas Américas. Depois de assumir a presidência e enfrentar um Congresso hostil, com os embates ideológicos entre os isolacionistas – que opunham-se à criação de alianças e ao armamentismo – e dos intervencionistas – que apoiavam a expansão militar e a intervenção direta dos EUA a fim de proteger os interesses norte-americanos no exterior – o governo Roosevelt decide descartar a política externa que até então vigorava em relação à América Latina, fundamentada no emprego recorrente da intervenção militar para resolução de problemas políticos e diplomáticos com os países latino-americanos. Diante da iminência de uma nova guerra mundial, o governo norte-americano entendeu que a aliança com os países ao sul de seu território seria de suma importância para os EUA, podendo contar com a solidariedade dos seus vizinhos latino-americanos.²³¹ Conforme Oliveira:

Forjar a assim chamada solidariedade continental foi uma meta alçada à condição de principal objetivo da diplomacia estadunidense materializada na Política de Boa Vizinhança, planejada para dar conta de uma multiplicidade de ameaças à segurança nacional dos EUA no contexto da Segunda Guerra Mundial.²³²

Os governantes norte-americanos tomaram várias medidas políticas, econômicas e militares e culturais para reduzir a presença dos interesses alemães, italianos e japoneses na América Latina, estimulando a cooperação dos países latino-americanos junto aos Estados Unidos.

Mesmo antes do ataque a base norte-americana de Pearl Harbor e da entrada efetiva dos EUA na guerra, os governos brasileiro e estadunidense cooperaram com várias medidas para a defesa do Hemisfério. Em primeiro lugar, o Brasil aprovou a construção de oito bases aéreas no Nordeste, financiadas pelo Governo dos Estados Unidos. Em junho de 1941, permitiu que aviões de transporte em apoio às forças britânicas na África e no Oriente Médio fizessem escala no Brasil. Cinco meses mais tarde, o Comando de Transportes das Forças Aéreas do Exército norte-americano inaugurou seu serviço de transporte do Atlântico Sul para o Cairo, via Brasil. No outono de 1941, como observou mais tarde o Embaixador norte-americano Jefferson Caffery, o Brasil, espontaneamente, permitiu que aeronaves que não fossem de combate visitassem o Brasil, voassem sobre o território brasileiro e utilizassem os aeroportos brasileiros quando em trânsito para a África ou para outro lugar. A partir de maio de 1941,

houve a necessidade do governo de Theodore Roosevelt de defender essa grande área de influência, o que ocasionou a revisão da política norte-americana no que se refere às alianças internacionais, fortalecimento das Forças Armadas e o uso estratégico do Canal do Panamá. Cf. GAMBINI, op. cit., p. 29.

²³¹ OLIVEIRA, op. cit., p. 40.

²³² Ibidem.

navios de superfície da força de patrulha do Atlântico Sul também passaram a se utilizar dos portos de Recife e da Bahia para abastecimento de víveres e combustíveis. O Brasil também reverteu sua política militar tradicional de manter todas as suas forças armadas no Sul, destacando também guarnições no Nordeste para proteção das instalações aéreas e navais que estavam sendo construídas na região. Também foram feitas ações positivas de caráter não militar, incluindo a supressão de jornais em alemão, italiano e japonês, e o controle das exportações, a fim de garantir que materiais estratégicos fossem para os Estados Unidos ao invés dos países do Eixo.²³³

Nesse contexto, os principais desafios e ameaças que os Estados Unidos teriam que enfrentar eram: a necessidade de combater a subversão e a espionagem nazista por todo o continente; garantir com exclusividade o abastecimento de alimentos, combustíveis e matérias primas essenciais à produção bélica norte-americana; assegurar o direito de acesso e trânsito para as forças armadas dos EUA nos países vizinhos; construir e operar bases aéreas e navais em pontos estratégicos da América Latina; reduzir a participação comercial do Eixo no mercado local e fazer ampla propaganda da causa Aliada nos países latino-americanos.²³⁴

Todavia, atingir tais objetivos através de intervenções militares seria impossível. Para Roosevelt, os objetivos estratégicos dos EUA seriam alcançados mediante a persuasão e a cooperação com os vizinhos. Nesse sentido, algumas medidas foram tomadas no sentido de auxiliar aos países amigos através do desenvolvimento econômico, do fornecimento de armas, publicidade, propaganda e outros recursos de persuasão ideológica que a indústria cultural norte-americana pudesse lançar mão. Para implementar essa política, o governo Roosevelt criou um órgão que seria fundamental para implementação da política externa de Boa Vizinhança para lidar com os vizinhos sul-americanos: o *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs*.

4.2 *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs*: a superagência de Nelson Rockefeller

Até a metade do ano de 1940, depois de reforçar a declaração de neutralidade diante do conflito mundial instaurado, o governo do presidente Roosevelt ainda mantinha suas

²³³ CONN, Stetson; FAIRCHILD, Byron. **A estrutura de defesa do Hemisfério Ocidental**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2000, pp. 360-361.

²³⁴ OLIVEIRA, op. cit., p. 40.

atenções voltadas para a Europa, enviando cinquenta *destróieres* utilizados na Primeira Guerra em atendimento ao pedido feito por Winston Churchill para reforço da marinha inglesa; em contrapartida, para reforçar a sua defesa no Atlântico Norte, o governo norte-americano recebeu as bases inglesas das Bermudas, Caribe e da Islândia. Também anunciou uma nova lei – a *Lend-Lease Bill*, que seria aprovada no ano seguinte – autorizando o empréstimo e arrendamento a fim de garantir recursos para o financiamento da resistência inglesa aos alemães. Depois do encontro entre Churchill e Roosevelt em Newfoundland no ano seguinte – onde teriam assinado a Carta do Atlântico, na qual se comprometiam com as ideias de segurança coletiva, autodeterminação dos povos, liberdade de comércio, de navegação, etc. – o envolvimento dos Estados Unidos nos assuntos europeus cresceu ainda mais.

Mas com a aproximação das eleições presidenciais em novembro de 1940, Roosevelt concentra suas atenções para a América Latina, quando tentou – contrariando a tradição política norte-americana – uma terceira reeleição. Em sua campanha, o então presidente e candidato à reeleição Franklin Delano Roosevelt enfatizou a defesa e cooperação continental, garantindo o apoio de alguns republicanos e atraindo para seu lado os grupos que defendiam um estreitamento das relações com a América Latina. Dentre esses grupos, a proposta de Nelson Rockefeller para o estabelecimento de uma nova relação dos Estados Unidos com os latino-americanos pareceu a mais viável, passando a ter mais vantagem em relação aos outros planos provenientes dos órgãos do próprio governo, uma vez que Rockefeller contava com seu grande poder financeiro e com a independência de seu grupo em relação à burocracia.²³⁵ Dentro do programa do grupo de Rockefeller havia propostas de redução/eliminação das taxas sobre produtos importados dos países latino-americanos; desenvolvimento de um sistema de transporte adequado ao escoamento da produção industrial latino-americana; incentivo aos investimentos no setor de mineração a fim de garantir a produção de matérias primas. Rockefeller também propôs que a dívida externa dos países latino-americanos deveria ser analisada sob uma perspectiva realista, ou seja, de acordo com as possibilidades do devedor e não das exigências do credor.

Antes de reeleger-se, em 16 de agosto de 1940, o presidente Roosevelt criou o *Office for Coordination of Commercial and Cultural Relations between the American Republics*, uma nova agência estatal que seria subordinada ao Conselho de Segurança Nacional norte-americano. Oficialmente, esta agência seria incumbida de coordenar os projetos norte-

²³⁵ COLBY, Gerald & DENENETT, Charlotte. **Thy will be done. The conquest of the Amazon:** Nelson Rockefeller and evangelism in the age of oil. Nova York, Harper Collins, 1995, p. 96. APUD TOTA, 2000, op. cit., p. 49.

americanos para a América Latina. Mas indiretamente, o Office teria como objetivo em relação à América Latina a reafirmação do discurso da solidariedade hemisférica no continente. O milionário Nelson Rockefeller²³⁶ foi o escolhido para ser o coordenador do novo órgão, passando a ter as seguintes atribuições:

- 1) Estabelecer e manter o contato entre a comissão consultiva, os vários departamentos e estabelecimentos do governo e com outras agências, públicas ou privadas; assim, o Coordenador deve julgar se necessário ou desejável assegurar a coordenação devida das atividades de governo em relação à defesa hemisférica com particular referência aos aspectos comercial e cultural;
- 2) Ser um membro e presidente do Comitê Inter-Departamental de Negócios Inter-Americanos [...] O Comitê deve apreciar e correlacionar propostas de governo em relação à defesa hemisférica, às relações comercial e cultural e fazer recomendações aos departamentos e às agências governamentais devidas;
- 3) Estar subordinado diretamente ao presidente, para quem ele deve submeter relatórios e recomendações com relação às atividades de seu escritório;
- 4) Rever leis existentes, coordenar pesquisas das várias agências federais e recomendar para o Comitê Inter-Departamental a nova legislação;
- 5) Ser encarregado da formulação e execução de um programa em cooperação com o Departamento de Estado que [...] promoverá a defesa nacional e reforçará os vínculos entre as nações do Hemisfério Ocidental.²³⁷

Gerson Moura destaca que o Office não era uma simples extensão de programas de colaboração interamericana já existentes, mas sim uma agência de coordenação de esforços, ligada à segurança nacional dos Estados Unidos. Por esse motivo, o Office surge como parte dos programas de defesa nacional, ficando subordinado ao Conselho de Defesa Nacional norte-americano,²³⁸ pois em seus relatórios privados, o Office reconhecia que seus esforços de fortalecimento da solidariedade hemisférica eram feitos no interesse da defesa nacional norte-americana. Conforme Moura:

O birô era, portanto, parte do esforço de preparação para a guerra, em que se achava empenhado o governo Roosevelt, convencido de sua inevitabilidade desde o início de 1939. Antes mesmo que os Estados Unidos entrassem na guerra, em 1941, o Birô já estava agindo a todo o vapor no sentido de afastar das Américas a influência do Eixo

²³⁶ Nelson Rockefeller era um dos herdeiros de uma poderosa família proprietária da Standard Oil e do Chase Bank, entre outras empresas. Liderava o mais ágil e dinâmico dos grupos não oficiais que propunha uma aproximação imediata com a América Latina, doando 25 mil dólares para a campanha do Partido Democrata, enfraquecendo os republicanos e ajudando a reeleger Roosevelt com 54% dos votos na eleição presidencial de 1940. Na tentativa de evitar possíveis rivalidades entre os departamentos Nelson Rockefeller foi hábil ao não sugerir abertamente seu nome para coordenar a agência, pois havia o conflito de interesses entre os membros do governo Roosevelt para assumir o comando do Office. Mesmo sendo republicano, Rockefeller foi escolhido para coordenar a nova agência, pois além de ser considerado “neutro” em relação aos outros pretendentes ao cargo, Roosevelt dispensou William Clayton e Ferdinand Eberstadt, o primeiro por ser contrário ao New Deal (programa de recuperação da economia estadunidense criado após a crise de 1929) e o outro por ser considerado um banqueiro muito polêmico por Roosevelt. Cf. TOTA, 2000, op. cit., p. 43.

²³⁷ ROWLAND, Donald W. **History of Office of the Coordinator of Inter-American Affairs**. Washington: Government Printing Office, 1947, p. 280.

²³⁸ MOURA, 1984, op. cit., p. 22.

e assegurar a “posição internacional” de seu país. [...] Coordenou agências estatais e privadas norte-americanas na compra de excedentes de produção e materiais estratégicos latino-americanos; participou de outras iniciativas de caráter econômico; atacou problemas ligados à saúde pública e nutrição; e concentrou seus melhores esforços no campo da informação, desenvolvendo rapidamente uma complexa operação de influência exclusiva sobre os meios de comunicação de massa no sul do continente.²³⁹

Inicialmente, a atuação do Office não foi fácil, uma vez que Nelson Rockefeller encontrou vários obstáculos para implementar suas ações, colidindo com dois órgãos importantes responsáveis pela política externa norte-americana: o *Office of War Information* (OWI) e o Departamento de Estado. Em se tratando do primeiro, Rockefeller teve divergências com o coordenador do OWI, Bill Donovan, que além de ser responsável pela condução da propaganda norte-americana para a Europa, Ásia e África, também queria coordenar a propaganda para a América Latina. Depois de argumentar que a propaganda política norte-americana seria assunto de sua agência, Rockefeller fora favorecido pela decisão do presidente Roosevelt, que determinou que o OWI atuaria apenas em território previamente determinado.²⁴⁰ Com relação ao Departamento de Estado, logo surgiram divergências entre Rockefeller e uma figura muito influente na Casa Branca, o subsecretário Sumner Welles, que pretendia controlar os projetos da política externa norte-americana para a América Latina. Mas apesar das tensões iniciais, o subsecretário de estado cedeu a Rockefeller e concordou com a presença deste nos escalões da burocracia estatal. Além disso, os planos de Rockefeller em relação à América Latina pareceram mais viáveis ao governo americano, que acabou permitindo a coexistência do Office com o Departamento de Estado, pois ao longo da década de 40, a agência de Rockefeller dividiu com o corpo diplomático estadunidense os principais projetos para a América Latina.²⁴¹

No ano seguinte, depois de superadas as dificuldades iniciais, a agência de Rockefeller consegue estruturar-se ainda mais, passando a ter mais influência no governo Roosevelt, ocorrendo, paralelamente, o crescimento do poder e da influência de seu coordenador. Assim, no dia 30 de julho de 1941, a agência de Rockefeller – até então denominada *Coordination of Commercial and Cultural Relations Between the American Republics* – muda de nome, passando a chamar-se *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs* (OCIAA), fato que evidencia a ascensão e o crescimento da autoridade de Nelson Rockefeller: de escritório de coordenação, o órgão comandado por Rockefeller passou a ser o escritório do coordenador.²⁴² Desse modo, antes da entrada dos Estados Unidos na guerra, o governo Roosevelt mais uma

²³⁹ Ibidem.

²⁴⁰ Idem, p. 42.

²⁴¹ Idem, p. 41.

²⁴² TOTA, 2000, op. cit., p. 50.

vez reafirmava o interesse norte-americano em relação à América Latina. O documento que anunciava o novo nome do órgão coordenado por Rockefeller também explicitava as razões de sua existência: “providenciar o desenvolvimento das relações comercial e cultural entre as Repúblicas Americanas e assim aumentar a solidariedade do hemisfério e promover o espírito de cooperação entre as Américas no interesse da defesa hemisférica”.²⁴³

Além da atuação e participação nas Conferências Interamericanas, os Estados Unidos também puderam contar com a atuação do OCIAA para implementação do seu projeto de solidariedade hemisférica para a América Latina. Nesse sentido, a agência de Rockefeller foi um instrumento fundamental para alcançar este objetivo, visto que após a declaração de guerra ao Eixo, a defesa hemisférica passou a ser um fator fundamental para que os norte-americanos pudessem estabelecer a sua segurança territorial.

A atuação do Office na América Latina representa um momento significativo para as relações entre esta região e os Estados Unidos.²⁴⁴ Um número considerável de pessoas esteve envolvido nos projetos desta agência, desde as que estavam lotadas oficialmente nas suas diversas divisões em sua sede nos Estados Unidos até os funcionários de outros órgãos governamentais que colaboraram com as iniciativas da agência de Rockefeller. Além disso, houve também a criação de comitês do OCIAA nos países onde seus projetos eram implementados, formados em sua maioria por executivos norte-americanos de empresas sediadas nos países da América Latina, sendo também auxiliados por funcionários das embaixadas dos Estados Unidos e por cidadãos dos países em que o Office atuava. Além da organização central, o OCIAA também contava com comitês regionais pelas principais cidades de cada país. Toda essa estrutura permitia a Nelson Rockefeller construir uma nova forma de relacionamento com os latino-americanos, tornando possível a implementação de várias medidas para combater o totalitarismo e o antiamericanismo na região, tais como: eliminação das fórmulas burocratizadas provenientes das resoluções e determinações das reuniões pan-americanas; adoção de medidas visando tornar mais dinâmica a economia dos países latino-americanos; reformulação das relações entre as empresas norte-americanas com seus respectivos consumidores, visando à mudança da imagem destas empresas perante os latino-americanos; adoção de políticas de bem-estar social, como a promoção de políticas de saneamento básico e o envio de médicos, professores e missionários para a região.²⁴⁵

²⁴³ ROWLAND, op. cit., p. 281.

²⁴⁴ Idem, p. 43.

²⁴⁵ TOTA, 2000, op. cit., p. 46.

Um relatório feito pelo serviço de informação do Office em 1941 revelou que vários negócios norte-americanos na América Latina eram representados por alemães e/ou simpatizantes do nazismo, que usavam anúncios e a propaganda das empresas para uma prática de difusão velada de mensagens de cunho anti-americanista.²⁴⁶ Diante desses empecilhos, do alto escalão da política externa Nelson Rockefeller argumentava que o futuro dos empreendimentos norte-americanos na América Latina não dependia exclusivamente da venda de bens de consumo, mas também do *modo de vida americano*, pois de acordo com seu ponto de vista, o êxito no campo econômico dependia do estabelecimento de ações efetivas no campo ideológico.

Para tal, fazia-se necessário o emprego de todos os meios para o estabelecimento e a consolidação do modelo norte-americano, ou seja, os Estados Unidos e o seu *American Way of Life* deveria ser o paradigma a ser seguido a partir de agora. Mas para que os elementos contidos neste modelo (tais como o *liberalismo* e a *democracia*) se tornassem realidade nos países latino-americanos, seria preciso um grande esforço em conjunto, de modo que “a fórmula, ainda que inadequada aos países de formação ibero-americana, precisava ser burilada para adaptar-se, na América Latina, a cultura de raízes diferentes”.²⁴⁷ Nesse processo, Moura ressalta que:

Havia um elemento perturbador na “filosofia” do Birô, já que acentuava os valores comuns aos norte-americanos e sul-americanos, mas tinha que fazer referência à democracia (mesmo que fosse um “ideal” a ser atingido) e aos direitos individuais, num continente em que esses valores eram simplesmente ignorados. [...] Na prática, as autoridades estavam mais ou menos convencidas de que os governos autoritários eram um meio de obter estabilidade política.²⁴⁸

Os especialistas convocados para discutir e elaborar um programa que servisse como eixo norteador para o *Office* sugeriram que o órgão dirigido por Rockefeller se fixasse em temas que, por um lado, pudessem ser considerados como valores comuns à civilização norte-americana e, por outro, à civilização ibero-americana. Mas as dificuldades de encontrar valores e heranças que fossem comuns às duas civilizações levaram o *Office* a mudar de foco, fixando-se numa ideia mais abrangente e unificadora: o *pan-americanismo*. De acordo com Moura, os ideais comuns de organização republicana, a aceitação da democracia como um ideal, a defesa da liberdade e dignidade do indivíduo, a crença na solução pacífica de disputas e a adesão aos princípios de soberania nacional seriam os principais elementos imbuídos neste *pan-americanismo*, que seria concretizado pelas ações e programas de solidariedade hemisférica do

²⁴⁶ Idem, p. 54.

²⁴⁷ Ibidem.

²⁴⁸ MOURA, 1984, op. cit., p. 25.

Office. Esta filosofia pan-americanista seria importante para dar cobertura e justificar os projetos de Rockefeller, alicerçando seu campo de atuação.

Não obstante, para uma melhor compreensão do significado desses programas de cooperação, não devemos julgá-los somente pela filosofia pan-americanista que advogam, mas também por suas realidades implícitas, já que o utilitarismo e o pragmatismo também eram fatores que prevaleceriam no programa cultural e econômico do OCIAA destinado a América Latina. Desse ponto de vista, a existência de um sistema inter-americano e de uma colaboração hemisférica não dependiam unicamente da construção de uma identidade entre os regimes ou de aceitação de um ideário político comum às vinte repúblicas. Dependia também da adesão à grande potência norte-americana, tanto no aspecto político-econômico quanto no cultural.²⁴⁹

No Brasil, o Office foi dirigido por Berent Friele, tendo o apoio da Embaixada americana sediada no Rio de Janeiro. Além de contar com uma grande equipe que trabalhava para expandir a rede de contatos comerciais e culturais, havia também um Comitê de Coordenação que tinha como objetivo colaborar com a agência de Rockefeller e a Embaixada em tudo que “contribuísse para aumentar a compreensão mútua entre Brasil e Estados Unidos ou que pudesse ser útil no combate à influência do Eixo no Brasil”.²⁵⁰ Este Comitê foi composto por representantes de grandes empresas como a *General Eletrics*, *Standard Oil*, *Metro Goldwin Mayer*, *Light and Power Co.*, *The National City*, entre outras.

No entanto, conforme Lochery, a principal meta de Rockefeller era ainda mais ambiciosa, pois além de impedir que a ideologia do Eixo contaminasse o vizinho meridional dos Estados Unidos, Rockefeller pretendia tanto estabelecer no Rio de Janeiro as bases para a participação brasileira na guerra quanto mostrar para o governo norte-americano que o Brasil era um aliado confiável. Rockefeller entendia que, para alcançar essa segunda meta, ele precisava desmistificar a imagem do Brasil para o público estadunidense, buscando aumentar a credibilidade do vizinho sul-americano.²⁵¹

No âmbito cultural, o Office atuou no sentido de promover um intercâmbio entre brasileiros e norte-americanos, patrocinando turnês de astros e estrelas de Hollywood no Brasil como Orson Welles, Douglas Fairbanks, Tyrone Power, Bing Crosby, Cesar Romero e Errol

²⁴⁹Gerson Moura enfatiza que o pragmatismo e o utilitarismo contido no programa do Office não tornava o ideário pan-americanista menos relevante. Pelo contrário, este pan-americanismo seria importante como uma imagem de relações ideais, cujos componentes já vigoravam entre os norte-americanos. Assim, “os Estados Unidos seriam a encarnação dessa “filosofia” e, desse ponto de vista, constituíram um modelo de civilização para seus vizinhos. A filosofia cumpria o papel de cimento do sistema de poder que Washington estava modelando no continente”. MOURA, 1984, op. cit., p. 25.

²⁵⁰ Idem, p. 31.

²⁵¹ LOCHERY, op. cit., pp. 159-160.

Flynn, artistas que visitaram o Rio de Janeiro e outras cidades como Recife e Natal. Artistas brasileiros também iam – mesmo que em menor número – aos Estados Unidos, como Ary Barroso, que fora contratado, na ocasião, para escrever um roteiro de filme para a cantora Carmem Miranda – a pequena notável – outra estrela da música brasileira que fez sucesso nos Estados Unidos, chegando a fazer 14 filmes entre 1940 e 1953, sendo nove deles pela 20th Century Fox. Como fazia parte do conselho diretor do Museu de Arte Moderna (MoMA) em Nova York, Rockefeller incentivou a instituição para que houvesse exposições de artistas brasileiros nesse museu, patrocinando também exposições de artistas americanos no Rio de Janeiro.

Durante os primeiros meses de 1942, Nelson Rockefeller empenhou-se para aumentar o ritmo e a escala de seu programa cultural para o Brasil. Rockefeller via o êxito da visita de Walt Disney ao Rio de Janeiro no ano anterior e a boa recepção dos artistas brasileiros nos Estados Unidos como indícios de que o momento era propício para criar um projeto cultural em uma escala muito maior.²⁵²

Em outubro de 1940, a fotógrafa Genevieve Naylor chega ao Brasil, vindo também como funcionária do Departamento de Estado norte-americano e permanecendo até 1942. Em sua passagem, Genevieve Naylor fotografou tanto o litoral como o interior, revelando aos olhos dos norte-americanos um Brasil que mesclava a cultura urbana internacionalizada com a outra cultura interiorana e atávica, que provinha das profundezas do sertão. Apesar das recomendações e instruções escritas do DIP para que fotografasse determinados temas como a arquitetura moderna – principalmente os prédios governamentais – fachadas e o interior das casas de Ipanema, Gávea e Flamengo, os domingos de sol na praia de Copacabana, as corridas de cavalo no Jockey Club e os veleiros e iates na Bahia de Guanabara, Naylor foi mais além, viajando e fazendo trabalhos fotográficos também pelo interior e para outras capitais do Brasil como Belém, São Paulo, Belo Horizonte, Maceió, Aracajú e Recife. Se por um lado algumas fotografias de seu trabalho seguem as diretrizes impostas pelo Office no sentido de procurar ou de criar uma imagem ideal e dar sentido a comunidade imaginada que os EUA tentavam forjar entre as Américas, por outro lado, “o que se descobre é um conjunto de imagens que apontam para certa porosidade dos processos hegemônicos. Onde se quer a homogeneidade do típico, Naylor traz a diversidade do que é próprio a cada lugar”.²⁵³

²⁵² Idem, p. 160.

²⁵³ MAUAD, Ana Maria. O olhar engajado: fotografia contemporânea e as dimensões políticas da cultura visual. In: **Revista ArtCultura**. Uberlândia, v. 10, n. 16, p. 42, 2008.

Mas o intercâmbio não se deu unicamente na esfera cultural. A integração também deveria ser complementada na área técnico-científica através de programas de intercâmbio de professores e estudantes, como o programa de bolsa-viagem anunciado por Nelson Rockefeller em 1941 para que jovens latino-americanos pudessem ingressar nos cursos de engenharia, ciências, economia, comércio, indústria ou agricultura. Em 1942, a Divisão de Ciência e Educação solicitou uma verba de 350 mil dólares para criar um programa vocacional na América Latina, destinando mais de um terço desta quantia para financiar o envio de jovens brasileiros para os EUA para se habilitar em construção naval, siderurgia, armamentos e fabricação de aviões.²⁵⁴

Foram promovidas expedições de arqueólogos, geólogos, técnicos e cientistas renomados, como o físico norte-americano Arthur Compton, que organizou sua segunda expedição à América do Sul para realizar experiências com medição de raios cósmicos. Compton veio ao Brasil em 1941 e fez seus experimentos na cidade de São Paulo.²⁵⁵ O físico russo Gleb Wataghin, (que fundou o Departamento de Física da USP e liderou as pesquisas com raios cósmicos nesta universidade) colocou à disposição de Compton o Departamento de Física da USP, mobilizando a administração da Universidade e o governo paulista no sentido de garantir o apoio logístico para as medições dos raios feitas em balões que foram realizadas no interior do estado de São Paulo. Compton também participou de um simpósio sobre raios cósmicos realizado com o apoio do governo federal e da Academia Brasileira de Ciências no Rio de Janeiro. Se no aspecto científico a expedição de Compton pelo Brasil foi bem-sucedida, no aspecto político diplomático o êxito desta expedição teria sido ainda maior, de modo que era preciso também conquistar os corações e mentes dos intelectuais e cientistas das academias latino-americanas.²⁵⁶

Assim, a visita de Compton seria de grande importância na medida em que trazia um intelectual representante dos Aliados para a USP, pois apesar da oposição do estado de São Paulo ao Estado Novo e da predominância de um grupo de intelectuais de vertente mais liberal, a USP tinha em seu corpo docente alguns professores simpatizantes e adeptos da ideologia do

²⁵⁴ TOTA, 2000, op. cit., p. 81.

²⁵⁵ FREIRE JÚNIOR, Olival; SILVA, Indianara. Diplomacia e ciência no contexto da segunda guerra mundial: a viagem de Arthur Compton ao Brasil em 1941. In **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 34, nº 67, 2014, p. 191.

²⁵⁶ Além de atrair intelectuais para os Aliados, havia interesses mais amplos por trás do intercâmbio de técnicos e cientistas entre Brasil e EUA. Geólogos vinham para o Brasil para fazer prospecção do nosso solo e avaliar as potencialidades dos nossos recursos naturais, visto que alguns minerais como o ferro eram vitais para a indústria norte-americana. Em 1941, o Office, juntamente com o órgão que coordenava a economia de guerra nos EUA (Board, of Economic Warfare – BEW) fez um mapeamento de fontes de matérias primas consideradas vitais para a segurança dos EUA. A Amazônia brasileira foi o alvo desse grupo de especialistas que buscavam principalmente extrair a borracha das seringueiras na região. Cf. TOTA, 2000, op. cit., p. 82.

eixo, como o italiano Luigi Fantapié, professor de matemática que também fora um dos fundadores da Universidade. Ademais, a partir da expedição e colaboração científica de Compton, os físicos da USP conseguiram apoio para suas pesquisas junto ao *Office* e outras empresas norte-americanas, garantindo o fornecimento de equipamentos e matérias. Conforme Freire Júnior e Silva, “Compton se transformou no principal avalista para o financiamento continuado que a Fundação Rockfeller asseguraria ao Departamento de física da USP a partir dessa data e por muitos anos, mesmo depois de finda a Segunda Guerra”.²⁵⁷

Além dos programas de pesquisa e intercâmbios, o Office também atuava de forma sistemática através de suas diversas divisões, como a Divisão de Imprensa e Publicações – que junto com as divisões de Cinema, Rádio e de Informação e Propaganda, formava o Departamento de comunicações, que era tido como a espinha dorsal do órgão. Tendo como objetivo a difusão de informações positivas acerca dos EUA e o contra-ataque à propaganda do Eixo,²⁵⁸ promoveu-se negociações com as Agências de notícias Associated Press e a United Press para elaboração e difusão de notícias favoráveis aos EUA – assim como notícias sobre o Brasil para a imprensa norte-americana, ainda que em menor escala – enviando-se editores e jornalistas para os principais jornais brasileiros, como também alguns recursos como os aparelhos de transmissão e recepção de radiofotos. Havia também publicações de brochuras, panfletos e revistas, como as revistas *Em Guarda* e *Seleções*,²⁵⁹ que tiveram grande circulação no Brasil.

Outra seção de grande importância para o Office foi a Divisão de Cinema. Convencido da potencialidade extraordinária deste meio de comunicação social, a agência de Rockfeller elaborou um programa de grandes proporções, influenciando na escolha dos temas a serem representados acerca da América Latina e lançando filmes ficcionais e documentários para serem exibidos nos países latino-americanos. Com relação aos filmes de ficção, houve contatos e negociações com os estúdios de Hollywood no sentido de evitar a divulgação de filmes que questionassem ou detrassem a imagem das instituições norte-americanas ou expusessem

²⁵⁷ FREIRE JÚNIOR; SILVA, op. cit., p. 194.

²⁵⁸ MOURA, 1984, op. cit., p. 33.

²⁵⁹ A revista *Em Guarda* veiculava uma imagem dos EUA como sendo um baluarte da democracia nas Américas, na qual os países latino-americanos pudessem recorrer e buscar auxílio. A produção de materiais bélicos, os modelos de tanque de guerra, a eficiência do serviço de enfermagem dos americanos e as notícias de vitórias dos aliados eram os temas veiculados na revista. Em 1945, a revista alcançou uma tiragem mensal de 500 mil exemplares distribuídos pela América Latina. Já a revista *Seleções* tinha uma tiragem mundial de 5 milhões de exemplares. Lançada no Brasil em 1942, este periódico era composto de textos escolhidos e de fácil assimilação, contendo uma seleção mensal de artigos publicados em outros veículos da imprensa americana. Com anúncios de artigos que celebravam o *American Way of Life* e com uma seção dedicada aos romances simplificados e resumidos, a revista *Seleções* tornou-se um dos periódicos de maior difusão no Brasil. Cf. TOTA, 2000, op. cit., p. 60.

determinados preconceitos em relação aos latino-americanos. Nesse período, não se verifica com frequência a figura do “bandido mexicano” dos filmes de faroeste.²⁶⁰

O Office também negociou com os estúdios da Disney para que houvesse a produção de filmes com personagens e tipos que reforçasse a imagem de solidariedade pan-americana. Desse esforço nasce o personagem *Zé Carioca* do filme *Alô Amigos*, papagaio verde-amarelo que tornou-se famoso pelo apuro técnico e pela escolha perfeita do personagem em relação à sociedade que, através dele, se pretendia expressar. Em 1943 o filme estreou nos cinemas brasileiros com o título em espanhol *Saludo, amigos*, sendo posteriormente modificado para *Alô Amigos*, título mais convidativo e americanizado. Além do lucro obtido com o filme, Walt Disney colaborava com a filosofia da *Good Neighbor Policy*, difundindo assim a solidariedade continental através do cinema.²⁶¹

Na impossibilidade de nos atermos completamente ao *Office* e fazer um levantamento detalhado de todas as suas seções e divisões, este trabalho busca analisar mais pormenorizadamente a Divisão de Rádio deste órgão e sua respectiva estrutura, assim como os projetos, ações e o conteúdo da programação enviada às rádios brasileiras na época da Segunda Guerra.

4.3 O OCIAA e sua Divisão de Rádio

Antes da deflagração da Segunda Guerra, as emissoras de rádio norte-americanas não tinham pretensões de expandir suas atividades para a América Latina, de modo que não havia perspectivas de lucros expressivos com tal expansão. Assim, as estações europeias – principalmente dos países do Eixo – preenchiam o vazio deixado pelos norte-americanos, enviando suas programações e fazendo conexões com as principais emissoras latino-americanas.

Ao contrário das emissoras dos EUA, as rádios alemãs e italianas não visavam lucros imediatos em suas atividades. Diferentemente daquelas, estas emissoras eram controladas diretamente pelo governo, constituindo-se num instrumento fundamental para a propaganda política estatal, já que nos governos de Hitler e Mussolini os meios de comunicação estavam sob tutela desses líderes, que os usavam com fins político-ideológicos.

²⁶⁰ MOURA, 1984, op. cit., p. 37.

²⁶¹ TOTA, 2000, op. cit., p. 72.

Mais do que divulgar informações acerca dos seus respectivos países, as estações italianas e alemãs também difundiam para a América Latina a perspectiva do Eixo sobre outras regiões – como por exemplo os Estados Unidos – e buscava desconstruir a imagem dos Aliados diante dos ouvintes latino-americanos. De acordo com o relatório feito pela *Federal Communications Comissions* (FCC) de 1941, que levantou informações sobre as transmissões dos países do Eixo, a programação das emissoras alemãs e italianas estavam divididas de acordo com os seguintes temas: referências aos negócios norte-americanos; referências aos negócios latino-americanos; referências aos negócios europeus; referências aos negócios do Oriente Médio e do Extremo Oriente; referências às operações militares; referência ideológica.²⁶²

A Rádio Berlim foi uma das emissoras utilizadas pelos alemães na propagação do ideário nazista para a América Latina, principalmente no Brasil. Sintonizada pelos ouvintes através de suas transmissões em ondas curtas, a Rádio Berlim oferecia uma programação bem diversificada,²⁶³ com noticiários econômicos, políticos e programas musicais. Grande parte desses ouvintes fazia parte da colônia germânica que, de acordo com estimativas, no ano de 1940 contava entre 700 e 900 mil pessoas. O Rio Grande do Sul recebeu mais de 60% desse contingente de imigrantes alemães e seus descendentes, seguido de Santa Catarina com 20%.²⁶⁴

Nesse contexto, o rádio foi um elemento chave utilizado na construção do elo entre o Terceiro Reich e os súditos alemães que viviam no Brasil, auxiliando na política de incorporação de indivíduos de origem ariana radicados no estrangeiro – a *Deutscheraum* – e convencendo-os a se tornarem agentes da nova política de expansão mundial do nazismo, política esta que fora proposta por Hitler ao ser nomeado como chanceler em 1933.

No caso de Porto Alegre, além da Rádio Berlim²⁶⁵, os ouvintes desta capital sintonizavam em ondas curtas a programação da estação DJA da *Transmissora Nacional*

²⁶² SOUSA, op. cit., p. 58.

²⁶³ Em 1939 a programação da Rádio Berlim era a seguinte: ao meio dia ia ao ar o *Concerto Recreativo*; às 22h50 o programa *Saudações aos Nossos ouvintes*; à meia noite e meia, *Helma Panke Canta Canções Alemãs*; logo a seguir, *Concerto Brasileiro de Orquestra*, sob a direção do maestro Spartaco Rossi, com peças de Nepomuceno, Mignone e Carlos Gomes, que eram interpretadas pela solista Christina Maristany. Cf. TOTA, 2000, op. cit., p. 74.

²⁶⁴ Esses dois estados do extremo sul do Brasil acolheram três quartos do conjunto da colônia alemã, que também estava distribuída pelos estados do Paraná, São Paulo, Espírito Santo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Cf. SEITENFUS, op. cit., p. 12.

²⁶⁵ Havia gaúchos que se revezavam ao microfone da Rádio Berlim, como Karl Heinrich Hunsche, que também era coordenador da programação da emissora. Para disfarçar a ascendência germânica e dar um certo ar de proximidade e familiaridade às irradiações, estes alemães utilizavam pseudônimos. Hunsche adotava o nome de Sabastião Sampaio da Silva. Cf. FERRARETO, Luiz Artur. Porto Alegre: a Segunda Guerra é aqui (não só) pelas ondas do rádio. In: GOLIN, Cida; ABREU, João Batista de (Orgs.). **Batalha Sonora**: o rádio e a Segunda Guerra Mundial. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006, p.88.

Alemã, outra importante emissora que fora utilizada pelo governo com a ascensão do partido nazista ao poder na Alemanha. A programação em português, espanhol e alemão, composta de músicas eruditas e notícias que destacavam a pujança do Terceiro e Reich e do povo alemão foi amplamente divulgada pelo Consulado alemão em Porto Alegre, aparecendo também quase que diariamente nos principais jornais da capital gaúcha.²⁶⁶ Mensagens especiais de Adolf Hitler também foram transmitidas por emissoras gaúchas, como a que foi ao ar no dia 27 de outubro de 1937 em comemoração ao segundo aniversário da PRF-9, a Rádio Difusora Porto-Alegrense. Desde a sua fundação, esta emissora irradiava a *Hora Alemã de Porto Alegre*, programa mantido com o patrocínio de diversas empresas de proprietários da colônia alemã na região.²⁶⁷

Outro país que tentou fazer uso político-ideológico do rádio e realizar irradiações para seus súditos no Brasil durante a Segunda Guerra foi a Itália, que através do *Ente Italiano per Le Audizione Radiofoniche* – órgão criado em 1942 que detinha o controle exclusivo das concessões de rádio na Itália – enviou uma programação para as emissoras brasileiras com objetivo de alcançar as comunidades de imigrantes italianos.²⁶⁸ O *Hora Italiana* foi o principal programa irradiado para emissoras como a Rádio Cultura de São Paulo, Rádio Inconfidência de Belo Horizonte, Rádio Vera Cruz no Rio de Janeiro e a Rádio Gaúcha de Porto Alegre,²⁶⁹ transmitindo-se também de discursos de Mussolini. Havia também outro programa denominado *Voce d'Italia*, emissão feita pela Rádio Sociedade Gaúcha e que era dedicada à colônia italiana residente no Rio Grande do Sul, onde havia 295.995 imigrantes ou descendentes de origem italiana que falavam o idioma italiano com língua principal em seus lares.²⁷⁰

Porém, a falta de recursos para um investimento maciço na radiodifusão foi um obstáculo à inclusão de programas nas emissoras brasileiras e também a qualidade das transmissões em ondas curtas, pois mesmo com os esforços, o governo italiano não teve êxito ao tentar atingir os brasileiros e os imigrantes italianos com sua propaganda.²⁷¹

Diante deste conflito político-ideológico que se deu no *front* sonoro das ondas do rádio, onde as emissoras do Eixo ganhavam cada vez mais espaço no *dial* brasileiro, os Aliados tiveram que tomar providências no sentido de contra-atacar a propaganda irradiada pelos países

²⁶⁶ Em 25 de julho de 1935 a DJA dedicou uma hora aos festejos do Dia do Colono, data comemorativa que era celebrada principalmente nos vales do Rio dos Sinos e Rio Pardo, regiões do Rio Grande do Sul com grande presença germânica. Cf. FERRARETO, 2006, op. cit., p. 84.

²⁶⁷ Ibidem.

²⁶⁸ ESQUENAZI, Rosamary. **O rádio na Segunda Guerra**: no ar, Francis Hallawell, o Chico da BBC. Florianópolis: Insular, 2014, p. 28.

²⁶⁹ Cf. BERTONHA, João Fábio. **Sob o signo do fascio**: o fascismo, os imigrantes italianos e o Brasil, 1919-1945. Tese doutorado, UNICAMP, 1998.

²⁷⁰ Cf. SEITENFUS, op. cit., p. 40.

²⁷¹ SEITENFUS, op. cit., p. 92.

do eixo nas ondas do rádio, principalmente em relação aos países latino-americanos como o Brasil.

Os Estados Unidos entraram de forma tardia na guerra radiofônica contra o Eixo. Às vésperas da Segunda Guerra Mundial, as emissoras norte-americanas se enquadravam no regime de livre iniciativa e eram independentes, fazendo uma radiodifusão com objetivos comerciais, dificultando assim a obtenção de um consenso por parte do governo norte-americano para que estas emissoras atuassem no *front* sonoro frente às emissoras do Eixo.

Apesar da década de 30 ser considerada como a época de ouro do rádio americano, onde 22 milhões de domicílios possuíam ao menos um aparelho receptor a válvulas,²⁷² o número de emissoras que operavam nos Estados Unidos não apresentou crescimento significativo em relação ao início da década – eram pouco mais de 600 em todo o território. A transmissão em ondas curtas ainda não era prioridade para as emissoras americanas, havendo resistência por parte das mesmas em relação a este tipo de frequência.²⁷³ No início da década de 30, este tipo de transmissão nos EUA era visto como uma atividade radiofônica de caráter meramente experimental, havendo também a proibição da publicidade nestas emissoras. As principais estações em ondas curtas pertenciam às grandes redes do setor de comunicações, como a CBS e a NBC, que realizaram as primeiras transmissões em ondas curtas visando à possibilidade de fazer novos investimentos no setor de radiodifusão nos EUA.²⁷⁴

Nesta fase, devido às dificuldades técnicas de transmissão, as irradiações em ondas curtas nos EUA ocorriam de forma desigual e intermitente. A emissão desse tipo de onda para o exterior também não era tão desenvolvida, pois dependia de cerca de dez transmissores de baixa potência operados comercialmente.²⁷⁵ Durante toda a década de 30, a única transmissão norte-americana de rádio para o exterior foi o *Boletim de Rádio*, (de março de 1935) que eram transmissões feitas em Código Morse e enviadas pelo Departamento de Estado, sendo enviadas para as embaixadas norte-americanas no exterior.²⁷⁶ As irradiações para a América Latina também não obtiveram êxito nesse período, pois devido ao desconhecimento das características específicas do público ouvinte dos países latino-americanos, as emissoras norte-americanas enfrentaram vários obstáculos para montar uma programação mais direcionada para a região.²⁷⁷

²⁷² MOREIRA, Sônia Virginia. O rádio nos anos 30 nos EUA: o entorno de *A Guerra dos Mundos*. In: MEDITSCH, 1998, op. cit., p. 99.

²⁷³ SOUSA, op. cit., p. 55.

²⁷⁴ Idem, pp. 53-54.

²⁷⁵ MOREIRA, Sônia Virginia. A voz da América no *front*: o serviço de radiodifusão oficial dos Estados Unidos. In: GOLIN; ABREU, op. cit., p. 36.

²⁷⁶ MOREIRA, Sônia Virginia. A voz da América no *front*: o serviço de radiodifusão oficial dos Estados Unidos. In: GOLIN; ABREU, op. cit., p. 36.

²⁷⁷ SOUSA, op. cit., p. 54.

Havia vários desafios a serem enfrentados pela Divisão de Rádio do OCIAA na América Latina para que o projeto de americanização pelas ondas do rádio fosse posto em prática. Poucas emissoras norte-americanas transmitiam sua programação para os países latino-americanos, pois somente 12 estações de ondas curtas irradiavam programas para a América Latina.²⁷⁸ Além da quantidade ínfima de emissoras, a potência destas estações era considerada baixa em relação às do Eixo, variando de 10 a 65 KW. Os aparelhos de rádio comercializados nos países latino-americanos sintonizavam em sua maioria a frequência de ondas médias, eliminando-se a possibilidade de se ouvir os programas das emissoras norte-americanas irradiadas em ondas curtas. Os poucos aparelhos que sintonizavam as *short waves* não tinham uma recepção de qualidade da programação enviada pelas emissoras estadunidenses. Some-se a isto o fato de os ouvintes latino-americanos darem preferência as suas próprias emissoras em detrimento das estrangeiras.²⁷⁹

Nesse contexto, o governo Roosevelt começa a avaliar a possibilidade de combater o eixo através das ondas do rádio, concebendo este meio como um instrumento importante na propagação de sua política de Boa Vizinhaça para a América Latina. Por esses motivos, após ser encaminhada proposta ao Congresso, o governo americano cria uma emissora estatal denominada *A Voz da América*, que tinha como atribuições a produção e a transmissão de programas radiofônicos para o exterior. Em seus estúdios inicialmente localizados em Nova Iorque, a emissora foi equipada com uma infraestrutura considerável, o que possibilitou a estação produzir uma programação internacional composta de programas em vários idiomas, especializada em boletim de informações e programas exclusivos de notícias do *front* na Segunda Guerra Mundial.

Todavia, o papel desta emissora por si só não era suficiente diante da atuação da radiodifusão alemã, principalmente em relação à América Latina. Era preciso buscar o apoio e a colaboração das emissoras privadas norte-americanas contra a propaganda do Eixo irradiada nas ondas do rádio. Apesar dos frequentes contatos entre o governo estadunidense e os representantes das principais cadeias de rádio norte-americanas, num primeiro momento estas emissoras atuaram de forma desvinculada do controle estatal. Mas a partir da criação do *Office* em agosto de 1940 este cenário sofre modificações.

²⁷⁸ Em relatório enviado por Dom Francisco a Nelson Rockefeller em abril de 1941, além do número ínfimo de estações que transmitiam para a América Latina, havia poucas horas de programação diária. De um total de 72 horas por dia, 36 eram em inglês, 23 em espanhol e sete horas e meia em português. SOUSA, op. cit., p. 55.

²⁷⁹ Idem, p. 59.

A Divisão de Rádio do birô interamericano,²⁸⁰ chefiada por Dom Francisco, ficaria a partir de agora responsável pela coordenação e produção dos programas de rádio que seriam encomendados às emissoras para serem irradiados para a América Latina. Nelson Rockefeller dava atenção especial a esta divisão do Office, pois ele via no rádio um grande meio de comunicação e propaganda com um potencial considerável a ser explorado. Ele acreditava – e com razão – que o rádio poderia alcançar um público bem mais amplo do que os outros meios de comunicação da época, atingindo todas as classes sociais.²⁸¹ Assim, Rockefeller incumbiu Dom Francisco de realizar uma viagem pela América Latina com objetivo de avaliar as condições para implantação de um programa de radiodifusão que abarcasse toda a região. Rockefeller também chegou a sugerir que fosse feita a distribuição de aparelhos de rádio a preços acessíveis por toda a América Latina. Contudo, problemas técnicos e de distribuição teriam impedido a concretização de seu plano faraônico. Não podendo interferir e acelerar a fabricação de aparelhos de rádio para obter uma produção em larga escala, Nelson Rockefeller concentrou esforços no sentido de tornar mais eficiente a transmissão da programação das cadeias de rádio norte-americanas para a América Latina, conseguindo a cooperação das grandes emissoras que acabaram reduzindo o preço de seus serviços de transmissão para os países sul-americanos em até 50%.²⁸²

Valendo-se de sua posição privilegiada, Nelson Rockefeller conseguiu estabelecer negociações com os principais grupos de comunicação norte-americanos, fazendo com que estas empresas servissem aos interesses maiores do governo no combate as ideologias contrárias ao liberalismo difundido pelos EUA. A *National Broadcasting Company* (NBC), que tinha suas instalações centrais no próprio Rockefeller Center (fator importante e que facilitava consideravelmente as negociações com o Office) foi uma das grandes empresas de comunicação que colaborou com Nelson Rockefeller. Outro grande grupo de comunicação que Rockefeller conseguiu garantir o apoio foi a CBS, sendo a primeira empresa a ampliar o setor radiofônico para colaboração com a Política da Boa Vizinhança.²⁸³

Todavia, a relação de Rockefeller com os magnatas da radiodifusão norte-americana não foi totalmente harmoniosa. Houve também momentos de tensão e divergência entre o Office e as emissoras. De acordo com Tota:

²⁸⁰ No ano de 1944 havia 125 pessoas trabalhando nesta divisão, onde cerca de 35 estavam alocadas em Washington e os demais em Nova York. Também havia funcionários em São Francisco e Hollywood, além dos que trabalhavam nos comitês regionais nos países onde o Office atuava. Cf. ROWLAND, op. cit., p. 57.

²⁸¹ TOTA, 2000, op. cit., p. 74.

²⁸² Idem, p. 75.

²⁸³ TOTA, 2000, op. cit., p. 75.

A relação entre as empresas e o Office não foi isenta de atritos. Havia o temor da interferência do Estado, cerceando a liberdade de informar. Se o Office atuava diretamente na produção da programação a ser enviada à América Latina, o mesmo não se dava com o trabalho a ser desenvolvido nos próprios Estados Unidos. Para não colidir com os princípios do liberalismo, Rockefeller era obrigado a, no máximo, fazer sugestões dos temas a serem irradiados. As empresas comerciais se encarregavam de elaborar a programação.²⁸⁴

Vale lembrar que a radiodifusão dos Estados Unidos não perdeu seu caráter privado, uma vez que a função da Divisão de Rádio do Office era, em primeiro lugar, criar condições para o fortalecimento das emissoras de ondas curtas, ou seja, ampliar a potência dos transmissores e suprir as estações de rádio com informações acerca da recepção dos programas e a características do público ouvinte latino-americano.²⁸⁵

Para preencher estas lacunas, foram tomadas medidas no sentido de aperfeiçoar a qualidade das irradiações a fim de tornar a recepção mais nítida das emissoras norte-americanas nos diversos países da América Latina, construindo-se transmissores novos e mais potentes. Para superar a programação do eixo criada a partir da compra de horários nas rádios brasileiras, várias emissoras dos EUA também passaram a ter estações latino-americanas como afiliadas.²⁸⁶

A primeira forma de programação aprovada para ser enviada às rádios latino-americanas foi o rádio-jornal, criando-se em abril de 1941 um projeto de transmissão diária de um jornal falado para todos os países da América Latina, projeto este que recebeu uma verba inicial de 50 mil dólares.²⁸⁷ Para que as edições desse jornal fossem ao ar, foram feitas parcerias com a CBS e as empresas *American Telephone & Telegraph* (AT&T) e com a *International Telephone & Telegraph* (IT&T), empresa que distribuía o programa para as estações locais. Alguns locutores funcionários brasileiros do alto escalão do DIP foram admitidos e cedidos para as emissoras americanas, como por exemplo Luís Jatobá, Júlio Barata e Raimundo Magalhães.

Além desses programas, havia programas de variedades como o *Magazine no Ar*, com participação de estrelas de Hollywood, orquestras militares e artistas célebres. Havia também programas que exaltavam as potencialidades materiais e morais dos americanos diante do

²⁸⁴ Idem, p. 78.

²⁸⁵ SOUSA, op. cit., 57.

²⁸⁶ De acordo com Fred Fejes, “no final de 1941, a NBC possuía 117 estações em sua rede; a CBS, 76; e a Crosley, 24. Das aproximadamente 700 estações de rádio na América Latina em 1941, aproximadamente um terço eram afiliadas com redes de ondas curtas dos Estados Unidos”. FEJES, Fred. **Imperialism, media, and Good Neighbor: new deal foreign policy and United States shortwave broadcasting to Latin America**. New Jersey: Ablex, 1986, p. 129.

²⁸⁷ TOTA, 2000, op. cit., p. 76.

Eixo,²⁸⁸ como *As Nações Unidas Falam, Estamos em Guerra* ou *As Américas em Guerra, A Marcha do Tempo e Acredite se Quiser*.

No programa *As Américas em Guerra*, podia-se ouvir os “apitos das fábricas empenhadas no esforço de guerra, em todas as cidades dos Estados Unidos”, convocando para o trabalho “milhões de mulheres, pois sem sua valiosa cooperação, de milhões delas, em nossas frentes de produção e de combate, não poderíamos ganhar esta guerra”.²⁸⁹ O dinamismo das fábricas era representado através da sonoplastia, onde ouvia-se apitos chamando os trabalhadores para operar ruidosas máquinas. O programa tinha como objetivo envolver o ouvinte através da representação do esforço de guerra, despertando admiração pela solidariedade do povo, em especial das mulheres, que assumiam um papel importante na sociedade americana. Este programa era transmitido de Nova York através das ondas curtas das principais emissoras norte-americanas e retransmitido via DIP pelas rádios brasileiras.²⁹⁰

Já a CBS lançou o programa *Rádio-Escola das Américas*, que fora irradiado para vinte países. Autoproclamando-se “a maior instituição educativa do mundo”, este programa tinha como objetivo a utilização do rádio para propagar a cultura e a história das nações americanas, tendo duração de cinco minutos e caracterizando-se inicialmente como um serviço de informações internacionais de guerra.²⁹¹

Dentre as principais emissoras brasileiras que recebiam parte desta programação estavam as rádios Cruzeiro do Sul, Mayrink Veiga e Tupi do Rio de Janeiro; em São Paulo, as rádios Record, a Cruzeiro do Sul, a Cosmos, a Cultura e a Tupi; em Porto Alegre, a Rádio Farroupilha. E em Recife, a Rádio Clube de Pernambuco, que na época da Segunda Guerra, já era a principal emissora do Nordeste brasileiro em termos de radiodifusão

4.4 O conflito Eixo versus Aliados e o processo de americanização na PRA8

Com a entrada efetiva do Brasil na Segunda Guerra ao lado dos Aliados, a programação da Rádio Clube de Pernambuco sofre algumas alterações. Através da análise das

²⁸⁸ TOTA, 2000, op. cit. p. 77.

²⁸⁹ Acredite se quiser: as mulheres na guerra, Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, Acervo Sonoro da Agência Nacional, Divisão de Documentação Audiovisual. General Sound Corporation, Nova York, 1943, fita cassete LA 255-430, 15 min, programa nº 13, FC 51. APUD TOTA, 2000, op. cit., p. 145.

²⁹⁰ Ibidem.

²⁹¹ Este programa era acompanhado de manual com diversos assuntos para ser debatido com os alunos em sala de aula. Cf. ESQUENAZI, op. cit., p. 59.

fontes e da grade de programação, podemos constatar que houve modificações no tocante a orientação seguida pela emissora no desenrolar do conflito, eliminando-se da programação da PRA8 os programas relacionados ao eixo. Antes de o Brasil abandonar sua posição de neutralidade diante do conflito mundial, houve a retirada de alguns programas que tinham ligação com elementos do eixo na programação da PRA8, como o Jornal da *Transocean*,²⁹² que era irradiado de segunda a sexta às dezenove horas e quinze minutos, sendo retirado da grade de programação em maio de 1941. Por se tratar de uma empresa que era tida como foco de espionagem alemã no Brasil e que distribuía gratuitamente propaganda nazista para todos os jornais que se interessassem, a Transocean foi fechada em 1942 pelo governo brasileiro.²⁹³ No caso da Rádio Clube, o boletim da *Transocean* parece ter saído da programação por suspeitas de propaganda nazista e contribuição com a espionagem do eixo em Pernambuco. Apesar de não encontrarmos nenhum documento expedido pelo DIP ou pelo DEIP-PE determinando a retirada do referido boletim da programação, um relatório de 29 de maio de 1941 entregue ao delegado do DOPS-PE alerta para a ineficácia da proibição por parte do governo em relação à distribuição de correspondências entre os súditos do eixo distribuídas pelo Consulado Alemão no Recife, visto que:

A repressão à distribuição dos comunicados, em nada tinha afetado a propaganda alemã, pois outro meio mais eficiente estava posto em prática. Assim, procurando localizar aonde estava este outro meio, verifiquei que ele em parte está no Rádio Club, que as 19-15 transmite “Telegramas da Agência Transocean” (exatamente o boletim inteiro distribuído pelo Consulado Alemão). Ontem, àquela hora eu conferi o boletim pelo referido programa, sendo verificado totalmente o paralelo. Naturalmente o Consulado está financiando a propaganda no Rádio Club.²⁹⁴

Em contrapartida, houve o acréscimo de outro importante boletim de notícias à grade da PRA-8 no ano seguinte: o *Repórter Esso*, que estreou na programação da emissora no dia 19 de julho de 1942, podendo ser definido como uma síntese noticiosa, sendo irradiado na PRA-8 de segunda a sábado quatro vezes por dia, indo ao ar também aos domingos.²⁹⁵ De 1941 até 1968, o *Repórter Esso* constitui-se no principal noticiário radiofônico brasileiro. Durante a

²⁹² Na Enciclopédia alemã *Brockhaus*, de 1934, encontra-se um verbete acerca da *Transocean*, afirmando se tratar de uma Agência de notícias alemã fundada em 1914, dirigindo-se exclusivamente ao exterior, principalmente ao além-mar. Os serviços desta companhia eram transmitidos por telegrafia sem fio, por ondas curtas de diferentes comprimentos a partir da estação de rádio de Nauen. A Transocean fornecia diariamente uma série de serviços em inglês, francês, espanhol e alemão, contando também com um serviço de artigos e fotos. Havia também um serviço especial para os navios alemães em alto mar. APUD FRANZOLIN, João Artur Ciciliato. **Uma aposta arriscada: o Jornal Meio Dia e o nazismo**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013, p. 39.

²⁹³ Ibidem.

²⁹⁴ APEJE, DOPS-PE, Consulado Alemão, Prontuário Funcional nº 29444.

²⁹⁵ De segunda a sexta as edições eram de 9h30min, 12h 55 min, 19h55min e 22h55min. Já aos domingos o programa era irradiado às 12h55min e 22h.30min.

Segunda Guerra, este noticioso obteve elevados índices de audiência e de credibilidade, consolidando também a sua hegemonia. Conforme Klöckner, o *Repórter Esso*:

Era uma cópia da síntese noticiosa, transmitida nos Estados Unidos desde 1935, com notícias da United Press. Antes de estrear no Brasil, o noticiário ia ao ar, regularmente, em dezenas de emissoras das principais cidades das Américas do Norte e Latina, entre elas Nova Iorque, Havana, Lima, Santiago do Chile e Buenos Aires. Nos Estados Unidos, em 10 de junho de 1942, registrou-se a edição 200 mil. Emissoras de 15 países do continente americano irradiaram o Repórter Esso em 60 estações, construindo a mais ampla rede radiofônica global, utilizada por qualquer empresa em programa permanente e exclusivo. O noticiário esteve presente nos Estados Unidos, Argentina, Brasil, Costa Rica, Cuba, Honduras, Nicarágua, Panamá, República Dominicana, Porto Rico, Venezuela, Colômbia, Peru, Chile e Uruguai.²⁹⁶

O *Repórter Esso* era patrocinado pela *Standard Oil of New Jersey*, produzido pela agência de notícias *United Press* e supervisionado pela agência norte-americana de publicidade *McCann-Erickson Corporation*, todas estas empresas norte-americanas. A *McCann-Erickson* chegou ao Brasil em 1935, sendo dirigida por Armando Moraes de Sarmiento, que foi o primeiro brasileiro a dirigir uma agência de publicidade estadunidense.²⁹⁷ Outro personagem importante na trajetória desta agência foi o jornalista Emil Farhat, que na época já era um jornalista reconhecido, tornando-se presidente da *McCann-Erickson*. Sobre o noticioso, Farhat afirma que:

Aconteceu uma coincidência curiosa: essa agência, na ocasião, estava às voltas com o plano de lançamento de um programa noticioso, que viria a chamar-se Repórter Esso e foi aí então que o noviço de propaganda ofereceu, entre outras sugestões de slogans e textos de anúncios, um que se tornaria a bandeira daquele noticioso: o primeiro a dar as últimas.²⁹⁸

Este boletim informativo também alterou substancialmente o modo como os ouvintes se informavam acerca da Segunda Guerra, passando a contar com um noticioso pontual, conciso, claro e objetivo em seu conteúdo, aparentando parcialidade. As notícias do *Repórter Esso* eram repletas de adjetivos, ora desqualificando e atribuindo caráter negativo aos elementos do Eixo, ora valorizando o feito das tropas aliadas (inclusive da Força Expedicionária Brasileira) e a política de Boa Vizinhança, preconizando também a união definitiva das

²⁹⁶ KLÖCKNER, Luciano. **O repórter Esso**: a síntese radiofônica mundial que fez história. Porto Alegre: EDIPUC, 2008. p. 35.

²⁹⁷ ORTRIWANO, Gisela Swetlana. Radiojornalismo no Brasil: fragmentos de História. In **Revista USP**. São Paulo, nº 56, p. 72, dezembro/fevereiro 2002-2003.

²⁹⁸ RAMOS, Ricardo. **Do Redame à comunicação**: pequena história da propaganda no Brasil. São Paulo: Atual, 1987, p. 59. APUD ORTRIWANO, op. cit., p. 72.

Américas contra os agressores mundiais. Também foi conferido um certo tom de mistério ao poder de destruição provocado pelas bombas lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki.²⁹⁹

Além da associação de um nome de um determinado produto comercial a um programa de rádio, o *Repórter Esso* trouxe consigo alguns aspectos que denotam a influência norte-americana na forma de fazer rádio, como a utilização da palavra “alô”, que é uma versão aportuguesada da palavra inglesa “hello”, “que era comum nas aberturas de transmissões oriundas dos Estados Unidos e que, captadas em terras do Brasil, levaram à assimilação desta interjeição pelos primeiros radialistas tupiniquins”.³⁰⁰

Ainda com relação à programação da PRA8, podemos verificar também neste período o acréscimo do número de programas dedicados à cobertura da Segunda Guerra em detrimento de programas jornalísticos locais e programas musicais em sua grade de horário. Conforme o telegrama enviado ao DEIP em 31 de maio de 1943, por determinação do DIP, a PRA8 foi incumbida de incluir em sua programação:

Um programa cívico informativo, cuja duração mínima será de 15 minutos. Deverão ser escolhidas músicas patrióticas ou marchas militares brasileiras para abertura e encerramento dessa irradiação. A parte falada constará de informações relativas às vitórias das forças armadas brasileiras bem como de suas atividades no ar, em terra e no mar. Os comentários do esforço de guerra nacional abordarão o nosso fornecimento de material estratégico às “nações unidas”, a marcha das batalhas da borracha e da produção, os surtos de industrialização militar, os trabalhos da Legião Brasileira de Assistência, as campanhas em favor da aviação civil e, muito destacadamente, a propaganda para a aquisição voluntária do bônus de guerra. O esforço de guerra estadual deve ser incluído no quadro desse programa. A presença de música selecionada, não ultrapassando a terça parte do tempo reservado ao programa, é indispensável para tornar mais agradável a recepção pelos ouvintes.³⁰¹

Em atendimento às determinações do DIP, a Rádio Clube criou dois programas de caráter cívico e informativo: *Alô, América, O momento da pátria, Programa de Boa Vizinhança e Fora do Eixo*.

Além dos programas locais, foram acrescentados à programação da Rádio Clube de Pernambuco os programas produzidos nos EUA pela Divisão de Rádio do OCIAA: *A marcha da guerra, Boa Vizinhança, Espírito de Vitória e A Marcha do Tempo*.³⁰² Estes programas eram fornecidos ao DIP, que por sua vez, transmitia esta programação em português através de irradiações feitas por sua estação para a PRA8, enviando também cópias destes programas para

²⁹⁹ KLÖCKNER, op. cit., p. 142.

³⁰⁰ FERRARETO, 2010, op. cit., p. 92.

³⁰¹ APEJE, FUNDOS DIVERSOS, Prontuário Funcional nº 142. Departamento Estadual de Propaganda. (DEIP).

³⁰² Ofício enviado pelo DIP ao DEIP-PE em 18 de setembro de 1944. APEJE, Fundos Diversos, Interventoria, Fundo nº 5.

a emissora pernambucana. No programa *Espírito de Vitória* os ouvintes eram informados acerca do papel da resistência em países dominados pelos nazistas. Já no programa *A Marcha do Tempo*, era possível manter-se informado sobre “as escolas para tripulantes de submarinos, a produção de alimentos em tempos de guerra, a situação dos católicos na Alemanha, a guerra no deserto, o trabalho das enfermeiras americanas e as vitórias dos aliados no pacífico”.³⁰³

A programação radiofônica do OCIAA enviada ao Brasil esteve em consonância com os objetivos gerais da Divisão de Informação do *Office*, ou seja, conquistar o apoio psicológico dos latino-americanos para a causa dos aliados através das ondas do rádio. Com esta programação recebida dos EUA, a Rádio Clube de Pernambuco passou a ser alvo do processo de americanização promovida pelo OCIAA. Esta programação radiofônica divulgava uma imagem dos Estados Unidos como sendo uma grande potência econômica e bélica associada aos valores da civilização norte-americana, como o pioneirismo, a fortaleza, inventividade, competitividade, tolerância e liberdade, em oposição à intolerância racial, religiosa e o caráter antidemocrático da ideologia propagada pelo eixo.

Para Tota, o americanismo propagado pelo rádio – assim como o cinema e as outras mídias - seria extremamente útil e eficaz no sentido de suplantar outros *ismos*, ou seja, paradigmas estrangeiros como o germanismo ou qualquer outro padrão nacional pautado no nacionalismo que viesse a se contrapor ao *American Way of Life* na sociedade brasileira. Um dos principais elementos deste americanismo foi a democracia, que era associada aos heróis norte-americanos e as ideias de liberdade, de direitos individuais e de independência. Outro elemento importante apontado por Tota foi o progressivismo,³⁰⁴ associado ao racionalismo, à ideia de um mundo de abundância e também à capacidade criativa do homem americano. Além destes valores, os programas radiofônicos produzidos pelos EUA também foram importantes na medida em que divulgava o esforço de guerra norte-americano, suas potencialidades e o poder de mobilização dos Aliados:

Se o americanismo baseava-se na ideia geral de progresso técnico e material, a guerra oferecia a oportunidade de evidenciar a potencialidade da indústria dos Estados Unidos. O que se queria mostrar para os latino-americanos é que só ela poderia derrotar o Eixo. Não foi difícil para os funcionários do OCIAA, trabalhando nos estúdios radiofônicos de Nova York, “fabricar” um grande número de programas com essa ideia.³⁰⁵

³⁰³ TOTA, 2000, op. cit., p. 150.

³⁰⁴ De acordo com Tota, o termo não pode ser literalmente traduzido para o português. Por seu caráter simples, direto e pragmático (trabalhar, produzir, ganhar dinheiro e consumir) este elemento seria importante para o utilitarismo difundido pelo *American Way of Life*. TOTA, 2000, op. cit., p. 21.

³⁰⁵ TOTA, 2000, op. cit., p. 145.

Estes programas também podem ser interpretados como armas eficientes que foram utilizadas contra o Eixo em outro campo que era de extrema importância para os Aliados no conflito mundial: a guerra psicológica, que de acordo com Joseph Errow Brant, “consiste essencialmente no manejo da palavra falada e escrita, com o propósito de abalar o moral do inimigo e abreviar as operações bélicas”.³⁰⁶ Como a guerra no território latino-americano não era somente feita no aspecto campo econômico, mas também no psicológico, desse modo, os meios de comunicação eram tidos pelos norte-americanos como instrumentos fundamentais na luta contra o Eixo, principalmente no éter, que de certa forma, tornou-se um espaço cada vez mais disputado pela radiodifusão do Eixo e dos Aliados. Dessa forma, buscava-se combater a propaganda do Eixo e seu regime de verdades, abalando-se a moral e as esperanças dos alemães e italianos que viviam no Brasil e, ao mesmo tempo, exaltar e promover a imagem dos aliados e seus respectivos valores.

Os programas radiofônicos enviados a Rádio Clube, juntamente com as revistas *Seleções* e *Newsweek* que já circulavam com frequência no Recife, os filmes do cinema hollywoodiano que já eram exibidos com frequência nos cinemas recifenses e a visita de atores americanos como Orson Welles³⁰⁷ foram elementos fundamentais que contribuíram com a propagação do americanismo no Recife na época da Segunda Guerra, trazendo o *American Way of Life* como paradigma a ser difundido, contrapondo-se aos valores do Eixo.

Outrossim, as ideias de progresso, dinamismo, consumo e liberdade também foram sistematicamente propagadas e difundidas para a população através da atuação do Escritório da Coordenação Americana, órgão que constituía-se como uma ramificação do OCIAA no Recife

³⁰⁶ BRANT, Joseph E. **Segredos da guerra psicológica**: reminiscências da Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Difusora Cultural, 1967, p. 9.

³⁰⁷ Conforme o Diário de Pernambuco, o ator e cineasta norte-americano Orson Welles era esperado na capital pernambucana em 28 de fevereiro de 1942, onde ficaria hospedado no Grande Hotel para seguir viagem no dia seguinte para Fortaleza a fim de filmar a vida dos jangadeiros nordestinos. Contudo, sua vinda não se confirmou. A edição do dia seguinte do jornal noticiou que “Ao contrário do que era esperado, Orson Welles não chegou ontem, ao Recife. [...] Não se sabe ao certo a data do embarque do Orson Welles para o Ceará, nem se cogita ainda da filmagem do nordeste”. Welles passaria pelo Recife somente no dia 6 de março de 1942, desembarcando na capital pernambucana às 15 horas. Welles e sua comitiva foram recebidos por José Maria Carneiro de Albuquerque (secretário da Interventoria) Souza Barros (diretor do Departamento de Propaganda e Turismo Municipal e demais representantes da imprensa. Após a recepção, Welles foi mais além dos encontros formais, dirigindo-se para a praia de Boa Viagem acompanhado do secretário de Interventoria, locomovendo-se depois para a praia do Pina “onde assistiu com interesse ao regresso de várias jangadas. Deixou o automóvel para ver de perto os jangadeiros recolher as embarcações, o processo de tirar as jangadas do mar sobre rolos de coqueiros e vagorosamente ‘descansá-la’. Esse modo de guardar a jangada chamou a sua atenção e foi justamente por isso que esteve quase meia hora a olhar os jangadeiros. Não se descuidou de falar-lhes, indagando de sua tarefa naquele dia, se foram felizes na pesca, etc.” Depois de partir para o Ceará, Welles ainda incumbiu seu cinegrafista, Edwin Pyle, de registrar algumas cenas da capital pernambucana que, possivelmente, seriam incluídas no seu filme sobre o Brasil. DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 28/02/1942 e 08/03/1942 pp. 3-10. Disponível: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_12&pasta=ano%201944&pesq=orson%20welles. Acesso em 07 de julho de 2017.

e que situava-se no quarto andar do Edifício Jornal do Comércio, também foi importante na propagação do modo de vida americano para os recifenses, atuando através da distribuição de filmes e livros de autores norte-americanos para a capital pernambucana. Em ofício enviado ao chefe do DEIP-PE, Nilo Pereira, o representante do Escritório da Coordenação Americana do Recife, Evandro Leite, pede retorno acerca de uma biografia do então Secretário de Estado dos EUA, Cordel Hull:

Estamos enviando em separado pelo correio para V.S. um exemplar do livreto intitulado Cordel Hull, o Homem das Américas, publicado pelo Coordenador de Assuntos Inter-Americanos. O escritório da Coordenação Americana no Recife tem feito distribuição de inúmeros livros, folhetos e material impresso. Agora, porém, iniciamos uma nova fase. Queremos que por gentileza de V.S. nos seja acusada a recepção e, é certo, com algumas palavras de crítica sobre a obra. Isso, cremos, nos ajudará muito.³⁰⁸

A programação musical da PRA8 também foi sofreu alterações. Com o novo direcionamento tomado pelo Brasil após a declaração de guerra ao Eixo, o controle e a censura do DIP sobre a Rádio Clube intensificam-se, principalmente em relação às músicas de compositores italianos e alemães que eram tocadas. Em ofício enviado pelo Departamento de Imprensa e Propaganda ao diretor do DEIP-PE em 18 de setembro de 1944, o então diretor da Divisão de Rádio do DIP, Enéas Machado de Assis, proíbe categoricamente “a irradiação de canções populares e militares em língua alemã ou italiana”, assim como as “óperas de Wagner cantadas em alemão ou italiano”.³⁰⁹ Por outro lado, se analisarmos a programação deste mesmo período, veremos que abriu-se mais espaço para as músicas de compositores americanos, como no programa *Melodias da Broadway*, que ia ao ar às nove e meia da manhã, irradiando as músicas executadas nos diversos musicais da Broadway.

Mas para elaborarmos uma abordagem mais ampla acerca da programação da PRA8, faz-se necessário analisarmos pormenorizadamente as representações acerca do Eixo e os Aliados nos programas da emissora, assim como o processo de construção das mesmas.

Na documentação referente à Rádio Clube encontrada no DOPS, foi localizado um de esboço de um roteiro de uma radionovela intitulada “Salve América”. Não há nomes de personagens definidos para a trama no texto encontrado. A temática envolvia um suposto ataque das nações do Eixo ao Brasil. Apesar de o documento não possuir data nem autoria definidas, provavelmente o texto da radionovela deve ter sido escrito durante a ocorrência da Segunda Guerra Mundial, mais precisamente depois que o governo Vargas rompe relações com a

³⁰⁸ APEJE, DOPS-PE, Interventoria, Fundo 5.

³⁰⁹ APEJE, DOPS-PE, Rádio Clube de Pernambuco, Prontuário Funcional nº 1106.

Alemanha e a Itália. Conforme Calabre, verifica-se nesse momento um crescimento considerável no número de radionovelas escritas e irradiadas nas principais emissoras brasileiras.³¹⁰ Temáticas como a guerra e o nazismo fizeram-se presentes em diversas radionovelas, como no fragmento da radionovela “Salve América”:

Controle – Disco “Salve América” 50 segundos e baixa.

Reinava a paz nas Américas. Nossa gente dormia calma e docemente as margens dos nossos rios e a sombra dos nossos coqueiros, quando os salteadores da Alemanha, do Japão e da Itália espalharam os seus tentáculos sangrentos sobre a terra do sol e da liberdade.

Mercedes – (Chora) Os nossos filhos tombaram vítimas da balas inimigas. Aqueles que eram a nossa serena alegria e seriam amanhã o sustentáculo dos nossos passos trôpegos e dos nossos cabelos brancos, foram esmagados pelos torpedos e sepultados no fundo do mar. Oh Deus! Oh Senhor de todas as terras! Vós que tendes em vossas mãos todos os soldados vermelhos ou amarelos, brancos ou negros, afastai dos nossos olhos os assassinos e dos ouvidos o troar dos canhões.³¹¹

Pela análise do trecho acima, vemos que não há personagens definidos na trama, uma vez que o nome “Mercedes” não se refere a uma personagem, mas sim a uma das principais atrizes de radionovelas e rádio-teatro do *cast* da PRA-8 na época, Mercedes Del Prado. Nesse texto, as representações do Eixo são de caráter negativo, tidos como elementos perturbadores da paz e da liberdade dos brasileiros. O texto também exalta a figura dos Aliados, mais especificamente do combatente americano, tido como herói diante das adversidades, exaltando-se valores como a coragem e a bravura frente aos inimigos:

Mães de toda a América. Aqui vos fala um filho, que como todo americano é um soldado. Enxugai as vossas lágrimas e mergulhai na doce contemplação do céu das Américas. O nosso sangue corre fervendo em nossas veias, como símbolo da nossa coragem e combatividade. Enxugai o vosso pranto e ouvi de Alain Gerbault, o nosso navegador solitário, estas palavras: “o marinheiro procura seu túmulo no fundo do mar”. Não chore nunca o marinheiro desaparecido, mas peça as ondas que o embale docemente.³¹²

Apesar de não ter entrado de imediato na guerra, o Brasil já estava se preparando para entrar no conflito, pois já em 1939 os reservistas brasileiros já estavam sendo convocados e colocavam-se a disposição do serviço militar. As manifestações pela entrada do Brasil na Segunda Guerra também foram temas recorrentes nas radionovelas. Tanto a ida como a participação na guerra foi retratada com orgulho nas radionovelas. Como vemos no trecho acima, aqueles que lutam no *front* são tidos como defensores da liberdade, cumprindo com suas

³¹⁰ CALABRE, op. cit., p. 198.

³¹¹ APEJE, DOPS-PE, Rádio Clube de Pernambuco, Prontuário Funcional nº1106.

³¹² APEJE, DOPS-PE, Rádio Clube de Pernambuco, Prontuário Funcional nº1106.

obrigações de cidadãos. Trata-se de uma luta da humanidade pela democracia. Já o retrato dos japoneses, alemães e dos germanófilos (mais especificamente do “quinta coluna”) costumava ser negativo, como no trecho abaixo:

O nosso inimigo maior não está cercado na Staraya Russa, nem lutando contra Mac Artur na Austrália. Está dentro de nossa casa. Está convivendo conosco em todos os transe de nossa vida. E esse soldado negro tem por programa, nos arrastar a derrota.
 Controle (disco de ruído de rádio)
 Fernando – Aqui fala uma estação de informações alemães em alguma parte do Brasil; os navios mercantes brasileiros partiram do porto tal para o porto tal.
 Controle – disco de rádio
 O quinta coluna é como um verme que rasteja aos nossos pés, para depois levantar-se como por milagre, transformando-se num dragão de garras poderosas.
 Controle – ruído de rádio
 Fernando – Imita japonês
 Controle – ruído de rádio
 Esta figura pequenina e amarela trama contra nossa liberdade e não corresponde a hospitalidade que lhe oferecemos.³¹³

Conforme vimos no fragmento acima, os súditos do Eixo são caracterizados como vilões da humanidade, inimigos que precisam ser perseguidos. Todos os alemães, japoneses e italianos em território inimigo são suspeitos de serem traidores e colaboradores do nazi-fascismo. No universo ficcional das radionovelas, eles estão sempre prontos a roubar planos, contrabandear mercadorias e transmitir informações através da espionagem.

Este fragmento de texto também pode ser concebido como um exemplo de como a guerra foi explorada pelos artistas em suas obras nesse período. Mais do que um motivo em si ou um simples tema a ser aproveitado e trabalhado, a temática da guerra foi uma matéria-prima transformada pela criatividade dos artistas num produto acabado, sob a forma de peças de teatro, gravações fonográficas, programas de rádio e espetáculos em geral. A guerra também foi uma oportunidade de socialização, onde os artistas mostravam-se úteis ao país e também às forças armadas, atuando como cidadãos participativos. Para Orlando de Barros, “houve uma ‘guerra dos artistas’, quando estes entenderam que podiam tomar parte no conflito de modo positivo, divertindo, consolando, animando”.³¹⁴ Nesse sentido, o papel dos radioatores que compunham o *cast* da PRA8 foi importante para o esforço de guerra nos momentos de dificuldade vivenciados pela população recifense durante o conflito mundial, pois:

De um ponto de vista político, o engajamento dos artistas no esforço de guerra foi muito bem-vindo. Era preciso convencer o amedrontado cidadão comum, tão fascinado com o enorme poder destruidor das armas novas, a enfrentar a situação

³¹³ Ibidem.

³¹⁴ BARROS, Orlando de. **A guerra dos artistas**: dois episódios da história brasileira durante a Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: E- Papers, 2010, p. 10.

perigosa, sob as dúvidas da capacidade defensiva do país. A população tinha de ser mobilizada, tornar-se cooperativa, aceitar os “black-outs”, a imposição de regras da chamada defesa passiva, as dificuldades de transporte, por causa do racionamento de combustíveis, a limitação do uso de muitos produtos de uso geral, e mesmo as cotas de alimentos. E seriam inevitáveis as baixas em combate, a chegada dos mortos e feridos, a convivência com a incerteza no campo de batalha.³¹⁵

Não foram encontradas notícias sobre essa radionovela na programação da Rádio Clube veiculada nos jornais, o que nos leva a crer que o texto possivelmente foi censurado.

A guerra também foi assunto das crônicas irradiadas pela Rádio Clube no programa *Crônica da Noite*, que ia ao ar por volta das dezenove horas na programação da emissora. Em meio a estas crônicas, destaca-se as do médico e escritor pernambucano Otávio de Freitas Júnior. A figura do “quinta-coluna” foi tema de uma destas crônicas:

É comum se confundir quinta coluna com espionagem. Nada mais errado. São coisas perfeitamente distintas. O espião é o indivíduo que fornece informações valiosas ao inimigo, que rouba segredos de guerra. O quinta-coluna é o sabotador da democracia. É o inimigo da libertação dos povos. O objetivo do espião é puramente militar. O do quinta-coluna é espiritual e cultural; é muito mais vasto. A espionagem é uma arma de guerra. A quinta coluna é uma atitude moral de degenerados.³¹⁶

Nesta crônica, Otávio de Freitas Júnior procura distinguir a figura do espião do quinta-coluna, concebendo a atividade do primeiro como uma atividade profissional, como algo útil e positivo num contexto de guerra. Já a atividade do quinta-coluna está associada a valores negativos como a traição e a degeneração da cultura e do povo, uma vez que o autor o concebe como um “sabotador da democracia”, um “inimigo da libertação dos povos”. Desde a década de 30 na Europa, as representações acerca do quinta-coluna tiveram várias acepções. Na Inglaterra, a imagem do quinta-coluna estava associada ao pacifismo que, de acordo com Hobsbawn, tornou-se uma corrente política popular entre a população inglesa até a década de 40, sendo adotado pelo governo britânico em face do avanço da Alemanha nazista. Todavia, a esperança que os ingleses depositaram no pacifismo para combater o avanço alemão na tentativa de evitar outro conflito mundial tornou-se ilusória, pois subestimaram o poderio bélico do Terceiro Reich. Ao mesmo tempo, as forças de resistência na Alemanha não tiveram êxito.³¹⁷

Assim, para os opositores do pacifismo na Inglaterra, era impossível lutar contra o nazi-fascismo sem armar-se. Para estes, a atitude pacifista perante o avanço de Hitler era uma atitude de traição à Grã-Bretanha, atividade do quinta-coluna. Na Espanha, a denominação do

³¹⁵ Idem, pp. 10-11.

³¹⁶ APEJE, DOPS-PE, Rádio Clube de Pernambuco, Prontuário nº 1106.

³¹⁷ HOBSBAWN, op. cit., pp. 153-155.

quinta-coluna foi dada para uma parcela da população que apoiava o General Franco na guerra civil contra os republicanos. Contudo, se analisarmos a representação do quinta-coluna num sentido mais particular e historicamente determinado,³¹⁸ veremos que no Brasil, a expressão “quinta-coluna” foi utilizada tanto como arma de acusação contra aqueles que manifestavam indiferença ou divergência em relação à posição política adotada pelo governo brasileiro a partir do alinhamento com os Estados Unidos na Segunda Guerra como também para designar os brasileiros simpatizantes do nazi-fascismo, pois, a partir do avanço das ideias e valores do nazi-fascismo em vários países, a expressão foi adotada para denominar os nacionais acusados de simpatizarem com tais ideias.³¹⁹

Democracia e liberdade também foram temas recorrentes nas crônicas de Otávio de Freitas Júnior, como a que foi irradiada na programação da PRA8 no dia 21 de setembro de 1943, intitulada *Sobre a liberdade*, onde Otávio de Freitas Júnior defende abertamente os valores incorporados pelos Aliados e critica de forma mordaz o intervencionismo, o militarismo e o autoritarismo defendidos pelos países do Eixo, comparando os alemães aos antigos déspotas:

Por mais violentos que tenham sido os antigos déspotas, ou sejam os contemporâneos fascistas, por mais aperfeiçoada que se tenha tornado a máquina da tirania, mais bizantina se mostra o faro policial dos nazismos, nada foi conseguido contra a liberdade de pensar. Ela é violentada pela máquina de propaganda dos ditadores, mas é impotente para dominar um espírito lúcido [...] Cercear a expressão do pensamento humano é ir de encontro à natureza. É pecar contra a dignidade da espécie humana. [...] A liberdade possui limites normais, limites impostos naturalmente. É o direito que a regula. São as convenções estabelecidas através dos tempos. [...] A pessoa humana sem liberdade é incompleta. A liberdade é um direito de que somente os indignos prescindem. E que somente os aproveitadores negam, em proveito próprio.³²⁰

Já na crônica *Os Direitos do Homem*, que foi ao ar no dia 22 de setembro de 1943, os aliados são representados como os defensores e propagadores da liberdade diante da ameaça dos súditos do Eixo, que são tidos como criminosos que atentam contra os “direitos do homem” (conforme a Declaração do Atlântico: direito de pensar, liberdade religiosa e expressão), como elementos que representam retrocesso na marcha do desenvolvimento humano:

Lesar os direitos do homem é função dos tiranos, assim como lesar os direitos de cada um em particular é função dos criminosos. Pois os tiranos são anomalias na marcha do progresso humano, e repelem o desenvolvimento normal da marcha civilizatória da espécie. [...] Cento e cinquenta anos depois da queda da Bastilha um retorno à tirania e ao despotismo ameaçou a humanidade. Nesta hora homens como Churchill e Franklin Delano Roosevelt, à frente de milhões de indivíduos decididos à luta,

³¹⁸ CHARTIER, op. cit., p. 20

³¹⁹ CORDEIRO, Philonila Maria Nogueira. **Ascensão das idéias nazistas em Pernambuco: a quinta-coluna em ação (1937-1945)**. Recife: 2005, c, p. 13.

³²⁰ APEJE, DOPS-PE, Rádio Clube de Pernambuco, Prontuário Funcional nº1106.

levantaram o estandarte dos direitos do homem e enfrentaram as forças aperfeiçoadas dos neo-bárbaros. Como um só homem os povos conscientes e amantes do Direito se levantaram, seguindo os paladinos da liberdade.³²¹

Se fizermos uma leitura acurada dessas crônicas, relacionando-as ao contexto local e ao cenário político da época, veremos que não se trata somente de uma crítica aos valores do Eixo e uma simples exaltação dos valores defendidos pelos Aliados no contexto do conflito mundial, mas também de uma crítica indireta ao regime do Estado Novo e a Interventoria de Agamenon Magalhães em Pernambuco, uma vez que o médico e escritor Otávio de Freitas Júnior, juntamente com Gilberto Freire e outros intelectuais pernambucanos da época, eram opositores do regime centralizador e intervencionista instalado por Getúlio Vargas e encabeçado por Agamenon Magalhães em Pernambuco. Nesse sentido, estas crônicas também podem ser lidas como uma crítica a ordem vigente, (tanto a nível nacional como a nível local) representando uma afronta ao regime do Estado Novo. Mais que isso, a leitura destas crônicas também indica que, mesmo que a emissora estivesse sob a influência de Agamenon e servindo como meio de doutrinação e propagação de verdades do seu governo, houve também arestas em sua programação que permitiu a circulação de ideias subversivas e de elementos de contestação à ordem vigente instaurada pelo regime de Vargas.

Mas se relacionarmos a crônica acima com o contexto da Segunda Guerra, verificamos a mesma contraposição entre as representações dos Estados Unidos e do Eixo observado por Mary Junqueira em seu estudo acerca da Revista Seleções, onde “ao tratar o alemão e o japonês como anticristãos, instala-se uma barreira intransponível baseada nas formas binárias e opostas: Estados Unidos – Cristão, Bem, Liberdade; Nazista/Japonês – Anticristão, Mal, Escravidão”.³²²

³²¹ APEJE, DOPS-PE, Rádio Clube de Pernambuco, Prontuário Funcional nº1106.

³²² JUNQUEIRA, Mary Anne. **Ao sul do Rio Grande**: imaginando a América Latina em Seleções: oeste, wilderness e fronteira (1942-1970). Bragança Paulista: EDUSF, 2000, p. 156.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o abandono da posição de neutralidade e o subsequente posicionamento do Brasil junto aos aliados na Segunda Guerra Mundial, a censura DIP/DEIP sobre a Rádio Clube de Pernambuco foi se intensificando, principalmente em relação às notícias sobre a presença de militares, bases e navios norte-americanos no Recife.

Através da análise da documentação referente à PRA8, vemos que o interventor Agamenon Magalhaes não só fez uso dos microfones da PRA8 para apaziguar os ânimos da população recifense diante do clima de tensão e hostilidades aos súditos do Eixo, mas também com fins propagandísticos, com objetivo de promover as realizações de seu governo, uma vez que a emissora constitui-se como um dos principais veículos de informação na capital pernambucana durante o Estado Novo, irradiando sua programação em ondas curtas em longo alcance.

Com a programação enviada pelos EUA às rádios brasileiras durante a Segunda Guerra, a Rádio Clube tornou-se alvo do americanismo difundido pela política cultural norte-americana, que visava conquistar os corações e mentes dos brasileiros através da americanização feita pelo cinema e também pelo rádio. A PRA8 passou a fazer parte da guerra travada no éter. Seu *dial* torna-se um verdadeiro *front* sonoro, ocorrendo disputas entre a radiodifusão alemã (mais especificamente a rádio Berlim) e a radiodifusão norte-americana por espaço na grade de programação da emissora. Ainda sobre a documentação analisada, também verificamos a luta de representações entre o Eixo e os Aliados em diversos programas irradiados, onde verificamos diversas tentativas de desconstrução, desqualificação e da associação da imagem dos alemães, italianos e japoneses com valores negativos num contexto de maniqueísmo e binarismo.

Se antes de 1942 os valores do Eixo eram exaltados como modelo de nação e de governo na imprensa pernambucana e na Rádio Clube, com a declaração de guerra do Brasil ao Eixo houve a censura sobre estes valores que, a partir de então, passaram a ter uma conotação negativa e perderam espaço na programação da PRA8, enquanto os Aliados e seus respectivos valores – democracia, liberdade – ganham conotação positiva e mais espaço nos programas irradiados pela emissora.

Vale ressaltar que o estudo sobre a Rádio Clube de Pernambuco durante o período analisado (quer seja em relação à sua estrutura, programação, funcionários e outros aspectos como a recepção do público diante da programação irradiada pela emissora) ainda se encontra

em fase de amadurecimento. Para realizarmos uma pesquisa mais ampla, faz-se necessário consultarmos a documentação de arquivos de outros países envolvidos na Segunda Guerra Mundial, como os Estados Unidos. Deve-se consultar também os arquivos brasileiros a fim de buscarmos fontes e documentos de diversas tipologias, especialmente os arquivos sonoros e audiovisuais, tais como: cinejornais, programas radiofônicos, boletins informativos, etc. Portanto, o presente trabalho contribui para que outras pesquisas análogas sejam feitas de modo a ampliar a historiografia em torno da temática.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. A indústria cultural. In: COHN, Gabriel (Org). **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1986.

_____. A Social Critique of Radio Music. In: STRAUSS, Neeil (Org.). Radiotext(e). New York, Semiotext(e), 1993, p. 279, APUD ZUCULOTO, Valcir. Debatendo com Brecht e sua teoria do rádio. In: MEDITSCH, Eduardo. **Teorias do rádio: textos e contextos**. Florianópolis: Insular, Vol. 1, 2005.

_____. A indústria cultural. In: COHN, Gabriel (Org). **Theodor Adorno**. São Paulo: Ática, 1986.

_____; HORKHEIMER, Max. **A dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

ALMEIDA, Maria das Graças Andrade Ataíde de. **A construção da verdade autoritária**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

ANDRADE, Mário de. A língua radiofônica. In: MEDITSCH Eduardo. **Teorias do rádio: textos e contextos**. Florianópolis: Insular, Vol. 1, 2005.

_____. **Empalhador de passarinho**. São Paulo: Martins, 1972. APUD PEREIRA, Neli Alves. Mário de Andrade: um talento poliédrico. In: MEDITSCH, Eduardo. **Teorias do rádio: textos e contextos**. Florianópolis: Insular, Vol. 1, 2005.

ARNHEIM, Rudolf. O diferencial da cegueira: estar além dos limites dos corpos. In: MEDITSCH, 2005, op. cit.

BARROS, Orlando de. **A guerra dos artistas: dois episódios da história brasileira durante a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2010.

BENJAMIN, Walter. **Documentos de cultura, documentos de barbárie: escritos escolhidos**. São Paulo: Cultrix, 1986.

_____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, Vol. 1, 1987.

BERTONHA, João Fábio. **Sob o signo do fascio**: o fascismo, os imigrantes italianos e o Brasil, 1919-1945. Tese doutorado, UNICAMP, 1998.

BRANT, Joseph E. **Segredos da guerra psicológica**: reminiscências da Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Difusora Cultural, 1967.

BRECHT, Bertold. Teoria do Rádio (1927-1932). In: MEDITSCH, 2005, op. cit.

BRETONHA, João Fábio. **Divulgando o Duce e o fascismo em terra brasileira**: a propaganda italiana no Brasil, 1922-1943. In: Revista de História Regional Universidade Estadual de Ponta Grossa.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia**: de Gutemberg à internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

CALABRE, Lia. **O rádio na sintonia do tempo**: radionovelas e cotidiano (1940-1946). Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2006.

CALABRE, Lia. História e rádio: um campo de estudos promissor. In: **Revista do Mestrado de História**. Universidade Severino Sombra, vol. 9, nº 10, 2007, p. 77-78.

_____. **A era do rádio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

CÂMARA, Renato Phaelante. **Fragmentos da história do Rádio Clube de Pernambuco**. Recife: CEPE, 1998.

CAPELATO, Maria Helena. **Multidões em cena**: propaganda política no varguismo e no peronismo. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 2002.

COLBY, Gerald & DENENETT, Charlotte. **Thy will be done. The conquest of the Amazon**: Nelson Rockefeller and evangelism in the age of oil. Nova York, Harper Collins, 1995, p. 96.
APUD TOTA, Antônio Pedro. **O imperialismo sedutor**: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CONN, Stetson; FAIRCHILD, Byron. **A estrutura de defesa do Hemisfério Ocidental**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2000.

CORDEIRO, Philonila Maria Nogueira. **Ascensão das ideias nazistas**: a quinta-coluna em ação (1937-1945) Recife: UFPE, 2005. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em História.

DUARTE, Paulo de Queiroz. **Dias de guerra no Atlântico Sul**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1968.

_____. **O Nordeste na II Guerra Mundial**: antecedentes e ocupação. Rio de Janeiro: Record, 1971.

ESQUENAZI, Rosamary. **O rádio na Segunda Guerra**: no ar, Francis Hallawell, o Chico da BBC. Florianópolis: Insular, 2014.

FÁVERI, Marlene. **Memórias de uma (outra) guerra**: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina. Florianópolis: Editora da UFSC, 2004.

FEDERICO, Maria Euvira. **História da Comunicação**: Rádio e TV no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1982.

FELDHUES, Paulo Raphael Pires. **Tradição e modernidade no Recife do Estado Novo**: considerações à luz das propagandas política e comercial. Brasília: UNB, Programa de Pós-Graduação em História, 2010.

FEJES, Fred. **Imperialism, media, and Good Neighbor**: new deal foreign policy and United States shortwave broadcasting to Latin America. New Jersey: Ablex, 1986

FERRARETO, Luis Artur. **Aqui, o rádio de lá**: uma análise histórica das influências estrangeiras nas emissoras brasileiras. In: **Animus – revista interamericana de comunicação midiática**. Mestrado em Comunicação da UFMS. v. 18, jul-dez 2010, p. 94-95.

_____. Porto Alegre: a Segunda Guerra é aqui (não só) pelas ondas do rádio. In: GOLIN, Cida; ABREU, João Batista de (Orgs.). **Batalha Sonora**: o rádio e a Segunda Guerra Mundial. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

FERRAZ, Francisco César. **Os brasileiros e a segunda guerra mundial**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia. **O Brasil Republicano: o tempo do nacional-estatismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

FONSECA, Manoel Felipe Batista da. **Base Fox: aspectos do estabelecimento e do desenvolvimento da base naval da U.S. Navy no Recife durante a Campanha do Atlântico Sul (1941-1943)**. 2014. 180 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

FORNARI, Ernani. **O incrível padre Landell de Moura**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984.

FRANZOLIN, João Artur Ciciliato. **Uma aposta arriscada: o Jornal Meio Dia e o nazismo (1939-1942)**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013.

FREIRE JÚNIOR, Olival; SILVA, Indianara. Diplomacia e ciência no contexto da segunda guerra mundial: a viagem de Arthur Compton ao Brasil em 1941. In **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 34, nº 67, 2014.

GALDIOLI, Andreza da Silva. **A cultura norte-americana como um instrumento do Soft Power dos Estados Unidos: o caso do Brasil durante a Política da Boa Vizinhança**. São Paulo: 2008, Dissertação de mestrado.

GAMBINI, Roberto. **O duplo jogo de Getúlio Vargas: influência americana e alemã no Estado Novo**. São Paulo: Símbolo, 1977.

GOLDBERG, Nicolas. **Dicionário radiotécnico brasileiro**. São Paulo: Edição do Autor, 1964.

GOLIN, Cida; ABREU, João Batista de. **Batalha sonora: o rádio e a Segunda Guerra Mundial**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

GOMINHO, Zélia de Oliveira. **Veneza Americana X Mucambópolis: o estado novo na cidade do Recife**. Recife: CEPE, 1998.

GOULART, Silvana. **Sob a verdade oficial: ideologia, propaganda e censura no Estado Novo**. São Paulo: Marco Zero, 1990.

HAUSSEN, Doris Fagundes. **Rádio e política: tempos de Vargas e Peron**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

HILTON, Stanley. **A guerra secreta de Hitler no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

HOBSBAWN, Eric J. **Era dos Extremos: o breve Século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor. A indústria cultural: o iluminismo como mistificação das massas. In: LIMA, Luis Costa (Org). **Teoria de cultura de massa**. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

IANNI, Octávio. **Imperialismo na América Latina**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1988.

JAMBEIRO, Othon. **Tempos de Vargas: o rádio e o controle da informação**. Salvador: EDUFBA, 2004.

JUNQUEIRA, Mary Anne. **Ao sul do Rio Grande: imaginando a América Latina em Seleções: oeste, wilderness e fronteira (1942-1970)**. Bragança Paulista: EDUSF, 2000.

KLÖCKNER, Luciano. **O Repórter Esso: a síntese radiofônica mundial que fez história**. Porto Alegre: EDIPUC, 2008.

LENHARO, Alcir. **Sacralização da política**. 2. ed. São Paulo: Papyrus, 1986.

_____. **Cantores do rádio: a trajetória de Nora Ney e Jorge Goulart e o meio artístico de seu tempo**. Campinas: UNICAMP, 1995.

LOCHERY, Neill. **Brasil: os frutos da guerra**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

MACEDO, Kárita Bernardo de. O “*Office of the Coordinator of Inter-American Affairs*” **entra em cena: novas abordagens para uma política de Boa Vizinhança**. Anais do 9º Encontro Nacional de História da Mídia, 2013.

MANN, Thomas. **Ouvintes alemães!:** discursos contra Hitler (1940-1945). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

MARANHÃO FILHO, Luiz. **Memória do Rádio**. Recife: Editora Universitária UFPE, 2000.

_____. **Raízes do rádio**. Olinda: Ed. do Organizador, 2012.

MAUAD, Ana Maria. O olhar engajado: fotografia contemporânea e as dimensões políticas da cultura visual. IN **Revista ArtCultura**. Uberlândia, v. 10, n. 16.

MAYNARD, Dilton Cândido Santos. **Ao pé do ouvido**: Sergipe, o Estado Novo e a criação da Rádio Aperipê. São Cristóvão: Editora UFS, 2014.

MEDITSCH, Eduardo (Org.) **Rádio e pânico**: a guerra dos mundos, 60 anos depois. Florianópolis: Insular, 1998.

_____. **Teorias do rádio**: textos e contextos. Florianópolis: Insular, Vol. 1, 2005.

_____. Rudolf Arnheim e o potencial expressivo do rádio. In: MEDITSCH, Eduardo. **Teorias do rádio**: textos e contextos. Florianópolis: Insular, Vol. 1, 2005.

MOREIRA, Sônia Virgínia. **O rádio no Brasil**. Rio de Janeiro: Mil Palavras, 2000.

_____. **Nikola Tesla, o inventor no ambiente de criação da transmissão sem fio**. In: MEDITSCH, Eduardo. **Teorias do rádio**: textos e contextos. Florianópolis: Insular, Vol. 1, 2005.

_____. O rádio nos anos 30 nos EUA: o entorno de *A Guerra dos Mundos*. In: MEDITSCH, Eduardo. **Teorias do Rádio**: textos e contextos. Florianópolis: Insular, 2005.

MOURA, Gerson. **Tio Sam chega ao Brasil**: a penetração cultural americana. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

_____. **Autonomia na dependência**: a política externa brasileira de 1935 a 1942. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

_____. **Relações Exteriores do Brasil: 1939-1945**: mudanças na natureza das relações Brasil-Estados Unidos durante e após a Segunda Guerra Mundial. Brasília: FUNAG, 2012.

_____. **Sucessos e ilusões**: relações internacionais do Brasil durante e após a Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1992.

OLIVEIRA, Dennison de. **Aliança Brasil-EUA**: nova história do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Curitiba: Editora Juruá, 2015.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio**: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. São Paulo: Summus, 1985.

_____. Radiojornalismo no Brasil: fragmentos de História. In **Revista USP**. São Paulo, nº 56, p. 72, dezembro/fevereiro 2002-2003.

PANDOLFI, Dulce. **Pernambuco de Agamenon Magalhães**: consolidação e crise de uma elite política. Recife, Fundação Joaquim Nabuco, 1984.

_____. (Org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

PARAÍSO, Rostand. **O Recife e a 2ª Guerra**. Recife: Bagaço, 2003.

PEREIRA, Neli Alves. Mário de Andrade: um talento poliédrico. In: MEDITSCH, Eduardo. **Teorias do rádio**: textos e contextos. Florianópolis: Insular, Vol. 1, 2005.

PRADO, Magaly. **História do Rádio no Brasil**. São Paulo: Boa Prosa, 2012.

PROST, Antoine. Fronteiras e espaços do privado. In: PROST, Antoine; VINCENT, Gérard (Orgs.). **História da vida privada**: da Primeira Guerra a nossos dias. São Paulo: Companhia das Letras, Vol. 5, 1992.

ROWLAND, Donald W. **History of Office of the Coordinator of Inter-American Affairs**. Washington: Government Printing Office, 1947.

SANTOS, César Augusto Azevedo dos. **Landell de Moura ou Marconi, quem é o primeiro?** Anais do XXVI Congresso brasileiro de ciências da comunicação. Belo Horizonte, 2003.

SCHAEFFER, Pierre. **Ensaio sobre o rádio e o cinema**: estética e técnica das artes-relé, 1941-1942. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SCHOUTZ, Lars. Estados Unidos: poder e submissão, uma história da política norte-americana em relação à América Latina. Bauru: EDUSC, 2000, p. 341. APUD MACEDO, Kárita Bernardo de. O **“Office of the Coordinator of Inter-American Affairs” entra em cena**: novas abordagens para uma política de Boa Vizinhaça. Anais do 9º Encontro Nacional de História da Mídia, 2013.

SEITENFUS, Ricardo. **O Brasil vai à guerra**: o processo de envolvimento brasileiro na Segunda Guerra Mundial. Barueri: Manole, 2003.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnicas, ritmos e ritos do Rio. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, Vol. 3, 1998.

SIQUEIRA, Ethevaldo. Revolução digital: história e tecnologia no Século 20. APUD PRADO, Magaly. **História do rádio no Brasil**. São Paulo: Boa Prosa, 2012.

SOUSA, Marquillandes Borges de. Rádio e propaganda política: Brasil e México sob a mira norte-americana durante a Segunda Guerra. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2004.

SOUSA NETO, José Maria Gomes de. **Sonhos de Nabucodonosor**: aspectos da propaganda do Estado Novo pernambucano. Recife: UFPE, Tese (doutorado). CFCH, Programa de Pós Graduação em História, 2005.

TARDIEU, Jean. Grandeurs et faiblesses de la radio: essai sur le l'évolution, le role et da portée culturelle l'art radiophonique dans la société contemporaine. Paris, UNESCO, 1969. P. 17. APUD CALABRE, Lia. **O historiador e o rádio**: relações em questão. Trabalho apresentado ao NP 6-Rádio e Mídia Sonora do V encontro dos núcleos e pesquisas do INTERCOM.

TOTA, Antônio Pedro. **O imperialismo sedutor**: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. **A locomotiva no ar**: rádio e modernidade em São Paulo, 1924-1934. São Paulo, Secretaria de Estado e Cultura, 1990.

_____. **Os americanos**. São Paulo: Contexto, 2014.

VAMPRÉ, Octavio Augusto. **Raízes e evolução do rádio e da televisão**. Porto Alegre: FEPLAM, 1979.

WHITAKER, A. P. Las Americas en un mundo en crisis. Lancaster: Lancaster, 1946, p. 19. APUD GALDIOLI, Andreza da Silva. **A Cultura norte-americana como um instrumento do soft power dos Estados Unidos**: o caso do Brasil durante a Política da Boa Vizinhaça. São

Paulo: 2008, pp. 92-93. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas.

ZUCULOTO, Valcir. Debatendo com Brecht e sua teoria do rádio. In: MEDITSCH, Eduardo. **Teorias do rádio**: textos e contextos. Florianópolis: Insular, Vol. 1, 2005.

APÊNDICE A - ACERVOS E FONTES CONSULTADAS

Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano, Recife, Pernambuco, Brasil (APEJE)

Delegacia de Ordem Política e Social de Pernambuco

Rádio Clube de Pernambuco, Prontuário Funcional nº 1106.

Consulado Alemão, Prontuário Funcional nº 29444

Walter Grapentin, Prontuário individual nº 3138.

Otto Schiller, Prontuário Individual nº 5531.

Oscar Moreira Pinto, Prontuário Individual nº 2243.

Hans Heinrich Sievert. Prontuário individual nº 7351.

Pedro Vieira de Lima, Prontuário Individual nº1553.

ALA LITÓRIA – Aviões LATI, Prontuário Funcional nº 5230

Espionagem, Prontuário Funcional nº 27524

Informantes (agentes secretos), Prontuário Funcional nº 29828

7ª Região Militar (súditos do Eixo), Prontuário Funcional nº 3954

Ação pernambucana contra o fascismo, Prontuário nº 27883

Fundos Diversos

Interventoria, Fundos 5 e 6.

Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda – DEIP-PE, Prontuário Funcional nº 28626.

Hemeroteca

Folha da Manhã (Edição Matutina) 1941-1943

FUNDAJ

Projeto Memória do Rádio – Entrevista com Abílio de Castro

SITES CONSULTADOS

<http://www2.planalto.gov.br>

<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital>

<http://www2.camara.leg.br>